



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO -CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –
MESTRADO PROFISSIONAL- MPEJA



IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

**DO CHÃO DA ESCOLA Á CASA DO PROFESSOR: UM ESTUDO ENTRE O
CURRÍCULO PRESCRITO E O VIVIDO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EJA
NA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR JÚLIO CÉSAR LEITE EM ESTÂNCIA-
SERGIPE**

Salvador
2022

IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

**DO CHÃO DA ESCOLA Á CASA DO PROFESSOR: UM ESTUDO ENTRE O
CURRÍCULO PRESCRITO E O VIVIDO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EJA
NA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR JÚLIO CÉSAR LEITE EM ESTÂNCIA-
SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – Mestrado Profissional -MPEJA, Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Área de Concentração 2 – Formação de Professores e Políticas Públicas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Profa. Dra. Edite Maria da Silva de Faria

Salvador
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

d999d

da Silva, Ivoneide Cardeal

Do Chão da Escola à Casa do Professor: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe / Ivoneide Cardeal da Silva. - Salvador, 2022.

133 fls : il.

Orientador(a): Edite Maria da Silva de Farias .

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2022.

1.Educação de Jovens e Adultos. 2.Currículo Prescrito. 3.Currículo Vivido. 4.Formação Continuada de Professores.

CDD: 374

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)

MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

“DO CHÃO DA ESCOLA Á CASA DO PROFESSOR: UM ESTUDO ENTRE O CURRÍCULO PRESCRITO E O VIVIDO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR JÚLIO CÉSAR LEITE EM ESTÂNCIA- SERGIPE”

IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, em 16 de setembro de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:


Prof. Dra. EDITE MARIA DA SILVA DE FARIA (UNEB)
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia


Prof. Dr. JOSE VEIGA VINAL JUNIOR (UNEB)
Doutorado em Língua e Linguística
Universidad de Vigo


Prof. Dr. BENEDITO GONÇALVES EUGÊNIO (UESB)
Doutorado em educação
Universidade Estadual de Campinas

“As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento.” (Paulo Freire, 2015)

Dedico esse fruto aos sujeitos e sujeitas da EJA no país, em especial aqueles dos estados da Bahia e Sergipe.

Dedico aos homens e mulheres da laranja, da mangaba, dos buscapés, dos livros, dos cadernos, das enxadas, das peneiras ... que resistem aos fortes ventos e semeiam nas plantações amargas da vida a esperança de um mundo melhor, um mundo mais “doce”.

Para a EJA, pela EJA e com a EJA.

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer, sem dúvida é o momento de emanar sentimento às narrativas que deram sentido a esse percurso. Foi uma caminhada marcada pela resistência, o que chamo de teimosia. Aqui, abro espaço para dispor do poema de Ochelsis de Aguiar Laureano que diz:

*No meio da corredeira,
Por de trás da cachoeira,
Não sei como foi nascer,
Um valente capinzinho,
Que apesar de ser fraquinho,
Lutava pra vencer.*

*Aquele capim mimoso,
Que te batizei por teimoso,
Parecia com fé lutar,
Na corredeira arcadinho,
Lutava e conseguia alevantar.*

*Mal o pobre se empinava,
Seguidinha se curvava,
Numa luta contra a sorte,
Como que para mostrar,
Que a teimosia em lutar,
Transforma o fraquinho em forte.*

*Que lição interessante,
Me ensinou naquele instante,
Aquele capim mimoso,
A vida é uma corredeira,
E a gente queira ou não queira,*

Tem que ser capim teimoso.

Assim como o capinzinho teimoso cresce ao lado dos seus e juntos formam a bela composição do mais puro verde, assim foi essa caminhada, ao lado dos meus.

Começo agradecendo a força que na minha crença transcende o tempo e espaço e aqui o chamo de “criador”.

Continuo com uma palavra que ecoou com tanto significado nessa caminhada, “coletivo”. Assim, meus agradecimentos serão expressados pelos espaços quais passei e fui me constituindo de “bocadinho e bocadinho”, deixando um pouco de mim e trazendo um pouco de cada um. Agradeço...

À família, o primeiro coletivo do ser, onde damos os primeiros passos, para essa jornada chamada vida. Desde os constituídos dos laços sanguíneos à aqueles com laços afetivos, que juntos seguiram firmes nesta caminhada, com afeto minhas

matriarcas Mãe Maria Nery, Vó Dona Didi da Fonte da Passagem, ao meu irmão e mecânico Charles e ao meu descendente João Henrique, ele que continuará escrevendo a história dessa família, ao filho que a vida permitiu cruzar meu caminho, Robert Vieira, obriga por acompanhar e cuidar das minhas travessias noturnas com destino, ao Tio Juca, ele militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que me ensinou através do exemplo que a vida é lutar.

Aos professores que desde a infância aos dias de hoje, mantêm vivo o “pulsar” pela docência, em especial minha madrinha Patrícia Guimarães, qual também foi minha professora de Inglês da 6ª a 8ª série.

Aos amigos e amigas, por sempre acreditarem que era possível. Aqui manifesto apreço ao filho da marisqueira, o menino do Porto do Mato, e a tudo que ele e sua comunidade representa, hoje Professor e Mestre Genilson Ferreira por incentivar “O Sonho de Ícaro”.

A “turma da laranja”, homens e mulheres rio-realenses que tiram deste fruto o alimento diário, trago aqui o Cabo de Turma Branco e a catadora Dona Marilene, pessoas de muita força e coragem.

Ao Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA), todos os alfabetizandos e alfabetizadores que comigo iniciaram a caminhada em sala de aula de alfabetização na cidade de Rio Real na Bahia, trago aqui os alfabetizadores da época Huguimara Lima, Jair Moreira, Joelson Santos, Lívia Guimarães e Clarice.

À Secretaria Municipal de Educação de Indiaroba (SEMEI) e seus profissionais na educação Indiarobense, por garantir o direito à formação continuada.

Ao Colégio Valadares atual Colégio Municipal Professora Irinete Cardoso Costa, e todos os educadores e educandos por fazerem dos desafios diários da escola um ponto de encontro.

Ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica do Estado de Sergipe (SINTESE) por “Sua vida inteira de luta”, pelos direitos dos educadores e educandos sergipanos.

À Secretaria Municipal de Educação de Estância (SEME) e seus profissionais na educação estanciana, por receber e partilharem saberes, aqui externo a Deise Fabyane.

Ao Conselho Municipal de Educação de Estância (CMEE) na pessoa da Professora Sheila Carlinda, pela partilha de informações.

À Escola Municipal Senador Júlio César Leite (JCL) e a todos que fazem desta a “escola da carroceata”. Destaco os educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aqui *In memoriam* ao Professor Paulo, que antes de partir desse plano, demonstrava diariamente a paciência e amorosidade no ensino da matemática aos estudantes da EJA.

Ao coletivo Casa do Professor, espaço de formação continuada para a rede pública de educação estanciana, aqui representado pelo Professor Dr. Damião, com quem foi mantido diálogo nas andanças da pesquisa.

Aos professores aqui representado pelo Professor Dr. Amorim e os servidores aqui representados por Nildete e Senhor Fernando, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, (MPEJA), por apresentarem a rigorosidade da pesquisa e sua importância.

A Turma 07 do MPEJA, esta constituída por colegas que compartilharam saberes e sabores, abro parênteses para Vagner Paim, Emilia Urpia, Semar Leite, Cristiane Assis, Carlos Mamona, Gevaldo Araújo, Gênesis Oliveira, Luana Machado e Nayara.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPALE) Bahia, e seus “girassóis” pesquisadores, registro aqui Jones Paixão, Jeane Nascimento, Yara Ferreira e Kátia Fillardis.

Neste percurso, tem aquelas pessoas que caminham conosco desde sempre, e também tem aquelas que chegam na reta final e compartilham da escrita, aqui agradeço a Thiago Lins.

Aos professores da Banca de Defesa, Professor Dr. José Veiga e Professor Dr. Benedito, pela forma respeitosa pela qual conduziram o processo de aprendizagem, desde a qualificação a defesa, como também incentivarem a continuidade nos estudos.

E por fim, a minha orientadora, a Professora Dr^a Edite de Faria, ela que desde o primeiro momento da caminhada enquanto pesquisadora, de forma honrosa, acolheu, ensinou, provocou e inspirou a produção de cada linha desta escrita, e fez “florir” o desejo pela pesquisa.

SILVA, Ivoneide Cardeal da. **Do chão da escola à casa do professor**: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

O presente estudo é uma análise da temática as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as práticas pedagógicas construídas na escola, no viés entre o que é prescrito e o que é vivido. O objetivo geral foi identificar as possibilidades de construção de uma formação continuada para educadores da EJA em Estância, Sergipe, na perspectiva de currículo vivido e identidade cultural estanciana. Os objetivos específicos são: apontar as construções curriculares para EJA no município de Estância, Sergipe após a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacar práticas pedagógicas vivenciadas no chão da escola na perspectiva do currículo vivido e elencar elementos para a formação continuada de educadores da EJA para a Casa do Professor, um espaço coletivo de estudo. Esta pesquisa teve como *lócus* de estudo a Escola Municipal Senador Júlio César Leite, tendo por pesquisados os educadores que ensinam na EJA, no turno noturno. Trata-se de uma pesquisa aplicada. Para o desenvolvimento da investigação, optamos pela abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa de campo e utilizamos como instrumentos de produção de dados e informações, a análise documental, um roteiro de entrevista com questionários semiestruturados e uma roda de conversa. Como produto final, propomos uma formação continuada para professores da EJA através de ciclos formativos, com temas geradores partindo das proposições indicadas pelos sujeitos pesquisados, e para consolidar o ciclo propomos a produção coletiva de um almanaque intitulado: “A EJA na Capital Brasileira do Barco de Fogo”

Palavras-Chave: A EJA. Currículo prescrito. Currículo vivido. Formação continuada de professores.

SILVA, Ivoneide Cardeal da. **From the school floor to the teacher's home: a study between the prescribed and the lived curriculum for the Pedagogical Practice of EJA at the Municipal School Senator Júlio César Leite in Estância- Sergipe.** Dissertation (Professional Master's in Youth and Adult Education) – Bahia State University, Salvador, 2021.

ABSTRACT

The present study is an analysis of the theme of the Curriculum Guidelines for Youth and Adult Education (EJA) and the pedagogical practices built at school, in the bias between what's prescribed and what's lived. The general objective was to identify the possibilities of building a continuing education for EJA educators in Estância, Sergipe, from the perspective of a lived curriculum and estancian cultural identity. The specific objectives are: to point out the curricular constructions for EJA in the municipality of Estância, Sergipe after the National Common Curricular Base (BNCC), to highlight pedagogical practices experienced on the school floor from the perspective of the lived curriculum and to list elements for the continuing education of educators from EJA for the Teacher's House, a collective study space. This research had as locus of study the Municipal School Senator Júlio César Leite, having as researched the educators who teach in the EJA, on the night shift. It's about applied research. For the development of the investigation, we opted for a qualitative approach from field research and used as instruments for the production of data and information, document analysis, an interview script with semi-structured questionnaires and a conversation circle. As a final product, we propose a continuing education for EJA teachers through formative cycles, with generating themes starting from the propositions indicated by the researched subjects, and to consolidate the cycle we propose the collective production of an almanac entitled: "The EJA in the Brazilian Capital of the Boat of Fire"

Keywords: The EJA. Prescribed curriculum. Lived curriculum. Continuing teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa do Currículo de Sergipe	65
Figura 02 Capa do Caderno Complementar de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	68
Figura 03 Sumário do Caderno Complementar de Educação de Jovens, p. 11.....	69
Figura 04 Sumário do Caderno Complementar de Educação de Jovens, p. 12.....	69
Figura 05: Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, centro, Estância, SE	72
Figura 06: O Barco de Fogo.....	73
Figura 07: Organização da EJA antes da resolução Municipal nº 0131	76
Figura 08: Organização da EJA pós da resolução Municipal nº 0131	76
Figura 09: Números de educandos e educadores da EJA em Estância no 1º semestre de 2021	81
Figura 10: Carroça de uma turma da EJA (2018)	85
Figura 11: Carroça com Santos Juninos organizados por turmas da EJA (2018)	85
Figura 12: Cortejo pelas ruas e a presença da comunidade	86
Figura 13: Taboca com a personagem Samarica	87
Figura 14: Elementos inspiradores no centro da roda de conversa.....	96
Figura 15: Roda de conversa apresentando a pesquisa	97
Figura 16: Página 01 do Almanaque	104
Figura 17: Página 02 do Almanaque	105
Figura 18: Página 03 do Almanaque	106
Figura 19: Página 04 do Almanaque	107
Figura 20: Página 05 do Almanaque	108
Figura 21: Página 06 do Almanaque	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Teorias de currículo e suas concepções.....	43
Tabela 2: Dissertações defendidas e publicadas no MPEJA/UNEB	52
Tabela 3: Publicações na ANPED acerca do Currículo da EJA.....	53
Tabela 4: Organização das Etapas na EJA em Estância, Sergipe	77
Tabela 5: Ações/projetos desenvolvidos na escola – PPP	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Identificação dos educadores entrevistados, quanto ao gênero, pertencimento étnico racial e formação acadêmica	88
Quadro 02: Identificação dos educadores entrevistados, quanto a formação e atuação na EJA	88
Quadro 03: Resultados da primeira pergunta da entrevista semiestruturada.....	89
Quadro 04: Resultados da segunda pergunta da entrevista semiestruturada.....	93
Quadro 05: Perguntas nas rodas de conversas.....	95
Quadro 06: Organização dos ciclos formativos: “Chão da Escola”	99
Quadro 07: Organização dos ciclos formativos: “Casa do Professor”	101

LISTA DE SIGLAS

AJA – ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

APNPs – ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NÃO PRESENCIAIS

ANPEd – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CEFET- CENTROS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

COEJA – COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CONMEE – CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTÂNCIA

CONSED – CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO

COVID – CORONA VIRUS DISEASE

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CPE – CLUBE DOS POETAS ESTANCIANOS

DOESE – DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

DR 01 – DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

GEPALE – GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM POLÍTICA E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

GT's – GRUPOS DE TRABALHO

IF- INSTITUO FEDERAL

JCL – JÚLIO CÉSAR LEITE

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MOBRAL – MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

MPEJA- MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

NEJA – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA A SAÚDE

PAB- PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

PROEJA- PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTO

ProBNCC – PROGRAMA ESTADUAL DE IMPLEMENTAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.

PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

SEED – SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA.

SEME – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SRM- SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

SINTESE – SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE SERGIPE

TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TDICs – TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TOPA – TODOS PELA ALFABETIZAÇÃO

UNEB- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

UNDIME – UNIÃO DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. DA LARANJA A MANGABA, O CAMINHAR FORMATIVO DA MESTRANDA E PESQUISADORA	27
2. O CAMINHAR METODOLÓGICO: A COLETA DA PESQUISA	34
2.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA: FORROFIANDO NO JÚLIO, DE SÃO JOÃO A GENTE ENTENDE.	35
2.2 O ESTUDO DOCUMENTAL.....	37
2.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	38
2.4 ANÁLISE OS RESULTADOS	40
3. CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO: DO BAMBU A TABOCA, O PROCESSO DE QUENTURA QUE FAZ A MATÉRIA-PRIMA VIRAR ARTE	42
3.1 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO: PERCEPÇÕES NECESSÁRIAS SOBRE O CURRÍCULO VIVO E VIVIDO.....	46
3.2 CURRÍCULO DA EJA, SABERES NECESSÁRIOS	48
3.3 CURRÍCULO INSTITUÍDO: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EJA.....	55
3.4 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	58
4.A EJA EM SERGIPE: DESEMBOLANDO O CORDÃO	62
4.1 O CURRÍCULO PRESCRITO DE SERGIPE	64
4.2 A EJA NA CIDADE CAPITAL DO BARCO DE FOGO	70
5. DO CHÃO DA ESCOLA A CASA DO PROFESSOR, DO PRESCRITO AO VIVIDO. A ANÁLISE DE DADOS	77
AS CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ESPETÁCULO DO ESTALAR DA FAÍSCA ...	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	126

1. MATRIZ CURRICULAR DA EJA EM ESTÂNCIA, SERGIPE	126
2. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS EDUCADORES	127
3. ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA	129

INTRODUÇÃO

*laiá, me dá teu remo,
Teu remo pra eu remar,
Meu remo caiu, quebrou-se,
laiá, lá no alto-mar!*

Composição: Antônio Nóbrega / Wilson Freire

No deleite deste verso de emboladas nordestinas (um ritmo musical que se assemelha com o repente na arte do improvisado), cantado e declamado na batucada estanciana¹, apresentamos esta pesquisa, sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), intitulada: Do Chão da Escola à Casa do Professor: Um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância - Sergipe.

O presente estudo trata da temática as diretrizes curriculares da EJA e as práticas pedagógicas construídas na escola, no viés entre o que é prescrito e o é vivido. O currículo é para além de importante documento norteador no processo de ensino e aprendizagem. Este é um espaço fecundo, onde a diversidade deve expressar-se numa luta constante de ressignificação e resistência.

Localizada no litoral Sul Sergipano, distante há 56Km da capital Aracaju, está a Cidade Jardim de Sergipe, Estância. Será ela, o nosso “porto” de pesquisa, embalados pela batucada e encantados pelo show pirotécnico do barco do Marujo Chico Surdo², remaremos na intensidade e brilho que só os buscapés³ estancianos possuem.

Os festejos juninos na cidade de Estância, trazem tradições particulares que evidenciam a identidade do seu povo, desde a culinária, a dança, a música, a decoração, os trajes, às chamas dos buscapés e do barco de fogo, estes fazem do mês de junho um festival de cores, sabores e emoção. Tais elementos desembocam com intensidade no chão da escola, uma vez que toda a cidade vive e respira essa

¹ A Batucada é uma manifestação folclórica bastante difundida no município de Estância. Os instrumentos musicais (tambor, reco-reco, ganzá e triângulo) e o compasso rítmico das batidas dos pés são as características mais marcantes.

² Antônio Francisco da Silva Cardoso, conhecido por Chico Surdo, criador do Barco de Fogo.

³ Tipos de artefatos produzidos com bambu, cordão e pólvora. Muito utilizado nos festejos juninos e emento

atmosfera junina e os fazeres para que estes elementos aconteçam são realizados por estancianos e estancianas que estão direta e indiretamente ligados a escola, seja como educando, educador, família, comunidade, neste sentido, nossa pesquisa dar-se-á no chão da Escola Municipal Senador Júlio César Leite (JCL).

A Escola JCL, está localizada à Rua General Pedra, 516, no Centro da cidade, próxima a Avenida Getúlio Vargas, porém mais popularmente conhecida como “Rua Nova”, onde também está localizado o Bar de Seu Adelson, senhor de idade avançada, proprietário de um pequeno estabelecimento, que anualmente organiza festejos juninos na Rua Nova no dia de Santo Antônio 13 de junho. Neste dia é realizada a famosa corrida de jegue e em seguida a “Guerra de Buscapés”, atividades que iniciam no começo da tarde e se estende até o amanhecer do dia seguinte ou até quando tiver buscapé, evidenciando ainda mais a expressividade dos festejos juninos.

Neste movimento intenso ao redor da escola, ela por sua vez, realiza anualmente o desfile de carroças decoradas pelas principais ruas da cidade, enfeitadas por educandos e educadores, o fruto é resultado de um trabalho desenvolvido ao longo do ano e intensificado nos meses de maio e junho.

Presente no Projeto Político Pedagógico (PPP), a ação intitulada **Forrofiando no Júlio, de São João a gente entende**, permite que todos os anos a escola trabalhe a cultura estanciana em seus vários aspectos, com objeto principal os festejos juninos. Uma característica evidenciada nesta prática pedagógica da escola é o protagonismo dos sujeitos em um movimento cíclico na construção dos seus saberes, legitimando em sala de aula as suas vivências.

Apesar do encantamento único da cultura local, esse movimento em sala dar-se-á em dores e prazeres, como nos apresenta Arroyo (2011), A sala de aula, o que trabalhar, o currículo na prática são os espaços onde se vivenciam nossas realizações, mal-estares e até as crises da docência. No trabalho nesse espaço, tanto educadores quanto educandos experimentam frustrações, desânimos, incertezas, cansaço, mas também vivenciam realizações, compromissos ético-políticos, que vão configurando outros profissionais e outros educandos.

O ano de 2019 foi o estabelecido como o último ano para adaptação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, tornando-se uma referência nacional obrigatória para processo de elaboração de currículos, materiais didáticos,

políticas de formação de professores, gestores, políticas de avaliações e exames para a inserção em cargos públicos e universidades.

Frente a este cenário nacional na política de educação, uma vez que as discussões sobre a BNCC e os currículos não abarcam a EJA como deveria, em suas especificidades; estes mantêm o foco no ensino fundamental dito “regular”. No cotidiano escolar o termo regular é direcionado às turmas que apresentam uma idade cronológica equivalente a série/ano previstas em lei, em outras palavras as turmas sem defasagem que em sua maioria estão no ensino diurno. Esse entendimento, acerca das turmas tidas como “regular”, alimenta as concepções sobre uma EJA supletiva, aligeirada onde legitima a oferta do mínimo.

Há um discurso crescente de negação de diversidade, acompanhada de uma abrupta retirada de direitos e conseqüentemente uma legitimação de enquadramento do saber. Se há formação para professores a prioridade é o professor do fundamental se há uma atuação na didática o foco é o fundamental, o mesmo ocorre nas elaborações e reconstruções dos currículos.

A pesquisa surgiu das vivências profissionais e pessoais, a partir das experiências desenvolvidas ao longo da carreira enquanto professora da EJA. Iniciada como alfabetizadora na década de 2000 no estado da Bahia no Programa Alfabetização Solidária (PAS), posteriormente como alfabetizadora e coordenadora no Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA), em seguida em 2011 como professora da EJA no município de Indiaroba e em 2016 atuando como técnica no turno noturno na Escola JCL em Estância ambas em Sergipe.

No aspecto pessoal, destaco dois momentos marcantes e cruciais. Na infância, a menina que escrevia e lia as cartas dos parentes e vizinhos, quase uma Central da Casa de Dona Maria (minha mãe), e faço aqui uma referência ao filme Central do Brasil⁴. E o outro momento a vivência nos laranjais em Rio Real, onde ali tirava o sustento ao lado de homens e mulheres que por diversos motivos tinham saído da escola e precisavam de alguém que lhes ajudassem em situações que necessitavam de leitura e escrita.

Em cada espaço ocupado, vivências singulares aconteciam e iam moldando a identidade docente. E ao tempo perguntas surgiam: “Como a escola deve receber

⁴ Central do Brasil é uma obra cinematográfica de Walter Salles. Lançada em 1998, a produção segue o estilo road movie, ou “filme de estrada”. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/filme-central-do-brasil/>.

esses homens e mulheres? Qual o meu papel enquanto professora nesse processo? O que e como ensinar para quem já está cansado de 'remar contra a maré'?" Refiro-me neste dito popular os esforços pessoais que esses sujeitos já fizeram e fazem para entrada e saída em uma escola que muitas vezes lhe fecham as portas.

Todos esses elementos apresentados suscitam numa inquietação docente, que busca através da pesquisa contribuir para o fortalecimento e permanência da EJA, através da formação docente. Neste sentido, as questões norteadoras da pesquisa são as seguintes: como pensar um currículo local da EJA que considere a identidade cultural estanciana? Quais as principais construções curriculares para EJA estão presentes na rede municipal de Estância? Como pensar uma formação continuada para educadores da EJA em Estância considerando a cultura e a identidade local?

Para problematizar a investigação sobre as questões colocadas acima, delimitamos como objetivo geral identificar as possibilidades de construção de uma formação continuada para educadores da EJA em Estância, na perspectiva de currículo vivido e identidade cultural estanciana. Os objetivos específicos são: apontar as construções curriculares para EJA no município de Estância, Sergipe após BNCC, destacar práticas pedagógicas vivenciadas no chão da escola na perspectiva do currículo vivido e elencar elementos para a formação continuada de professores para a Casa do Professor.

O final de 2019 e início de 2020 foram marcados pela pandemia causada pela COVID-19, sigla em inglês para (*coronavirus disease 2019*), reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Apesar dos casos em outros países em novembro de 2019, no Brasil a confirmação do primeiro ocorreu em meados de fevereiro, exigindo das autoridades nas esferas municipais, estaduais e federal a ficarem em alerta e conseqüentemente a execução de ações micros e macros para o enfrentamento a crise sanitária que se aproximava, tornando-se uma crise humanitária.

Através do Decreto Estadual Emergencial Nº 40.560, de 16 de março de 2020, o governo do estado de Sergipe, adotou medidas preventivas a fim de minimizar os efeitos da pandemia do COVID e com o objetivo de proteger de forma adequada a saúde e a vida da população sergipana, suspendeu as atividades educacionais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada, durante 15 dias. Posteriormente publicou os Decretos 40.563, de 20 de março de

2020, e 40.567, de 24 de março de 2020, que ampliavam as medidas e os tempos de suspensão.

Durante esse período de suspensão de atividades presenciais e de incertezas de retorno, a Secretaria Municipal de Educação de Estância (SEME), inicialmente mobilizou e orientou a rede para a realização de atividades de aproximações, objetivando minimizar os impactos do isolamento social e manter o vínculo entre estudante e escola. Diante do cenário da não possibilidade de retorno presencial, a SEME lançou no mês de novembro do ano de dois mil e vinte a proposta das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNP's), utilizando de material impresso seguindo os protocolos de biossegurança, com um cronograma de entrega e devolução para os estudantes da rede.

Desse modo, a pesquisa iniciada de intervenção **Do Chão da Escola à Casa do Professor**: Uma proposta de intervenção na formação continuada dos professores da EJA da rede municipal de Estância, Sergipe, tem outro direcionamento, torna-se uma pesquisa de campo, assim intitulada: **Do Chão da Escola à Casa do Professor**: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe.

Durante esse período pandêmico, garantir a EJA é mais do que nunca a luta por direitos, uma vez que mesmo com as tentativas de substituições através de entrega de atividades impressas, orientações via ligações telefônicas e aplicativos a suspensão das atividades presenciais provocaram aos sujeitos da EJA o distanciamento ao acesso a vários outros direitos e serviços.

Neste sentido, o que ensinar e como ensinar permanecem como as inquietações mais presentes no fazer docente. Tratar de prática docente é tratar de currículo e formação continuada, apesar de distintos estes são indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem.

A carência de formação continuada específica, que considere as especificidades da EJA, desencadeia a reprodução de práticas docentes que não atendem as necessidades de seus sujeitos. Dessa forma, a importância dessa pesquisa se expressa na sua contribuição para formação continuada de educadores em EJA com a perspectiva do currículo vivido e por conta desta inserção apresentamos o produto: Uma proposta de formação continuada através de ciclos formativos.

Descrevemos aqui o “Chão da Escola” como a representação das práticas diárias desenvolvidas na escola JCL pelos sujeitos e a “Casa do Professor” o processo de formação do educador. A Casa do Professor é uma proposta da Secretaria Municipal de Educação de Estância, com foco na formação continuada do magistério público municipal. Esta é um espaço físico designado para atender e promover encontros formativos, e ao mesmo tempo um coletivo docente para pensar o fazer pedagógico.

Os sujeitos da pesquisa serão educadores que atuam nas turmas de EJA no município de Estância. No que se refere à amostra, esta será os que atuam nas turmas da II Etapa 1ª e 2ª Fases que correspondem ao 2º,3º,4º,5º ano do Ensino Fundamental e os professores da III Etapa 1º e 2ª fases que correspondem a 6 e 7º ano na Escola JCL.

Sendo Estância a “Capital Brasileira do Barco de Fogo”, ⁵este um artefato constituído por buscapés, elementos culturais que movimentam a economia local e estão tão presentes na vida dos sujeitos da EJA, nossa escrita buscará em alguns momentos entrelaçar o fazer do buscapé com o fazer da pesquisa. E na escrita sobre o lócus o retrataremos o artefato através de imagem.

O buscapé artefato junino, presente em todo festejo e que dá luz, cor e velocidade ao Barco de Fogo é todo produzido de forma artesanal, seguindo as seguintes etapas: escolha do local e período da colheita da taboca, cozinhar e secar, lixar e serrar, abrir, torcer e rolar o cordão e para finalizar encher o fogo. Neste processo singular de confecção do buscapé, apresentamos um delineamento estrutural da pesquisa relacionando ao seu processo da confecção.

Para a produção do buscapé, a primeira etapa é quando os fogueteiros em suas associações se reúnem para dialogar sobre suas experiências e expectativas, decidir o local e o período exato para a colheita e assim já projetam os seus barcos de fogo e seus busca-pés.

Nas associações, são realizadas reuniões em que são decididas os meses e locais das coletas do bambu, bem como são selecionados os fogueteiros e ajudantes que vão colher esse material. I, que é extraído no próprio município de Estância e em Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, ambos em Sergipe (GOMES, 2017. p.75).

⁵ Através da Lei Estadual nº147/2017 que concede ao município de Estância, o título de “Capital Sergipana do Barco de Fogo”. Este é um bem histórico e cultural feitos artesanalmente, de cunho tradicional ligado ao ciclo junino.

Desse modo, apresentamos primeiro capítulo da pesquisa, e nele traremos as vivências da pesquisadora, elencamos na introdução os motivos pelos quais enveredamos pela temática acerca do currículo para EJA e o que se é vivido no chão da escola entre os prescritos e o vivido, e a formação de professores, o objetivo geral e os específicos e a importância da pesquisa. Explicitamos o contexto pandêmico e suas implicações no percurso da pesquisa, em seguida, destacamos as orientações apresentadas pela SEME no tocante ao funcionamento das turmas nesse período.

Neste mesmo espaço apresentamos o percurso formativo da pesquisadora e a sua relação com o objeto da pesquisa. Experimentaremos os sabores da “laranja” e da “mangaba”, como referência à constituição identitária da pesquisadora e sua narrativa de vida. Continuando com o processo do buscapé, tem-se a segunda etapa, “A segunda etapa é a colheita, recolhe a taboca pela fase da “quadra da lua” de setembro a dezembro, porque segundo alguns fogueteiros mais antigos se tirar fora desse período a taboca “bicha”, não presta” (GOMES, 2017. p.76).

Neste sentido de colheita, apresentamos o segundo capítulo, que traz a “colheita” metodológica da pesquisa, o *locus*, os sujeitos, dispositivos de recolha de informações, sendo eles: pesquisa documental, roteiro de entrevista com questionário e roda de conversa.

A pesquisa documental versa sobre a pesquisa de fontes que complementam a pesquisa bibliográfica, com base nas contribuições de Gil (2008), buscamos encontrar os documentos locais que tratam sobre o currículo da EJA em Estância.

No que tange à entrevista semiestruturada, esta, por sua vez, permiti aos sujeitos da pesquisa sua participação de forma mais flexível. Seguindo as contribuições de Minayo (2009), a entrevista foi realizada através de um roteiro com questionário semiestruturado com perguntas objetivas para conhecer o perfil dos sujeitos e uma questão aberta através de pergunta com resposta discursiva.

Submerso em Freire (2019), temos a roda de conversa; este é um momento de participação coletiva, podendo ser compreendida como um importante instrumento de metodológico onde o diálogo e a interação ocorrem na horizontalidade.

Tendo como inspiração Bardin (2011), faremos a análise temática, especificamente no princípio pertinência. Neste, uma categoria de análise é considerada pertinente quando apresenta relação à teoria escolhida.

Seguindo o processo na produção dos buscapés, tem-se a transformação da taboca, a terceira etapa.

A terceira etapa da confecção do buscapé está na transformação da taboca, neste processo cozinha-se a taboca em um tempo de 10 à 15 minutos em um túnel grande de ferro, o ponto é identificado pela cor que muda no processo de cozimento, em seguida o secar, onde coloca-se a taboca no chão para secar ao sol (GOMES, 2017. p.76).

Compreendendo a importância do processo pela qual a taboca passa para a mudança de cor, nos remetemos ao que ocorre na escola na relação educando e educador durante as práticas pedagógicas e a transformação na sua realidade. Pensar em transformação através do currículo vivido é pensar em qual escola, qual sujeito e para qual sociedade. Portanto, adentraremos neste capítulo as concepções de currículo.

Na continuação da fascinante produção do buscapés, após seca, a taboca deverá ser lixada e cortada em tamanhos adequados de acordo com a necessidade dos artefatos que serão produzidos. Ainda no terceiro capítulo, nosso cerne é a concepção de currículo pós-crítico, dialogando nas perspectivas de Freire e Arroyo.

Na quarta etapa, tem-se o abrir, torcer e rolar o cordão. Os cordões de algodão são comprados por quilo e chegam embolados, então os fogueteiros têm que desembolar e posteriormente torcer alguns fios para formarem uma "grossura" que se adequa para enrolar na taboca e ao final construir o fogo de artifício, posteriormente Adiciona-se produtos (breu, óleo e parafina) no "cordão" para a taboca ter firmeza e não lascar (GOMES, 2017. p.76).

Neste sentido, no quarto capítulo "desembolaremos" o cordão da EJA em Sergipe, fazendo um breve apanhado histórico, em seguida nos debruçamos no currículo do estado. Nesse caminhar chegamos na EJA em Estância a Cidade do Barco de Fogo, faremos uma contextualização local e nos direcionaremos para a EJA o chão da escola Municipal Senador Júlio César Leite.

A essa altura do processo o buscapé já está em fase de finalização, é o momento do acabamento, do trato para em seguida ser exposto a comunidade. A quinta etapa é encher o fogo, adicionar os produtos (pólvora, barro) dentro da taboca para finalizar o fogo (GOMES, 2017. p.76).

Nesse sentido, o quinto capítulo traz a análise dos dados, vamos compreender até onde chegamos e o que alcançamos. Neste espaço, teremos o resultado da pesquisa em seguida a conclusão.

Após a etapa de colocar pólvora, o buscapé está pronto para a hora mais aguardada “a explosão”, neste momento a comunidade fica em festa e a luz do fogo do buscapé contracenam uma explosão de brilho no céu estanciano. Sozinho ou acompanhando o barco de fogo e o buscapé em sua grandiosidade anuncia a maior festa do nordeste brasileiro.

Chegamos à etapa final, apresentamos a comunidade científica o resultado da pesquisa, sendo de origem aplicada concomitantemente apresentamos a proposta do produto final, um programa de formação continuada para educadores da EJA, através de ciclos formativos com diálogos entre a ciência e vivência a proposta de um Almanaque da EJA na Capital Brasileira do Barco de Fogo.

No capítulo seguinte, versaremos sobre o percurso formativo da pesquisadora, onde serão destacados os principais elementos que a constituíram educadora e pesquisadora da EJA.

1. DA LARANJA A MANGABA, O CAMINHAR FORMATIVO DA MESTRANDA E A PESQUISA

*TOPA ensinar
TOPA aprender
E TOPA a
E TOPA b
E TOPA ser
Alguém melhor
Pronto pra crescer
Alguém melhor
Livre para escrever
Livre para ler
Livre para ser
Alguém melhor
Pronto pra crescer
Alguém melhor
QUE TOPA ajudar
QUE TOPA ensinar
QUE TOPA aprender
(Gilberto Gil)*

Com esta composição de Gilberto Gil, canção oficial do programa Todos pela Alfabetização (TOPA) no estado da Bahia, início o percurso formativo enquanto pesquisadora. Repensar a minha caminhada profissional permite lembrar momentos até então adormecidos e que por muitas vezes esquecidos, devido à vivência atual.

Cresci em um ambiente familiar onde os parentes não concluíram o ensino fundamental, as pessoas no meu círculo de que tinham concluído o ensino médio eram parentes mais distantes, aqui denomino de “agregados”, os homens que concluíram o ensino médio tentaram carreiras técnicas em empresas privadas e as mulheres, estas seguiram o magistério. Estas mulheres amavam o que faziam, amavam ser professora, e aqui destaco minha Tia Margarida a (Professora Margô) da 3ª e 4ª série de uma escola rural no Povoado D’ô Riacho, após o Mucambo em Catu Bahia.

Durante a infância ecoava os relatos de Tia Margarida e suas experiências em sala de aula com as crianças, desde a hora da cartilha e da tabuada ao recreio. Havia ali uma admiração, pois esta durante o inverno ia à escola com suas bolsas e capa plástica para atravessar um pequeno riacho que aumentava seu nível, mas ao fim da manhã retornava com sorriso largo de quem tinha cumprido a missão.

Mudei de cidade, cheguei à adolescência e na cidade de Feira de Santana durante o ensino médio e processo de desenvolvimento da juventude, apropriei-me de um discurso que refutava qualquer ideia de ser professora, pois vivenciar

momentos de greves, manifestações e atos dos professores pela luta de seus direitos causou uma negação a qualquer possibilidade de seguir o magistério como carreira. Não por ser contra ao movimento e luta da classe, mas por ver quão difícil era existir enquanto professor.

Aos 18 anos, em 2002 residindo em Rio Real, Bahia, cidade na época forte produtora de laranja, com o Ensino Médio concluído, sem emprego e provedora do lar, restou-me trabalhar como boia-fria nas plantações de laranja da cidade, entre as funções estava “levantadora e batedora de caixa” (na colheita de laranja é uma função que junto com outro recolhe do chão sacos de laranja com mais de 50 kg e “batem” jogam-no dentro da carroça para posteriormente despejar no caminhão com destino as beneficiadoras) como também a função de “marcadeira”, pessoa responsável por anotar a produção de diária de cada colhedor.

Ao som das chuvas do inverno de 2021, escrevo essa dissertação, ao passo que as palavras vão sendo desenhadas na folha, lembranças de invernos rigorosos vem à tona. Nos dias frios e chuvosos em meados de 2003 e 2004, estava em meio os laranjais, uma filha e neta de lavradora que carregava consigo o dever de cuidar da mãe e do irmão mais novo. Nos momentos mais dolorosos e penosos, conter as lágrimas era impossível e naquele ambiente predominantemente masculino não demonstrar dor era sinônimo de força. Fragilidade ali não tinha vez. E para aliviar a dor causada pelo frio, roupa molhada e a fome, deixava a lágrima rolar no rosto junto à água da chuva. Por vezes o choro se misturava com uma preocupação, como querer tanto sair dali sem que essa vontade pessoal não fosse ofensiva ao coletivo.

Muitos foram os dissabores enquanto boia-fria, situação precária, trabalho insalubre e penoso, exposto aos mais variados riscos físicos e psicológicos. Os três anos trabalhando na citricultura de maneira informal, permitiu conviver com homens e mulheres trabalhadores que tiravam na laranja seu único sustento. Por ser a única que possuía o Ensino Médio, tornei-me uma espécie de pessoa de confiança, pois nas necessidades pessoais que envolviam leitura e escrita esses trabalhadores pediam ajuda para ler e entender uma receita médica, um agendamento, um recibo uma conta de água e luz e suas mais diversas necessidades. Esses diálogos e leituras eram feitas de baixo de uma laranjeira, sentados sobre os sacos plásticos instrumentos de trabalho sobre sol e chuva.

Através da "bolinha d'água doce" nome dado à laranja pelos trabalhadores, tirei o sustento e sem perceber nos encontros diários, ensinando sobre escrita das palavras aprendia em seus desabafos sobre a leitura da palavra e leitura de mundo, o que mais tarde na academia aprenderia que se tratava de concepções freirianas. Segundo Freire (2019), se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. E assim eram os dias na colheita da laranja, dias em que aprendíamos sobre o fruto, as espécies, a seleção do mercado e para o mercado, dias entendíamos o lucro, a diferença de vida entre quem está na colheita e que comercializava.

Essas aprendizagens durante a colheita eram partilhadas na hora que um grupo estava fazendo sua refeição. Por não ter um espaço físico adequado destinado para almoçar, as refeições eram feitas em horários em que os trabalhadores conseguiam avançar na produção, tinham "fechado uma carreira", termo utilizado para designar que um trabalhador finalizou a sua demarcação ou fileira de pés de laranja.

O cenário da partilha da refeição e dos saberes era: à sombra de um pé de laranja, era escolhido o mais frondoso, os sacos que eram utilizados para colocar a laranja tornavam-se o pano para cobrir o chão, cada um pegava sua marmitta e ali iniciava o que hoje posso chamar de círculo de diálogo, e este acontecia de forma espontânea e natural, os relatos que ali eram expressados só reafirmavam o quão sofrida é a vida de trabalhadores e trabalhadoras.

As inquietações iam sendo manifestadas. Falar sobre essas questões nos laranjais, eram momentos que nos permitiam aos poucos reconhecer a estrutura qual nós trabalhadores estávamos, e nesses momentos sonhos eram ali partilhados, interessante ressaltar que esses sonhos estavam sempre ligados a qualidade de vida, formação de filhos, pagamento de dívida, de um exame, ao conforto, bens de consumos básicos, (era um sofá para quando chegar em casa descansar, uma bicicleta para ir assistir o jogo no campo no domingo, juntar dinheiro para pagar a passagem e ir visitar um parente em outro estado...), mas pelos valores que estes itens custavam e pela condição econômica, adquirir esses itens tornava-se algo intangível.

Aquela conversa era logo interrompida pelo chamado do “cabo de turma” nome designado ao responsável por conduzir a colheita, este sinalizava que já era hora para retornarmos ao trabalho ou pela buzina do caminhão que já estava próximo horário da entrega da carga. Neste momento, os sonhos eram interrompidos pela dura realidade.

Falar dessa vivência hoje faz transbordar um misto de dor e raiva, por entender a dimensão daquela situação vivida e o quanto isso se repete com outros homens e mulheres, assim como Freire (2002), daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos, não me permito a condição de observar imparcialmente os fatos, e isso explica o lugar que ocupo hoje de mestranda no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA).

Essa experiência permitiu vivenciar as consequências do analfabetismo, da ausência da educação na vida daqueles homens e mulheres, da negação a direitos trabalhistas e como isso se perpetua de forma tão naturalizada.

No ano de 2003, após um processo de seleção iniciei de forma tímida minha atuação como alfabetizadora popular no Programa Brasil Alfabetizado (PBA), neste período um dos desafios era conciliar o trabalho durante o dia na colheita da laranja e a aula no turno da noite. Fui submetida a uma formação que se tornou o alicerce na construção de minha identidade enquanto docente. Foi meu primeiro contato com uma sala de aula com a função de alfabetizadora, em uma comunidade rural denominada Selão em Rio Real, Bahia. Uma entre tantas orientações do programa era que o alfabetizador realizasse a matrícula dos alfabetizandos, através de visitas aos domicílios e demais espaços, era esse o primeiro contato para o encantamento e convencimento entre os sujeitos.

A vontade de acertar e o medo de errar se emaranhavam com tanta intensidade que o doar-se em sala foi extremo ao ponto de alfabetizandos e alfabetizadora não cogitarem o fim das atividades e a turma de aproximadamente 22 estudantes permanecerem frequentando durante todo o módulo de 8 meses. A cada dia experienciado em sala de aula era comemorado e registrado com a evolução na leitura e escrita de cada sujeito. Nascia ali uma professora da EJA e para EJA.

No ano seguinte, 2003, atuei como alfabetizadora e coordenadora popular no Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA), todas essas experiências no município de Rio Real, Bahia, durante a execução dos módulos eram realizadas formações iniciais e continuadas para os agentes envolvidos, desenvolvidas pela Universidade do Estado da Bahia através do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) de Alagoinhas, Bahia, essas formações agregaram uma bagagem teórica metodológica que tem contribuído para a prática docente até os dias atuais. Vê expresso a luta pelo direito de todos a educação e pela defesa da EJA, expressas pelos professores e professoras formadores nos cursos promovidos pelo programa, foram determinantes para o engajamento profissional compreendendo o papel da docência por justiça social.

Enquanto coordenadora, compartilhava as práticas e os saberes realizados em sala que frutificaram na permanência e evolução dos estudantes, como a partilha das compreensões legais e metodológicas acerca da modalidade. Fica claro que as vivências no TOPA, marcaram com profundidade o ser docente da pesquisadora.

Durante minha primeira formação acadêmica em Serviço Social, enveredei pelo campo da Educação de Jovens e Adultos ao apresentar no Trabalho de Conclusão de Curso-TCC com o tema: “Analfabetismo Adulto e Exploração do Trabalho Infantil, um ciclo perverso de opressão, um estudo sobre a intervenção municipal de Rio Real, Bahia no enfrentamento ao analfabetismo”; neste foi estudado ciclo de negação de direitos que se inicia na infância e se perpetua na fase adulta e os efeitos do Programa Topa no município.

Despedindo-se da EJA em programa, começo em 2011 a vivência como professora da EJA, desta vez aprovada em concurso público para compor o quadro do magistério municipal como professora da EJA, assumir as turmas dos anos iniciais no município de Indiaroba no estado de Sergipe, “A Índia Bela”. O primeiro dia de aula foi próximo à Semana Santa no calendário cristão, um elemento marcou com intensidade esse contato. A fala recorrente na sala era comprar a polpa da mangaba para o suco no domingo de páscoa, para aqueles sujeitos o suco de mangaba à mesa era tão importante quanto o peixe. Começa ali o encantamento ao fruto da praia.

Durante cinco anos consecutivos, a experiência da docência foi vivenciada com turmas I e II, etapa correspondente aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Um elemento chamou atenção, foi perceber a predominância de adolescentes nas turmas

da EJA, até então o contato as vivências nas turmas de EJA através do TOPA foram marcadas com a predominância de adultos, realidade diferente no município de Indiaroba, onde muitos jovens eram “transferidos” para noite. Essa juvenilização na EJA foi impactante e exigia repensar o fazer pedagógico sem esquecer a experiência com os idosos.

A atuação na docência em Indiaroba foi marcada por ausências, sendo elas: coordenação à frente da pasta da EJA na Secretaria Municipal de Educação de Indiaroba - SEMEI, de um plano de trabalho direcionando as necessidades da EJA, de proposta curricular local, de resistência e enfretamento para a garantia da alimentação escolar de qualidade entre outras questões. Naquele período, a prática docente no que se refere a planejamento e execução de aula dependia de seguir as orientações para o ensino fundamental, o livro didático adquirido por empréstimo de outra rede.

Muitos foram os conflitos entre a categoria e a gestão da época. Organizado através do coletivo Sindicato de Trabalhadores da Educação do Estado de Sergipe (SINTESE), a categoria mantinha uma pauta de luta acerca do direito a educação. Foi possível resistir, permanecer e conseguir finalizar o ano letivo com a presença dos estudantes e o avançar de cada um na escolarização.

No ano de 2016, o contato com a EJA foi no aspecto administrativo, pois atuando na secretaria da Escola JCL, desta vez em Estância, o olhar agora expandia para o gerenciamento de documentos e rotina para além da sala de aula. A escola finalizou 2016 com 95 estudantes e 4 turmas, e em 2017 elevou sua matrícula para o total de 405 e 10 turmas. Essa elevação é resultado de um trabalho de acolhida e reorganização da prática escolar promovida a partir de 2017.

Entre várias propostas de organização destaco a mudança no horário da refeição, até então ocorria entre o segundo e terceiro horário em torno das vinte horas e vinte minutos. A mudança foi servir a refeição logo na chegada as dezenove horas, pois foi entendido que o estudante trabalhador sai do trabalho direto para a escola e que muitas vezes a refeição principal é aquela servida na escola.

Outra mudança significativa foi no cardápio, onde foi priorizado servir refeições para o perfil do trabalhador, uma refeição chamada por eles como “comida de verdade”, outro ponto na elevação da matrícula foi a proposta da integração da EJA

as ações da escola, incluindo-os nos projetos, porém, de acordo com suas especificidades.

Paralelo a isso, até então apenas com magistério, inicia-se a graduação em Pedagogia. As vivências diárias agora mais do que nunca são interpretadas com aporte teórico metodológico. No ano de 2017, enquanto técnica da secretaria da escola JCL, acompanhei reuniões com os professores, gestores escolares e coordenadores pedagógicos acerca da implantação de uma proposta pedagógica municipal através da Pedagogia Histórica Crítica- PHC de Demerval Saviani bem como a construção de um espaço de formação docente a Casa do Professor. Neste cenário, movia-se internamente perguntas acerca da EJA, as tentativas de compreender o caminhar com os pares impulsionaram a caminhada até o mestrado.

Todas as vivências, os saberes e os dissabores, fazem parte do ser da professora. Que movida pela busca de resistir e esperar adentra ao Programa do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos- MPEJA, na área de concentração 02-Políticas Públicas e Formação de Professores, para dar continuidade a leitura da palavra através da pesquisa. Começa aqui um novo percurso e uma nova indagação: como ser professora pesquisadora?

No Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional- GEPALE-Bahia, através dos encontros e das rodas de conversas em consonância com uma orientação acadêmica, uma identidade foi se constituindo: uma professora pesquisadora e militante que entende e defende a EJA como campo fértil de pesquisa, formação e política.

Entendendo que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, nesse caminhar entre e com os sujeitos das laranjas e das mangabas, foi sendo constituída a identidade docente da pesquisadora. Nessa leitura de mundo, por vezes tentando entender onde estamos enquanto, mulher, filha e neta de lavradora, mãe, militante, pesquisadora e outras mais interfaces e seus inacabamentos, aprendemos a amorosidade com o povo sergipano e aqui destacamos o estanciano à sua identidade tão expressiva culturalmente.

Como nos lembra Freire (1996, p.26) “Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.”. Nesse percurso aprendemos que uma educação tem quer ser para além Eva viu a

uva, João viu a laranja e Maria viu a mangaba é desbravar os “pomares” dos direitos negados. Neste sentido de percurso e caminhada, seguiremos para o próximo capítulo, onde versaremos sobre o caminhar metodológico.

2. CAMINHAR METODOLÓGICO: A “COLHEITA” DA PESQUISA

No embalo dos versos cantados pelas “Catadoras de Mangabas”, extraídos da belíssima produção: Quero ver rodar...com os griôs na restinga sergipana⁶., canções cantaroladas enquanto colhem o fruto doce sobre o forte sol ou quando cuidam de seus filhos, iniciamos a coleta metodológica.

Cabocla

*Soubesse quem tu era ô dilin,
Quem tu havera de ser, mas ô dilin
Não dava meu coração, mais ô de mim
Para eu hoje padecer, mais ô de mim*

*Cabocla balança o pé, de linlindilô
Torne balançar nos braços do meu amor
Cabocla balança os brincos de lindlô
Torne balançar nos braços do meu amor*

*Eu cair no poço fundo ô dilim
Letra A me deu a mão, mas ô de lim
Letra B me deu os braços, mas ô de lim
Letra C o coração, mas ô dilin*

Faixa 02- Cabocla

Aqui retrataremos o caminho reflexivo pelo qual procuramos destacar a abordagem, evidenciando os sujeitos, o local, os instrumentos, as etapas e a análise do processo da investigação.

Com a vivacidade empreendida pelos fogueteiros na colheita do bambu, a sonoridade suave das catadoras ao colher mangaba e com rigor científico dos pesquisadores na produção de dados, iniciamos aqui o caminhar metodológico da pesquisa.

⁶ Segundo CD das Catadoras de Mangaba, com o título. Quero ver rodar com as griôs na restinga sergipana. O novo álbum foi idealizado pela equipe do Projeto Catadoras de Mangaba Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe, sob patrocínio da Petrobras, com o objetivo de contar a história das mulheres extrativistas.

O caminhar metodológico da pesquisa não deve ser visto como mera sequência de técnicas a fim de obter informações, este processo deve ser compreendido como parte viva da pesquisa, pois através deste é possibilitado a aproximação entre pesquisador, *lócus* e os sujeitos.

Por entender que as coisas e os acontecimentos na e da escola estão ligados entre si através dos sujeitos, essa pesquisa tem influência dialética. Lakatos e Marconi (2007) apontam que as leis da dialética podem ser entendidas como uma ação recíproca e informa que o mundo não pode ser entendido como um conjunto de “coisas”, mas como um conjunto de processos, em que as coisas estão em constante mudança, sempre em vias de se transformar: “[...] o fim de um processo é sempre o começo de outro” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 101).

No que se refere à pesquisa, será uma pesquisa de campo, pois se caracteriza pela observação, produção, análise e interpretação de dados de uma determinada realidade, seus resultados apresentam-se extraindo do campo e ou objeto estudado elementos mais evidentes a realidade apresentada.

Segundo Flick (2009, p.24-25) a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados. A partir da compreensão de Flick acerca das práticas de campo materializamos a pesquisa de campo em quatro momentos essenciais: pesquisa bibliográfica e documental, aplicação de questionário, desenvolvimento de círculos de diálogos e análise dos dados.

Traçar as etapas de uma pesquisa de campo em tempos de pandemia, torna-se uma tarefa complexa, pois a aproximação e o contato entre pesquisador e *lócus* precisam ser repensados. Em tempos pandêmicos, os contatos físicos devem ser evitados e a rotinas das instituições sofrem grandes alterações, se tratando de escolas e muitos departamentos públicos estas tiveram suas atividades presenciais suspensas e o trabalho foi reorganizado através de modo *home-office*, remoto e quando presencial com escalonamento de servidor. Assim, delimitaremos a seguir o os sujeitos da pesquisa.

2.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA: FORROFIANDO NO JÚLIO, DE SÃO JOÃO A GENTE ENTENDE.

Os sujeitos da pesquisa serão “Sujeitos da EJA”, os educadores. Ao falarmos do sujeito educador, falamos de um trabalhador exposto a uma carga horária exaustiva, com dupla ou tripla jornada na docência, convivendo diariamente com as negações e retiradas de direitos através dos ataques a educação, muitos sem formação específica para EJA, e neste cenário, ambos estão no chão da escola, no desenvolvimento de práticas pedagógicas, experimentando o que é vivo e vivido nos desafios e possibilidades de manter a EJA viva e a garantia do direito à educação.

O *lócus* da pesquisa são os educadores e educadoras da Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de educação de Estância, Sergipe da Escola Municipal Senador Júlio César Leite. A pesquisa teve como universo, os educadores da II Etapa e dois educadores de uma turma da III Etapa, totalizando 5 educadores. Estes serão identificados por pseudônimo relacionados aos elementos juninos estancianos presente na pesquisa: Professor Bambu, Mangaba, Buscapé, Barco de Fogo.

Para Paranhos (2016, p.10) a amostra é um elemento central na pesquisa científica. É a partir dela que os pesquisadores coletam informações sobre diferentes objetos de estudo, selecionam as variáveis analiticamente relevantes e conduzem o próprio desenho de pesquisa. Nesta perspectiva para a seleção da amostra, buscamos focar nos docentes desta unidade de ensino, pelo perfil de participação nas tomadas de decisões da escola e a mobilização para as matrículas e entrega das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) para EJA.

No que se refere à escola, poucos são os registros e ou documentos que tratem da história da Escola Municipal Senador Júlio César Leite, Estancia-Sergipe, instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Estância e fundada em 12 de março de 1962 pelos recursos do Ministério da Educação (MEC).

As informações mais precisas de sua história, estão registradas nas placas na entrada da escola, que serviram de subsídios para a reelaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), nestas informações constam as últimas obras realizadas na estrutura física e nas regulamentações do Conselho Municipal de Educação. No ano de 1987, na administração do Prefeito Carlos Magno foi feita uma homenagem especial de 25 anos de escola, para o Senhor Pedro Barreto Siqueira agradecendo por sua ação que foi a doação do terreno. Logo, entende-se que a história da escola iniciou em 1962.

A escola foi autorizada através das resoluções nº 354 e 340/93 do Conselho Estadual de Educação (CEE), aprovado em 30 de setembro de 1993 onde atendia alunos do antigo Pré-escolar até a 8ª série.

Mais recente, foi no ano de 2017, na gestão do Prefeito Gilson Andrade, com o início da ampla reforma da quadra, através da mudança de todo alambrado, parte elétrica e estrutura.

A escola tem uma relação com a comunidade, esta convida e mobilização para a participação das atividades proporcionadas ao longo do ano letivo, nos finais de semana instituições religiosas e grupos de moradores utilizam os espaços externos da escola para atividades esportivas e lúdicas com as pessoas do seu entorno. Essa utilização dar-se-á através de solicitação formal via ofício à Secretaria Municipal de Educação e agendamento prévio com a direção da escola.

Atende ensino fundamental de nove anos, do primeiro ao quinto no turno matutino, do sexto ao nono no vespertino e a Educação de Jovens e Adultos - EJA no turno noturno.

Nesse espaço, organizamos os procedimentos da pesquisa e as etapas para a pesquisa de campo. Sendo o objetivo geral identificar as construções curriculares para EJA no município de Estância, Sergipe, e um dos objetivos específicos apontar os documentos curriculares nacionais prescritos, iniciamos pelo estudo documental

2.2 ESTUDO DOCUMENTAL

O primeiro passo para aprofundamento do objeto foi um estudo documental, com o objetivo de identificar as normatizações, nacionais, estaduais e municipais sobre currículo para a EJA. Sobre a pesquisa documental, Fonseca afirma:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Nessa perspectiva, a pesquisa direcionou-se nos documentos oficiais acerca da EJA, no âmbito nacional e local, partindo de 2017 ano base da BNCC. Através da pesquisa documental, foi feito um levantamento em sites oficiais do Ministério da Educação-MEC, Diário Oficial do Estado de Sergipe-DIOESE, Diário Oficial do Município de Estância, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- ANPEd, diálogos com Diretoria Regional de Educação 01-DR01, Secretaria Municipal de Educação de Estância, Conselho Municipal de Educação de Estância – CMEE e na Escola Municipal de Senador Júlio César Leite, acerca de algum currículo ou propostas curriculares para EJA.

Buscamos também as construções da escola, através do seu Projeto Político Pedagógico (PPP). A etapa seguinte da pesquisa, trata-se da aplicação de um roteiro de entrevista com questionário, que consta em anexo desta pesquisa, com o objetivo de identificar o educador em seus aspectos, formação e seu ponto de vista acerca do que se é vivido no chão da escola na perspectiva de currículo vivido e sobre a formação continuada.

2.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Com a perspectiva de obter informações acerca dos sujeitos pesquisados e sua compreensão sobre currículo vivido na escola, neste cenário pós implantação da BNCC, foi utilizado um roteiro de entrevista com questionário. A entrevista é uma oportunidade de conversa face a face, utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. (MINAYO, 2008; CERVO; BERVIAN, 2007)

Por estarmos em período pandêmico, o face a face apresentado pelos autores acima, seria mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDC's), sendo um computador ou celular conectados à internet, pois pretendia-se aplicar a entrevista de forma síncrona ou assíncrona, onde seriam realizados contatos entre pesquisadores e sujeitos através de videochamadas pelo *Whatsapp*. Esses momentos seriam destinados a apresentação da pesquisa, orientação acerca do roteiro de entrevista com questionário e da roda de conversa.

Porém, há época da pesquisa, os sujeitos manifestaram interesse prioritariamente em responder roteiro de entrevista com questionário através de material impresso, assim esse roteiro foi organizado com questionário e pergunta aberta. Este foi disponibilizado na escola e depois recolhido pela pesquisadora.

Desse modo, a entrevista foi dividida em bloco 01 e bloco 02. O bloco 01 traz os aspectos de identificação profissional com questões objetivas nome, e-mail, pertencimento étnico-racial, gênero, escolaridade, tempo, segmento, área de formação e de atuação na EJA.

O segundo bloco, foi organizado pensando em atender as duas categorias expressadas ao longo da pesquisa, sendo elas: Chão da escola e a Casa do professor. Neste espaço as questões foram abertas. Assim, a pergunta: Na perspectiva de currículo de vida, há distância entre o prescrito e o vivido? O que você/sua escola desenvolvem que é particular, diferente, que não está necessariamente nos documentos curriculares.

No que se refere à Casa do Professor, uma proposição provocativa sobre a formação de professores deu-se da seguinte maneira: Na perspectiva de currículo de vida, cite um tema gerador que você considera importante para construir uma proposta de formação docente voltada para a EJA em Estância, Sergipe.

Após aplicação do roteiro de entrevista com questionário e a sistematização das informações obtidas, foi realizado um momento coletivo, uma roda de conversa. Entendendo que o que é vivido na escola está diretamente ligado à identidade, à roda de conversa tinha como tema gerador: O que me identifica?

A escolha pela roda de conversa deu-se por esta ser um espaço dialógico, possibilitando a interação entre os grupos que vivenciam a mesma realidade no chão da escola, como também é um processo de construção de conhecimento coletivo, como afirma Pinheiro (2020, p. 4), “não raro, contudo, a utilização de rodas de conversa é estabelecida sob o propósito de dar voz aos sujeitos, visando possibilitar sua participação efetiva no processo, à medida que lhes são facultadas falas dialógicas pelas quais se espera o aporte de seus saberes.”.

A proposta inicial foi uma roda de conversa virtual através da plataforma *google Meet*, com duração de duas horas, porém os participantes optaram por uma roda de conversa presencial na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), na própria escola, visto que a roda de conversa ocorreu após Decreto Municipal de Nº 7.860 de 10 de

fevereiro de 2022, que trata da liberação de atividades presenciais nas unidades de ensino. A roda de conversa propôs informações aos presentes acerca do desenvolvimento da pesquisa e levantar elementos que tratem da identidade dos sujeitos que participaram da etapa anterior. No roteiro da roda de conversa, constava duas rodadas com as seguintes proposições relacionadas a identidade: O que me identifica enquanto docente da EJA? O que identifica a EJA em Estância, Sergipe?

2.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta etapa da pesquisa, iniciaremos o processo de análise dos dados coletados através do questionário e da roda de conversa aplicados com objetivo de compreender as expressões externadas pelos sujeitos. A análise dos resultados de uma pesquisa de campo, requer cuidados para interpretar valores, singularidades, especificidades, é necessária uma rigorosidade metodológica a fim de garantir que as conclusões da pesquisa respondam as inquietações compreendendo a subjetividade expressas. Nossa primeira análise é com os documentos para EJA localizados no município de Estância.

A fundamentação para análise dos resultados partirá da análise do conteúdo vem de Bardin, sendo que esta afirma:

Análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.) pesquisa (BARDIN, 1977, p. 4).

Partindo das reflexões de Bardin, é possível compreender a importância em ter claro os procedimentos para a sistematização e descrição das mensagens para a inferência para a produção do conhecimento. Dentre as modalidades de análise de conteúdo, nesta pesquisa nos atentaremos a análise temática.

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos: a pré-análise, a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Para nossa pesquisa, buscamos como recorte a análise temática, emersos na interpretação partindo do princípio pertinência. Esta compreende que a categoria é

considerada pertinente quando está adaptada "ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido" (BARDIN, 1977, p. 120).

Neste sentido, o quadro teórico para análise de categorização baseia-se em Arroyo e Freire. O primeiro partindo do currículo enquanto território de disputa e as identidades ali constituídas e o segundo partindo de uma educação libertadora.

Neste sentido de constituição de identidade, Arroyo reflete sobre o efeito danoso de um currículo que não considera o conhecer-se, o conhecer os sujeitos, no que se refere ao estudante este afirma: "O direito a conhecimentos emergentes nos currículos". Indigna-se com o fato de que as crianças-adolescentes "passarão anos na educação fundamental, complementarão a educação média e sairão sem saber nada ou pouco de si mesmos" (ARROYO, 2011, p. 262). O mesmo compreende-se ao professor, que anos desenvolve sua atuação em sala de aula e o seu conhecer-se enquanto docente depara-se que as questões engessadas de propostas por vezes pensadas por interesses hegemônicos.

Sobre a educação libertadora de Paulo Freire, esta tem seu sentido quando questiona o ato de depositar conhecimentos predestinados pelos sistemas de ensino e por sua vez oportuniza que a bagagem, a história de vida dos sujeitos ali inseridos seja considerada como ponto de partida para práticas docentes libertadoras, não como algo definido e permanente para uma acomodação, mas sim para questionar e se posicionar. Nesse sentido Freire afirma:

Falar da realidade, como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação (FREIRE, 2005, p. 65).

A categorização compreende uma etapa de "[...] classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos" (BARDIN, 1977, p.145), assim serão analisadas duas temáticas, por sua vez são as seguintes: O Chão da Escola aqui categorizado como currículo vivido e paralelamente a Casa do Professor à formação docente.

Da colheita do bambu, para a transformação da taboca através do cozimento. Seguimos com nossa pesquisa para o capítulo que traz com brevidade as concepções

de currículo e a transformação social através da participação dos sujeitos sociais e suas experiências no território do conhecimento.

3. CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO: DO BAMBU A TABOCA, O PROCESSO DE QUENTURA QUE FAZ A MATÉRIA-PRIMA VIRAR ARTE.

A passagem do bambu para taboca, ocorre devido á quentura qual este é submetido dentro dos túneis, nessa etapa o fogo assume uma função essencial, a transformadora. Assim compreendemos o poder do currículo na educação e na sociedade. Traremos aqui um recorte sobres as concepções de currículo, em seguida as percepções de Arroyo e Freire acerca de elementos essenciais em um currículo para uma educação transformadora, traremos também uma análise das Diretrizes Curriculares e da Base Nacional Comum Curricular, buscando destacar a presença ou não da EJA e sua influência nas reelaborações dos currículos nas redes.

Partindo da reflexão de Tomas Tadeu acerca da concepção de currículo, entendemos que tão importante quanto falar sobre a teoria de currículo é saber quais respostas essas trazem para as questões da sociedade, Tadeu afirma que: Talvez o mais importante e interessante do que a busca da definição última de “currículo”, seja a de saber quais questões uma “teoria” do currículo ou um discurso curricular busca responder (SILVA, 2009, p. 14).

Neste pensamento ela explicita que para além da busca pela definição e teorização é importante compreender o discurso ou para qual necessidade este estará a servir. A palavra currículo etimologicamente vem do latim *currere*, que significa rota, caminho, em se tratando de caminho este nos leva a um destino. Alinhando o conceito etimológico da palavra ao pensamento de Tadeu, podemos compreender o currículo educacional como o percurso que faz parte do cotidiano escolar para chegar a uma sociedade.

As discussões acerca do currículo, do ponto de vista histórico, se manifestam como fundamentais para compreender as dimensões às quais ele está implicado. Dessa forma, a sociedade, a economia, a política e a cultura, ou seja, as formas de manifestação de poder são, também, manifestações do currículo. Nessa condição, é preciso compreender o campo em que o currículo é desenvolvido, fundamentado e

implementado, considerando que esses campos acabam por formar a identidade de uma geração.

O currículo atua direta ou indiretamente na formação do sujeito e seu papel na sociedade, ele tem um papel político e é um campo de ideologias. Nesse sentido, para efeito de uma compreensão pedagógica mais eficiente traremos de forma objetiva através de uma tabela as teorias do currículo e suas percepções:

Tabela 01: Teorias de currículo e suas concepções

TEORIAS	CONCEPÇÕES/ MANIFESTAÇÕES	ABORDAGEM CURRICULAR	PRINCIPAIS AUTORES
Teorias Tradicionais	Um currículo “neuro”, fragmentado e descontextualizado, não se aproximava de questões políticas, visando à formação acadêmica e para o mundo do trabalho. A escola assume o papel de mero reproduzidor do modelo fabril.	Multidisciplinar (fragmentados em várias disciplinas) -Aceitação, -Planejamento, -Objetivo, -Eficiência, -Ajuste e adaptação, -Ensino, -Aprendizagem, -Metodologia e organização.	Ralph Tyler Destaque para John Franklin Bobbitt (1876-1956) ⁷ , baseado no Taylorismo de Frederick Taylor, defendia que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial.
Teorias Críticas do Currículo	Teoria com embasamento marxista com crítica direta ao modelo capitalista, onde a escola assume o papel de promover mudanças e transformações sociais.	Pluridisciplinar (disciplinas no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas). -Ideologia, -Reprodução cultural e social de poder, -Classe Social, -Capitalismo, -Emancipação, -Conscientização, -Libertação,	Althusser (1918-1990), Bourdieu (1930-2002), Passeron (1930), Baudelot, (1938), Berntein 1918-1990) Establet (1938) Henri Giroux, (1943) Michael Apple (1942) No Brasil, o destaque é para o educador Paulo Freire ⁸ . (1921-1997) , nesse sentido ele propunha relações de aprendizado num viés crítico, com o objetivo de superar relações vigentes.

⁷ As respostas de Bobbitt eram claramente conservadoras, embora sua intervenção buscasse transformar radicalmente o sistema educacional. Ele propunha que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial. Tal como uma indústria, Bobbitt queria que o sistema educacional fosse capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa [...] (SILVA, 2009, p. 23-24).

⁸ Nessa linha crítica, Paulo Freire (que apesar de não ter elaborado uma teoria sobre currículo) discutiu essa questão em suas pesquisas, principalmente em “Pedagogia do Oprimido” onde propõe um novo conceito sobre educação, propõe a educação como problematizadora da realidade (PACHECO, 2019, p.2802).

<p>Teorias Pós-Críticas</p>	<p>Leva em consideração o multiculturalismo e todas as diversidades que se apresentam, e não se deixam calar, no mundo moderno. Essa perspectiva valoriza o humanismo, a tolerância e o respeito às diferentes culturas.</p>	<p>Interdisciplinar (interdependência entre os diversos ramos do conhecimento de modo harmônico e significativo)</p> <p>Transdisciplinar É uma abordagem mais complexas, sendo entendido como sistema lógico de conhecimentos, com livre trânsito de um campo de saber para outro. A transdisciplinaridade é uma abordagem mais complexa.</p> <p>-Identidade, -Alteridade, -Subjetividade, -Significação e discursos, Saber-poder, Cultura, Gênero, Etnia, Raça, Multiculturalismo.</p>	<p>Tomás Tadeu da Silva (1948)</p> <p>Miguel Arroyo⁹ (1935)</p>
------------------------------------	--	---	--

Fonte: Silva (2001, p. 17 *apud* SCHMIDT, 2003, p. 66).

Elaboração: Ivoneide Cardeal da Silva, 2021.

A tabela acima, nos possibilita compreender especificidades de cada teoria, desde as suas concepções a abordagem. Podemos perceber que a teoria tradicional se põe a favor da dominação e do condicionamento dos sujeitos à sociedade. A Teoria Crítica surge meio aos movimentos sociais e tem como centralidade a luta de classe, já a teoria pós-crítica, pode ser compreendida como um aprofundamento da teoria crítica, tendo como centro o multiculturalismo.

⁹ Arroyo (2011) aponta o currículo como o núcleo mais estruturante da função da escola, fato que faz do currículo o território mais cercado. Por ser uma peça chave no processo político estrutural da escola, o currículo está cercado de intencionalidades e de mecanismos que dificultam a inserção de identidades de coletivos historicamente dominados, normatizando o processo de apropriação do conhecimento e impedindo que esses coletivos possam realmente se apropriar do conhecimento como seres produtores de culturas e não como meros receptores. “Logo, seus saberes, culturas, modos de pensar não foram incorporados no dito conhecimento socialmente produzido e acumulado que as diretrizes curriculares legitimam como núcleo comum” (ARROYO, 2011, p.14)

Em suma, o entendimento das teorias sobre o currículo, permite compreender os interesses envolvidos e aplicados, por isso, vale sinalizar que o currículo direta ou indiretamente esteve associado a uma cultura de poder e de domínio, que perpassa pela política do conhecimento, onde é organizado e estruturado conforme os ditames da classe dominante e intelectual de uma sociedade que geralmente não reflete as necessidades de seus grupos. Ideologicamente organizado, na perspectiva de uma cultura que se sobrepõe a outra.

É relevante compreender que este currículo é apenas parte de “um conhecimento”, idealizado por um grupo que o compreendeu como sendo o melhor. No entanto, conforme Macedo (2002) este currículo precisa superar o formato disciplinar, precisa estar a favor de algo, de alguém, de algum princípio. Ainda em Macedo, que afirma “Isso implicaria numa política de sentido e numa política de conhecimento a respeito do currículo, com uma ética opcionada e clara” (MACEDO, 2002, p. 36).

Para Macedo 2002, (re) politizar e ressignificar este currículo, é preciso acima de tudo, criar esquemas cognitivos; é preciso ousar, arriscar em novas ações que não só signifiquem fechamento de componentes curriculares, há de se constituir ligações solidárias onde a raiz seja a consideração de que é na multiplicidade que encontraremos a unidade complexa do homem. E completa afirmando que:

Urge, portanto, se re-politizar/ ressignificar o currículo, porquanto as bases da sua constituição estiveram sempre referidas a uma racionalidade e a uma cientificidade clássicas, onde a resultante foi a alienação das formações e do trabalho, a racionalização em série, a competitividade para a eficácia irrefletida, a explicação pelo elementar, a redução do complexo ao simples, ao conhecimento do mundo pelas ideias claras e distintas, ao separar o que está ligado aos saber messiânico, onipotente e arrogante (MACEDO, 2002 p. 59).

É relevante que se enfatize que ressignificar o currículo perpassa inicialmente pela reeducação dos professores, pois o currículo só se altera mediante as ações, atitudes e posturas educativas. Este pensamento pode ser corroborado por Moura,

Sem a devida qualificação os professores passam a desenvolver a prática pedagógica ignorando as especificidades e peculiaridades dos sujeitos em processo de escolarização utilizam metodologias (técnicas, recursos e atividades) sem qualquer significado para os alunos trabalhadores desconsiderando o contexto e a historicidade dos sujeitos. Compreender as características e especificidades desses educandos nos seus aspectos antropológicos, históricos, filosóficos, culturais psicológicos e

sociolinguísticos possibilita entender e colocar nas práticas cotidianas questões e problematizações dos conteúdos das áreas específicas (MOURA, 1999, p. 47).

Pensar na formação do professor, econômico, político e cultural exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos sujeitos alunos trabalhadores para Soares.

Sem esta abrangência de novas possibilidades na formação do educador da EJA, pouco ou nada avançaremos em torno de uma educação crítica, pós-crítica. Embora, ainda seja algo novo, o currículo deve ser pensado, melhorado, em um processo de transformação, que denuncia a homogeneização da educação e consequente da humanidade. A educação precisa estar aberta aos novos valores sociais, inclusive, analisando criticamente seus documentos oficiais.

Remetemo-nos à mudança da cor da taboca, identificada como ponto certo para sua utilização na produção do buscapé. Para pensar o currículo vivido à luz da teoria pós-crítica, aquele experienciado no percurso formativo dos sujeitos da EJA. Nesse sentido de colorir, dá cor a algo ou alguém apresentamos a partir de agora algumas percepções de Paulo Freire e Miguel Arroyo.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO: PERCEPÇÕES NECESSÁRIAS SOBRE O CURRÍCULO VIVO E VIVIDO.

Questionando duramente as teorias tradicionais, a pós-crítica emerge considerando o poder do currículo transformação da sociedade. Para além de compreender a realidade social que os sujeitos estão inseridos, ela traz a necessidade de compreender as questões étnicas, culturais, raciais, gênero e de questões sexuais e todos seus elementos. Neste sentido, o destaque está num currículo multicultural, como traz Silva:

já não precisam da referência de um conhecimento verdadeiro baseado num suposto "real" para submeter à crítica do conhecimento socialmente construído pelo currículo. Todo conhecimento depende da significação e esta, por sua vez, depende de relações de poder. Não há conhecimento fora desses processos (SILVA, 2007, p.149).

O conhecimento não é estanque, não há um conhecimento único, estático, existem múltiplos conhecimentos e a multiplicidade de saberes. Estes dependem dos significados que lhes são dados e a quem a eles servem.

No entanto, as normativas e documentos curriculares, sistematizam os conhecimentos que deverão ser aprendidos de forma verticalizada, sem considerar e sem oportunizar espaço para a manifestação de diversos saberes trazidos pelos sujeitos e suas trajetórias de vida, seja o educando e sua bagagem com diz Arroyo (2020) Trazer essas vidas reais tão carregadas de indagações desestabilizadoras para o terreno aparentemente tão pacífico e estável dos currículos.

Do mesmo modo, quando se pensa na trajetória do educador, Arroyo (2020), diz, de fato, é uma pergunta desafiante: Por que entre tantos conhecimentos sistematizados nos currículos a serem ensinados, aprendidos e avaliados não entra o acúmulo de saberes sobre a docência como função social, como trabalho.

Ao falarmos em saberes na EJA, ultrapassemos a visão unilateral de ver sujeitos apenas o educando, Arroyo traz que o educador também é sujeito ativo nesse processo e os seus saberes construídos ao longo da docência necessitam ser considerado com importante instrumento enquanto função social.

Assim, percebemos os espaços coletivos de aprendizagem, aqui nos reportamos a escola, como espaços de partilha das experiências humanas. Esse espaço torna-se legitimador de uma educação que liberta e transforma, quando não ignora as experiências e diversidades, sobre isso Arroyo aponta:

Quando as experiências humanas e a diversidade de seus sujeitos são ignoradas, apenas algumas experiências, alguns sujeitos e conhecimentos são considerados válidos, universais, legítimos. Essa separação entre conhecimentos e experiências sociais leva a secundarizar, desprezar as experiências não apenas dos educandos e seus coletivos sociais, raciais, mas dos próprios educadores, docentes. Suas experiências profissionais, humanas, tão diferenciadas, de gênero, etnia, raça, classe, campo ou periferia, suas vivências da condição e do trabalho docente, de suas lutas como coletivo pouco importam para tratos profissionais, competentes, didáticos de conhecimentos (ARROYO, 2007, p.88).

Nessa reflexão, ele aponta a diversidade e as experiências dos humanos no processo e aponto o quão danoso é para a sociedade quando esses dois elementos são vistos por uma lente que os separa como fatores distintos e distantes, mecanizando o ato de ensinar, limitando-o à prática puramente instrumentalizada.

Essa reflexão de Arroyo dialoga com Freire em vários aspectos, e aqui destacaremos o entrelaçamento quando ambos falam das experiências humanas e diversidades.

Ora, aprendo com o outro e para o outro, esse outro é diferente, e assim como eu um sujeito inacabado, Freire (2019, p.14) nos diz que: “inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital.” O inacabamento, a certificação do pulsar da vida, da existência humana.

Se aprendo com o outro não há saber superior, há constantemente a construção de saberes, nesse sentido reconhecer-se como ser na sua total incompletude, é fazer girar o círculo da vida, no seu processo de invenção e reinvenção no mundo. Freire (2011, p.23) esclarece: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.”.

Partindo das concepções de currículo e como estas estão ligadas as concepções de sujeitos, sociedade, educação e envolvimento das contribuições de Arroyo e Freire, a luz da multiculturalidade compreenderemos que o pensar acerca de um currículo vivido, é colocar em primeiro plano o sujeito e a natureza política de toda a atividade docente. E pensar em currículo de vida para e da EJA.

3.2 CURRÍCULO DA EJA: SABERES NECESSÁRIOS.

As demandas e anseios dos sujeitos da EJA devem ser o ponto de partida, e isso significa: construir com eles e não para eles. Até pouco tempo atrás, prevalecia a ideia que gente da roça não carecia de estudos. A afirmação servia para justificar os baixos investimentos educacionais e econômicos no campo. Assim, o ensino ficou restrito à alfabetização ou à qualificação profissional para atender à necessidade de mão-de-obra (FARIA, 2008, p 29).

Aqui iniciamos nossa reflexão acerca do currículo da EJA como a afirmação de Faria, quando destaca as demandas e anseios dos sujeitos que povoam os diversos espaços de escolarização devem ser o ponto de partida para pensar a educação não alienante, para que a barbárie não seja justificada pela situação e vice-versa, como a situação apresentada por Faria e nesse sentido reafirma a concepção de Freire (2019), o que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados.

As reflexões aqui apontadas serão cruciais para a leitura acerca dos documentos normativos apresentados posteriormente. No Brasil o processo histórico de construção de currículo é marcado por negações e silenciamento quando não de forma isolada. Nesse sentido Nunes, Santos e Eugenio (2020, p.497) afirmam,

A tradição brasileira de construção de currículo tem sido responsável por definir e controlar as políticas de currículo que são implementadas nas escolas, sendo este tipo de prática responsável por uma relação verticalizada e autoritária das esferas decisórias da administração pública para com as escolas.

Desta forma, difunde-se uma concepção errônea sobre currículo, este passa ser compreendido como um documento que descreve os conteúdos que a escola deve ensinar. Pensar em currículo e diretrizes curriculares antes de tudo é pensar em quais sujeitos e qual sociedade, no que tange os sujeitos da EJA, Viñal Júnior, Santos Filho, Amorim (2020, p.314) afirmam, conhecer o perfil dos jovens e adultos da EJA no Brasil é imprescindível para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais e metodologias de ensino que tenham como objetivo principal a contribuição para um ensino emancipador, reflexivo e de qualidade.

Um outro ponto importante a ser destacado é que as questões curriculares na EJA não podem ser entendidas como algo que se inicia estudo exclusivamente na e da escola. A carência ou fragilidade dessa categoria na formação do docente é prejudicial para o fazer pedagógico. Sobre isso Viñal Junior (2015, p. 97), aponta que a questão curricular se apresenta como uma grande problemática quando falamos sobre a presença da EJA nos cursos de formação de professores do Brasil. Principalmente porque currículo está para além da presença de conteúdos dispostos em uma lista que compõe qualquer este ou aquele componente curricular, ainda mais quando falamos da EJA cujos sujeitos possuem necessidades, especificidades e saberes específicos.

Logo, afirmamos a importância da sua presença na formação inicial do docente, na construção da identidade profissional, para atuar no campo tão adverso e de conflitos é necessário ter consciência de qual terreno e quais sementes estamos semeando, em outras palavras entender qual EJA temos, sobre isso, Faria, (2008, p.26) afirma,

a Educação de Jovens e Adultos como campo político de formação e investigação necessita comprometer-se com a educação das camadas populares e com a superação das diferentes formas de preconceito, exclusão

e discriminação existentes em nossa sociedade, as quais se fazem presentes tanto nos processos educativos dentro do contexto escolar e para além dele.

No entanto, ponderamos aqui que esta formação não pode ser limitada às compreensões técnicas e burocráticas. Não pode ser compreendida como um momento onde o sujeito ali inserido sairá dominando de forma mecânica as concepções a ou b, ou se apropriando de uma ideia e excluindo veemente as demais. Essa formação é provocativa ao encontra-se no saber, como aponta Faria (2014, p. 166)

a formação de professores vai além da questão técnica, é acima de tudo possibilitar a estes caminhos para conciliar as dimensões: humana, política e pedagógica do saber fazer da sua profissão. Essas dimensões não se excluem mutuamente, pelo contrário precisam e necessitam conviver de forma indissociável e dinâmica.

Neste sentido nos afirmamos em Freire (2019, p.214) quando este diz, neste sentido, a formação técnica-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização.

Todos esses elementos apontados estão diretamente ligados a ideia de currículo, pois falar de currículo é falar de prática docente. Conceber uma unidade curricular para os mais diversos sujeitos é antes de tudo desumanizante, pois anula e silencia histórias, pois os sujeitos trazem suas referências de realidade. Acerca disso Santos traz:

Diferentemente do trabalho pedagógico com crianças e adolescentes, identificamos, nos princípios educacionais, a valorização e o reconhecimento das experiências de vida e das práticas (incluindo a dimensão do trabalho e a condição de trabalhadores) como indicadores da necessidade de uma prática docente diferenciada nessa modalidade. As pessoas adultas trazem consigo uma vasta experiência, fruto das relações que estabelecem e do próprio tempo de vida. Nesse mesmo sentido, os educadores, também, na condição de trabalhadores trazem essa referência sociocultural (SANTOS, 2010, p. 166).

Neste sentido o currículo, é prática diária, é constituído em um movimento de troca constante, no entanto essa troca precisa ser zelada para que não seja banalizada e perca sua finalidade, sobre isso Santos, Nunes e Eugênio (2020, p.498) afirmam,

o currículo como uma construção cotidiana é elaborado por meio de grandes tensões entre o prescrito e o praticado, pois a prescrição curricular, muitas vezes, é construída desconsiderando a realidade das escolas, levando os educadores e as educadoras adaptarem, em alguns casos, o que é definido e, em outros, criando novos objetivos para o desenvolvimento de suas aulas e o trabalho com o conhecimento curricular.

Partindo desta compreensão entre o praticado e o prescrito, entendemos currículo como práticas de ensino-aprendizagem. Aquilo que é feito na relação dinâmica entre professor e estudante, educando e educador, a produção humana, aquilo que o humano vive para sua emancipação. Nesse sentido, Oliveira, Paiva e Passos (2016, p.127) afirmam, cabe pensar que, quando o sujeito “vive”, compartilha e interpreta o mundo em diálogo com essas práticas, toda uma série de saberes, modos coletivos de compreender esse mundo, princípios éticos e estáticos são acionados, porém, mais do que isso: junto com esses saberes emergem memórias, afetos e, o mais importante, um reposicionamento desse sujeito na sociedade e no grupo.

Eugênio (2004) aponta que, o currículo então, determina e orienta o trabalho escolar e também é determinado por ele. Está centralmente envolvido na produção social, principalmente de nossas identidades. Neste sentido, o currículo é elemento central para e na prática pedagógica.

Sendo a escola um lugar com sujeitos de expressões culturais múltiplas, este lugar tornar-se um ambiente cultural e necessário para as relações humanas, como afirma Eugênio (2004) A instituição escolar é também um espaço sociocultural e propicia a aquisição de saberes e interações sociais, nesse sentido esse espaço formal e institucionalizado as relações ali estabelecidas entre os sujeitos são emolduradas pela diversidade e este definirá o processo de aprendizagem.

Buscando identificar as questões sobre pesquisa em currículo, foi feito um levantamento no banco de dados do único programa de mestrado em EJA no país, sendo esse sem dúvida um banco de dados de grande relevância social para os pesquisadores da área e demais interessados em compreender a EJA enquanto política pública, por nosso recorte da pesquisa ser ano de discussões da BNCC, o levantamento foi direcionado as dissertações publicadas no MPEJA a partir de 2016, ano anterior, como explicitado na tabela abaixo:

Tabela 02: Dissertações defendidas e publicadas no MPEJA / UNEB

Nº	ANO	TÍTULO	AUTOR/ ANO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LINK DE ACESSO
01	2016	O Currículo: Espaço de Formação dos Sujeitos da EJA no Território de Vila de Abrantes	Roberto Fernandes Sousa 2016	2– Formação de Professores e Políticas Públicas	https://portal.uneb.br/mpeja/wp-content/uploads/sites/18/2020/03/Disserta% c3%a7%c3%a3o_Roberto_Sousa_final.pdf
02		Juvenilização da EJA: Quais Saberes? Quais Práticas? Qual Currículo?	Edna Rodrigues de Souza 2016	2– Formação de Professores e Políticas Públicas	https://portal.uneb.br/mpeja/wp-content/uploads/sites/18/2019/08/Disserta% c3%a7%c3%a3o-Edna-ultima-versao.pdf
03		Saberes Docentes e Currículo: O Lugar da EJA no Curso de Pedagogia	Maria do Carmo Oliveira de Cerqueira 2017	2– Formação de Professores e Políticas Públicas	https://portal.uneb.br/mpeja/wp-content/uploads/sites/18/2020/07/VERS%c3%83O-FINAL-MARIA-DO-CARMO.pdf
04		O Currículo na Perspectiva Crítico-Multirreferencial: Uma Possibilidade de Aprendizagem e Ressignificação dos Educandos e Educandas do Colégio Professor George Fragoso Modesto	Evandro Vilas Boas Coelho 2017	3: Gestão Educacional e Tecnologias da Informação e da Comunicação	https://portal.uneb.br/mpeja/wp-content/uploads/sites/18/2021/05/VERS%c3%83O-FINAL-EVANDRO-COELHO.pdf

Fonte: Banco de dados de dissertações do MPEJA, 2021

Elaboração: Ivoneide Cardeal da Silva, 2021.

O resultado no banco de dados do MPEJA trouxe elementos interessantes para o percurso da pesquisa, usando como filtro de busca a categoria currículo, foram identificadas quatro publicações, assim organizadas.

Uma pesquisa na área de concentração 3: Gestão Educacional e Tecnologias da Informação e da Comunicação, que traz uma pesquisa de currículo crítico e multireferencial. As três demais dissertações estão na área de concentração 2 Formação de Professores e Políticas Públicas, sendo também a área da nossa pesquisa.

A primeira elencada é “O Currículo: Espaço de Formação dos Sujeitos da EJA no Território de Vila de Abrantes”, do autor Roberto Fernandes Sousa, nessa pesquisa

ele apresenta o currículo como espaço de formação contínua dos sujeitos da EJA, educando e educadores num ciclo constante de aprendizagem.

Logo em seguida temos a “Juvenilização da EJA: Quais Saberes? Quais Práticas? Qual Currículo?” de autoria de Edna Rodrigues de Souza. Neste temos evidenciado as categorias saberes, práticas e currículo onde está imbricado o que é vivido por esses sujeitos.

E a terceira dissertação é “Saberes Docentes e Currículo: O Lugar da EJA no Curso de Pedagogia” de Maria do Carmo Oliveira de Cerqueira, nesta produção a pesquisadora os saberes docentes e o currículo na formação inicial do educador, mais precisamente no curso de pedagogia. Neste sentido, percebemos a formação do professor para EJA em xeque. Ao observar esses elementos, evidenciamos a relação íntima em pensar currículo e formação de professores.

A pesquisa acerca de produções acadêmicas que trate de currículo na e para EJA, deu seu passo desta vez no banco de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED).

Ao visitarmos o banco de dados de dissertações da ANPED, iniciamos tendo como recorte temporal as publicações a partir de 2017, no Grupo de Trabalho (GT) 18 -Educação de Pessoas Jovens e Adultas, o mesmo recorte das pesquisas anteriores. No entanto, essa busca não logrou êxito e buscamos por categoria currículo e EJA, e assim encontramos publicações de anos anteriores e em outros grupos, organizadas divididas entre o GT 12 - Currículo e o GT 06-Educação Popular. Vejamos o quadro abaixo:

Tabela 03: Publicações na ANPED acerca do Currículo da EJA

Nº	Título	Autores	Ano de Publicação	Grupo de Trabalho GT	Link de acesso
01	O lugar do saber de Referência dos estudantes no Currículo da EJA.	MONACO, Graziela Del LIMA, Emilia Freitas de	2015	GT-12 Currículo	https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt12-4511.pdf
02	Currículo e Educação de Jovens e Adultos nas empresas: apropriação de saberes e	VIEGAS, Moacir Fernando	2007	GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas	https://www.anped.org.br/biblioteca/item/curriculo-e-educacao-de-jovens-e-adultos-nas-empresas-

	mudança no conteúdo prescritivo				apropriacao-de-saberes-e
03	Currículo Carcerário: práticas educativas na prisão	RESENDE, Haroldo de	2004	GT12 - Currículo	https://www.anped.org.br/biblioteca/item/curriculo-carcerario-praticas-educativas-na-prisao
04	O currículo em ciclos de aprendizagem: Uma proposta de escola pública, popular e democrática.	AGUIAR, Denise Regina da Costa	2013	GT06 - Educação Popular	https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06_3057_texto.pdf
05	Jogos eletrônicos, juventude e Currículo cultural: impulsionando uma nova prática educativa popular	MOITA, Filomena Ma. Gonçalves da Silva Cordeiro	2004	GT06 - Educação Popular	https://www.anped.org.br/biblioteca/item/jogos-eletronicos-juventude-e-curriculo-cultural-impulsionando-uma-nova-pratica
06	Uma investigação sobre a constituição de modo(s) de ser jovem e as práticas de numeramento na EJA	SCHNEIDER, Sonia Maria	2008	GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas	https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt18-4175-int.pdf
07	Processo de construção de Orientações curriculares da EJA em Mesquita/RJ: Descolonização do poder?	NASCIMENTO, Elisângela Bernardes do	2013	GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas	https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt18_2904_texto.pdf
08	A experiência de construção dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos do PROEJA no IF: construindo caminhos para efetivação de um currículo integrado	SCOPEL, Edna Graça OLIVEIRA, Edna Castro de FERREIRA, Maria José Resende	2013	GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas	https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt18_3231_texto.pdf
09	O currículo de matemática do proeja: um estudo de caso no CEFETSC de Florianópolis	COAN, Lisani G. W.	2007	GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas	https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt18-3359-int.pdf
10	Movimentos curriculares e encontros formação com professores do PROEJA no	MOREIRA, Priscila dos Santos	2015	GT12 - Currículo	https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt12-4145.pdf

	cotidiano do Instituto Federal do Espírito Santo				
--	--	--	--	--	--

Fonte: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa –ANPED-2021

Elaboração: Ivoneide Cardeal da Silva, 2021.

O quadro acima expõe produções direcionadas ao currículo para a EJA. Há produções relacionadas aos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), Institutos Federais (IF), Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), orientações curriculares. Mas aqui destacamos duas produções que evidenciam em seu título, através das categorias “saberes” e “práticas” a valorização das vivências dos sujeitos. Destacamos a dissertação, Currículo e Educação de Jovens e Adultos nas empresas: apropriação de saberes e mudança no conteúdo prescritivo, que apesar de ser em um ambiente empresarial, este relaciona o saber e o prescrito. No sentido de compreender o prescrito e o vivido, seguiremos agora as orientações e normatizações curriculares prescritas para EJA.

3.3. O CURRÍCULO INSTITUÍDO: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O processo histórico do país foi fortemente marcado por criações e implantações de aparatos legais na tentativa de estruturar a educação brasileira, porém insuficientes para atender as demandas expressas na diversidade da população, principalmente quando se referia à educação de jovens e adultos, sendo esta sempre inserida em ações imediatas através de campanhas, programas e projetos com foco em aceleração e suplência a exemplo a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEEA, o Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL, o Programa de Educação Integrada – PEI entre outros.

Sobre esse contexto histórico Haddad e Di’ Pierro, afirmam:

A atuação do MOBRAL inicialmente foi dividida em dois programas: o Programa de Alfabetização, implantado em 1970, e o PEI – Programa de Educação Integrada, correspondendo a uma versão compactada do curso de 1a a 4a séries do antigo primário, que se seguiriam ao curso de alfabetização. Posteriormente, uma série de outros programas foram implementados pelo MOBRAL (HADDAD, DI’PIERRÔ, 2020. p 115).

Tais ações, apesar de pensadas para o público adulto não conseguiam atender a enorme e crescente demanda da educação de jovens e adultos em seus aspectos

pedagógicos, financeiros e legais, uma vez que a ideia predominante era a de esforço individual, processo instantâneo, aceleração na escolarização com a intencionalidade restrita à memorização do código alfabético, conduzido por métodos opressores, onde ao estudante cabia apenas a mera reprodução, este método Freire (1979) denomina de “Educação Bancária”.

Freire defendia uma educação de leitura de mundo, uma educação que ultrapassasse os limites bancários e a decodificação de letras, era necessária uma nova educação onde o sujeito como protagonista do processo se percebesse como construtor de sua história e que sua inquietação fosse alimento para a libertação social, enfim uma educação libertadora. Paulo Freire defende que:

O importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implicitamente ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (FREIRE, 2019, p,120).

O pensamento de Freire e sua proposta para a alfabetização alavancaram as discussões acerca da educação de adultos, trazendo para o cerne da questão as particularidades e singularidades dos sujeitos; cabe ressaltar que ao tratar de sujeitos a concepção é ampla envolvendo estudante e professor. Nesse contexto, uma educação libertadora só é possível com e para a libertação de todos e nesta perspectiva o professor deve compreender que sua função não é de reproduzidor de normas e condutas para a perpetuação do sistema, o docente é um ator social, um ser revolucionário em uma educação problematizadora, que educa enquanto é educado, como afirma Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser, funcionalmente, autoridade, se necessita de ser com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2019, p.9).

Portanto, a educação torna-se um meio de pensar enquanto indivíduo e enquanto grupo, dentro de um processo de singularidade e pluralidade. Singular pois cada sujeito percebe-se de forma única, plural pois sua construção é desenvolvida no coletivo, estando o professor no processo, este atua como mediador na produção do conhecimento e na provocação da análise crítica da realidade.

No tocante à legislação, no ano de 2000 com a Resolução nº01/2000 e o Parecer nº11\2000 do Conselho Nacional de Educação (CNE) da Câmara de Educação

Básica (CEB), estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, esta descreve o perfil de estudantes presentes em sala de EJA e suas características sociais, econômicas e cognitivas, destaca-se que tal parecer afirma as funções da EJA e as descreve de forma a garantir uma educação para jovens e adultos. Primeiramente apresenta-se a função reparadora, assim descrita nas diretrizes: A **função reparadora** (grifo nosso) da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. (PARECER CNE/CEB nº 11/2000, p,7)

Sendo esta função, mais um elemento fundante para entrada e permanência dos sujeitos nas classes de EJA, de forma a garantir um processo de ensino e escolarização tão qual ao que deve ser ofertado nas demais classes da política de educação tendo seu modelo pedagógico próprio. Ela reafirma a necessidade da desconstrução da EJA como suplência e ou curso aligeirado para apenas obtenção de certificação, consolidando uma inserção e permanência de qualidade, para todos os cidadãos e garantido um bem social e simbolicamente importante, a valorização do percurso escolar.

Posteriormente, tem-se a função equalizadora, o parecer afirma: A **função equalizadora** da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação (PARECER CNE/CEB nº11/2000, p.9).

A função equalizadora reafirma de forma mais detalhada quem são os sujeitos da EJA, que por movimentos do sistema foram retirados do ambiente escolar e retornam com sua historicidade e suas perspectivas enquanto ser social. Esta função visa a desconstrução de “idade certa ou tempo certo” de aprender, como também ataca a concepção seletiva de quem e quando deve estar na escola. E por último e não menos importante a função qualificadora, definida como: A **função qualificadora**, mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter

incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (PARECER CNE/CEB nº11/2000, p,9)

A função qualificadora reafirma o papel da educação no desenvolvimento do sujeito no individual e no coletivo sendo este um processo contínuo. Enquanto sujeitos inacabados necessitamos constantemente de construir conhecimentos, e esta função evidencia a necessidade de uma educação para adultos de forma a garantir o seu processo de desenvolvimento enquanto ser social considerando o mundo que o cerca e suas constantes necessidades.

Destaca que a resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, orienta a proposta pedagógica e a formação inicial e continuada dos professores e estas devem considerar seus aspectos, como afirma em seu art. 17:

Parágrafo único. A proposta pedagógica deve ser apresentada para efeito de registro e arquivo histórico.

Art. 17 – A formação inicial e continuada de profissionais para a Educação de Jovens e Adultos terá como referência as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental e para o ensino médio e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, apoiada em:

I – Ambiente institucional com organização adequada à proposta pedagógica;

II – Investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas;

III – desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;

IV – Utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem.

(RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1/2000, p,3)

Na mesma medida que a resolução entende as particularidades do estudante, destaca as particularidades da prática pedagógica em consonância com características fundamentais e necessárias do docente que atuam em EJA. Nesse tocante de leitura curriculares, seguiremos a para o documento normativo mais recente, a Base Nacional Comum Curricular, intitulada Educação é a Base.

3.4 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC

O ano de 2020 é foi o prazo final para que todos as redes estejam atuando em consonância com a Base Nacional Comum Curricular -BNCC, cuja versão final foi aprovada em 2017, apesar de a base não ser currículo propriamente dito, esta será o documento que servirá de referência nacional para nortear a construção ou reconstrução dos currículos, elaboração de materiais didáticos, políticas de formação de professores e gestores e de avaliações e exames para a inserção em cargos públicos e universidades.

Esta base está fundada na LDB, em seu artigo 26 que trata que os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos, no Plano Nacional de Educação (PNE), lei nº 13.005, aprovada em 2014, meta 7, estratégia 7.1 que trata do estabelecimento e implantação de diretrizes pedagógicas para a Educação Básica e a base nacional comum dos currículos.

A BNCC estabelece competências que segundo sua proposta deverão ser desenvolvidas por crianças e jovens, por não fazer referência específica ou melhor por ocultar o adulto. A base alimenta sutilmente uma segregação em uma concepção minúscula unificada de estudante brasileiro.

Durante sua construção, várias discussões foram levantadas, principalmente nos aspectos da diversidade como a EJA, Educação Indígena, Quilombola, Educação Especial, apesar das inquietações a base foi aprovada sem fazer menção as particularidades e a diversidade. Nas duas primeiras versões os termos jovens e adultos são mencionadas em alguns itens e tópicos, como o que trata da articulação dos componentes curriculares:

As áreas e componentes curriculares se articulam para promover a apropriação de crianças, jovens e adultos de diferentes linguagens, para reconhecer e interpretar fenômenos e processos naturais, sociais e culturais, para enfrentar problemas práticos, para argumentar e tomar decisões, individual e coletivamente (BNCC, 2015, 1ª versão, p. 10).

No entanto, não é uma referência a EJA, mas sim a inserção dos termos a jovens e adultos. Na segunda versão a EJA é mencionada nos tópicos dois onde trata dos princípios da base nacional comum curricular mais precisamente nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento: “As crianças, adolescentes, jovens e adultos,

sujeitos da Educação Básica, têm direito [...]” (BNCC,2016, 2ª versão p. 34), mais uma vez são mencionados os termos jovens e adultos e posteriormente no tópico que trata da BNCC e as modalidades da educação básica, neste trecho tem-se somente o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Apesar de nas duas primeiras versões há a inserção dos termos jovens e adultos, não significava dizer que a EJA estava contemplada, pois esta foi limitada a citação de sujeitos de forma deslocada e sem expressividade, pois na BNCC não há menção as funções sociais da EJA, nem uma correlação com as especificidades dos sujeitos que povoam as salas.

Na terceira versão da BNCC observamos que os termos foram suprimidos e não é assegurado um currículo que resguarde ao sujeito o direito as demandas formativas em especial o da EJA. Através da alegação de que esta modalidade faz parte da educação básica, portanto já está contemplada, tal afirmação do MEC legitima uma invisibilidade do sujeito da EJA e suas necessidades no processo formativo.

A BASE estabelece em seu documento introdutório, o seu caráter normativo e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Sua estrutura é dividida em cinco partes, a introdução, a estrutura da BNCC, a etapa da Educação Infantil, Etapa do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Ela apresenta dez competências gerais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo de seu percurso na Educação Básica, trazendo a concepção sobre competências a BASE define:

Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2017, 3ª versão, p8).

As dez competências da base, são elencadas e apresentadas com suas abrangências, Conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, responsabilidade e cidadania. Apesar desta organização e de sua perspectiva a atual Base não

estabelece e/ou melhor não expressa base teórica sobre o currículo e sobre prática docente.

Tratar de prática docente é tratar de currículo, apesar de distintos estes são indissociáveis no processo, comumente concebido de forma limitada há um mero documento escrito ou uma listagem de conteúdos avulsos, o currículo é um importante documento norteador no processo de ensino e aprendizagem que materializa a identidade de um povo, esse materializar faz do currículo um espaço fecundo onde a diversidade se expressa em uma luta constante de ressignificação e resistência.

Nesta concepção de terreno fértil que é o chão da escola, adentramos nas discussões acerca do currículo da EJA, ao se tratar da conceituação de currículo especialmente com os docentes, este é concebido de forma errônea e muitos momentos a relação do docente com o currículo é de distanciamento. O currículo é algo vivo, norteia os caminhos que serão percorridos durante o processo formativo dos sujeitos e este não pode ser considerada fórmula mágica ou receita pronta, pensada por um grupo para a resolução da educação, sobre isso Freire afirma:

A reformulação do currículo não pode ser algo feito, elaborado, pensado por uma dúzia de iluminados cujos resultados são encaminhados em forma de 'pacotes' para serem executados de acordo ainda com as instruções e guias igualmente elaborados pelos iluminados. A reformulação do currículo é sempre um processo político-pedagógico e, para nós, substantivamente democrático (FREIRE, 2006, p. 24).

Freire afirma a função política do currículo, este não pode ser construído de forma neutra e passiva, deve contemplar os sujeitos e suas relações, que deve buscar em sua concepção o desenvolvimento integral dos sujeitos, possibilitando a formação cidadã através da criticidade sobre sua existência e seu papel enquanto ser social.

As questões curriculares na EJA, mais precisamente o que e como trabalhar no espaço de escolarização não devem ser limitadas a um recorte do recorte daquilo que é entendido como essencial para estudar e ofertado em outras turmas, este currículo precisa atender às necessidades formativas dos sujeitos, a sua inserção no mundo do trabalho e principalmente sua emancipação humana. Após o caminhar acerca das normatizações curriculares nacionais, faremos agora um apanhado histórico, em seguida um estudo no Currículo do estado de Sergipe.

4. A EJA EM SERGIPE: DESEMBOLANDO O CORDÃO.

*Sergipe é o país do forró
 Tem milho, canjica e quentão
 Quando chega mês de junho
 Na Rua de São de João
 O Forró vai começar
 Laiá, laia
 (Sergipe é o país do forró
 Tem moça bonita que só
 Quando chega mês de junho
 Na Rua de São de João
 O Forró vai começar
 Laiá, laia)
 Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
 É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
 Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
 Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol
 (Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
 É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
 Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
 Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol)
 Segura esse forró, menino
 É assim que eu quero ver no rela-bucho
 Vamos lá, senão vai só ficar na palminha da mão
 Chamego Só (País do Forró)*

Rogério Cardoso

Partindo desta composição do estanciano Rogério Cardoso¹⁰, apresentando em forma de música o “País do Forró”, falaremos um pouco sobre o menor estado do país em expansão territorial, porém grandioso em sua expressividade cultural. Sua grandiosidade em crenças, costumes, festividades, manifestações populares faz com que a identidade de seu povo seja reafirmada seja ele gentílico ou os que o escolhem como morada vivencie a Sergipanidade¹¹.

24 de outubro é o dia da Sergipanidade, dedicado à valorização da identidade do povo sergipano, essa comemoração já existia por parte da população, porém em 2019, através da Lei 8.601/ de autoria do presidente da Assembleia Legislativa de Sergipe, deputado Luciano Bispo, o dia se tornou oficial.

¹⁰ Pedro Rogério Cardoso Barbosa. Esse é o nome do cantor e compositor, o músico-poeta idealizador do já consagrado hino dos festejos juninos em Sergipe: ‘Sergipe é o País do Forró’. Rogério, nascido no município sergipano de Estância, tem quase 30 anos de trabalho intenso nos palcos de todo o Brasil, representando o nome de Sergipe como ninguém

¹¹ 24 de outubro, é dia de comemorar a sergipanidade. Dia de ter orgulho da identidade e da cultura do povo sergipano. Sergipanos de sangue ou de coração, celebram as crenças, nossos costumes, sotaques, nossas manifestações populares e nossa história.

Sergipe tem em sua história educacional um diferencial. Através da Lei nº 7.382, de 03 de janeiro de 2012, da Professora e Deputada Ana Lúcia, foi dado a Paulo Freire o título de Patrono da Educação Sergipana.

Publicada no Diário Oficial Nº 26.405, do dia 20/01/2012 a lei traz em sua redação no seu artigo segundo, a realização anual de uma semana de atividades pedagógicas acerca das obras e vida de Freire, sempre na semana do dia 19. Ao tê-lo como patrono da educação sergipana, este título não pode limitar-se a mera formalidade, de certa forma implica ao estado o comprometimento com os princípios éticos políticos do educador para uma educação libertadora.

Iniciaremos uma breve análise acerca do contexto educacional do estado, mas precisamente nas recentes mudanças no currículo. Na busca de situar o leitor, trataremos com brevidade o processo histórico da Educação de Jovens e Adultos, partindo dos escritos de Almeida.

O processo de funcionamento da EJA em Sergipe deu-se a partir do parecer 44/73 do Conselho Estadual de Educação - CEE/SE que normatizou o curso supletivo das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Através da resolução 48/77 CEE/SE, instituiu-se as regras para os exames supletivos. Em 1983, o parecer de Nº 008/83 CEE/SE autorizou o funcionamento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). De 1982 a 1994 existiu o Programa Supletivo do 1º grau que era transmitido no rádio. Esse programa recebeu outros nomes ao longo do tempo como Aceleração, Etapas e o Supletivo 2000. A partir dos anos 2000, a educação para adultos no Brasil ganhou nova configuração com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Em Sergipe, foi instituído o parecer 78/2000 com as novas normas, as quais estabeleceram o ensino da EJA de forma seriada e instituiu os exames supletivos (ALMEIDA, 2012, p.33).

Segundo Farias 2018, a Resolução Nº 2 de 28 de maio de 2013, passou a estabelecer as diretrizes para o funcionamento da EJA nas instituições educacionais pertencentes ao Sistema de Ensino do estado de Sergipe e continua vigente. As normas abrangem os cursos ofertados, tanto pelo poder público, quanto pelas instituições privadas de ensino fundamental e/ou médio e exames ofertados pelo poder público estadual.

Partindo das pesquisas acerca da EJA em Sergipe, é perceptível um paralelo ao processo nacional. Sobre isso Almeida (2012) destaca que os anos de eclosão dos Programas Nacionais de Alfabetização nas últimas décadas em exemplo o Brasil Alfabetizado que no estado nomeou-se de Sergipe Alfabetizado.

A Secretaria do Estado da Educação, Esporte e Cultura –SEED, atualmente está organizada e dividida em 10 Diretorias Regionais- DR, iniciando com a Diretoria

Regional de Educação de Aracaju- DEA, DRE 1 – Sul Sergipano; DRE 2 – Centro-Sul Sergipano; DRE 3 – Agreste Central Sergipano; DRE 4 – Leste Sergipano; DRE 5 – Médio Sertão Sergipano; DRE 6 – Baixo São Francisco Sergipano; DRE 7 e DRE 9 – Alto Sertão e DEA e DRE 8. O município de Estância é um polo, onde é localizada a Diretoria Regional de Educação-DRE-01 com os municípios Arauá, Boquim, Pedrinhas, Salgado, Estância, Santa Luzia do Itanhy, Indiaroba, Umbaúba, Cristinápolis, Tomar do Geru, Itabaianinha. (SEDUC, 2021)

4.1 CURRÍCULO PRESCRITO DE SERGIPE.

Traremos aqui o currículo prescrito no estado, o Currículo de Sergipe, intitulado Integrar e Construir, publicado em 20189 construído à luz da BNCC. Em 20 de dezembro de 2017 a BNCC foi homologada, sendo este documento normativo, subsidiará os estados e municípios na reestruturação de seus currículos locais. Em Sergipe, a construção do currículo deu-se entre pontos e contrapontos entre o interesse das instituições públicas dos estados e municípios e a categoria representada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Sergipe - SINTESE.

Entre 2018 e 2019 durante esse processo o SINTESE lançou três publicações acerca do debate e a atual conjuntura, foram três cadernos assim intitulados, caderno 1 BNCC: Perspectiva da Classe Trabalhadora, necessidade de resistência, caderno 2 BNCC: Currículo sob a perspectiva da classe trabalhadora, necessidade de resistência e o caderno 3 BNCC: Projeto Político da Escola, o cotidiano escolar como espaço de construção de conhecimento pelos praticantes pensantes. Todas as três publicações buscam evidenciar as necessidades e urgência da classe trabalhadora, o papel da escola e do currículo:

Neste cenário, no ano de 2018, a Secretaria Estadual de Educação (SEED) com equipe do Programa Estadual de Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), iniciaram as discussões para a construção do currículo do estado, este foi regulamentado no Sistema Estadual de Ensino por meio do Parecer Nº 389/2018 e da Resolução Nº04/2018 do Conselho Estadual de Educação, denominado Currículo de Sergipe, Integrar e Construir. Este, específica em sua capa Educação Infantil e Ensino Fundamental, conforme figura abaixo:

Seguindo as orientações da BNCC, o currículo de Sergipe também tem um código alfanumérico, desta vez acrescentando no final do código SE e um par de números para representar ciclo. Ainda na introdução, o documento apresenta um quadro sobre a organização dos componentes curriculares e as competências gerais do currículo de Sergipe *ipsis litteris* a BNCC.

Na sua justificativa o documento traz em seu enunciado: Travessias do ensinar e aprender. Nessa narrativa o documento objetiva apresentar a aprendizagem desenvolvida tendo como foco o pensar e a (re) significação dos saberes:

A aprendizagem que emergir desse fazer educacional deverá ter como foco o pensar e a (re)significação dos saberes e fazeres, dos modos de intervenção e de produção das existências individuais, compreendendo que são elas também existências coletivas. Um pensar que se confunda com o experimentar, que se faça sinônimo do sentir. (Currículo de Sergipe, 2019, p. 22)

Durante todo o texto no currículo de Sergipe, onde se trata de travessias de aprendizagem, está presente um sujeito tendo seu processo iniciado na infância. A concepção imbricada na estruturação do currículo é de um sujeito que adentrou o sistema de ensino desde a Educação Infantil sem intercorrência, como no trecho abaixo:

Toda criança é capaz de aprender. Todo adolescente é capaz de aprender, mesmo quando diagnosticado com algum nível de deficiência cognitiva. Nesse último caso, as aprendizagens, obviamente, dar-se-ão, como em qualquer outra circunstância, nos limites estabelecidos pelo corpo. (CURRÍCULO DE SERGIPE, 2019, p. 29).

Outro momento onde mais uma vez o sujeito adulto e idoso não é percebido na narrativa é quando o documento questiona as fases de desenvolvimento humano: Quem é o sujeito da infância, da adolescência e da juventude dos dias contemporâneos? (CURRÍCULO DE SERGIPE, 2019, p 29)

Para pensar em currículo vivido é salutar pensar nos sujeitos que estão na escola, é necessário abrir-se os leques de compreensões e vivências. Pensar em sujeitos é pensar em diversidade, étnica, religiosa, sexual, gênero e demais frutos da relação do sujeito com o mundo e para o mundo, no entanto no currículo estas questões são tratadas como “sensíveis” e de retirada da escola a atuação de forma

teórica metodológica das questões e colocada como questões de autoestima transferindo ao professor essa responsabilidade, como consta no trecho abaixo:

Os modos de estar no mundo demarcam uma estética, uma ética, uma posição política, mesmo quando não se tem consciência disso. Não compete ao projeto escolar, em temas sensíveis como sexualidade, gênero e religiosidade defender esse ou aquele caminho. Aos educadores, fica a tarefa de organizar e coordenar ambientes de aprendizagens que oportunizem às crianças e aos adolescentes o desenvolvimento da autoestima, o respeito por si e pelo outro, independente das travessias subjetivas que todo cidadão tem o direito de realizar, devendo, inclusive, intervir dentro dos parâmetros e dos propósitos educacionais, para que a caminhada de cada um não coloque mediante risco a dignidade de si e dos que, ao lado, fazem também sua jornada (CURRÍCULO DE SERGIPE, 2019, p. 32)

Fica evidente um silenciamento imposto à escola acerca de questões tão urgentes para a sociedade, direcionando somente ao professor tratar de forma individualizada através de ambientes de aprendizagens questões que são pautas de interesses coletivos, que envolvem as diversidades humanas em suas expressões.

Na parte seguinte do currículo de Sergipe tem-se a organização da Educação Infantil e posteriormente o Ensino Fundamental.

Neste trecho, fica ainda mais recorrentes as concepções de sujeitos criança e jovens e não presença do adulto e idoso. Inicia-se na apresentação da etapa, onde prevê o desenvolvimento de competências e habilidades ano a ano.

O presente documento tem a intenção de apresentar uma proposta curricular estruturada pedagogicamente para o Ensino Fundamental, etapa relevante da Educação Básica, tendo como foco a formação integral do aluno, em que se prevê a garantia do desenvolvimento de competências e habilidades, ano a ano, alinhado aos direitos de aprendizagem, sem exclusão dos conhecimentos próprios da criança, premissas já presentes no documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, homologada em 20 de dezembro de 2017 (CURRÍCULO DE SERGIPE, 2019, p.107).

Esse é reafirmado ao longo do texto, pois sempre está presente a ideia de infância e juventudes com progressão da escolarização sem interrupção e em um processo perfeito e natural de acesso e permanência na escola.

Apesar de o texto indagar em alguns momentos o ser adulto, este termo só está presente na escrita de forma complementar, pois não há uma narrativa e desenho do ser adulto e idoso, como se todos da escola seguissem de forma métrica o sistema de escolarização não compreendendo os percursos não lineares, de idas e voltas dos sujeitos. Pensar em currículo para os jovens, os adultos e os idosos, é pensar na

compreensão de suas saídas e retornos do ambiente escolar e o seu percurso de vida, sua bagagem, sua identidade.

Sendo Freire Patrono da educação Sergipana, não é perceptível a presença de seus princípios e pressupostos na escrita deste documento, nem suas concepções e ideias acerca do sujeito, do mundo da escola.

Na tentativa de contemplar as especificidades da Educação do Campo, Educação Quilombola, Educação Especial e a EJA, em meados de 2019 a equipe (ProBNCC), com os técnicos dos serviços e colaboradores, construíram a uma versão preliminar de cadernos complementares e que foi lançado para consulta pública no Encontro Formativo para Construção Coletiva do Caderno de Modalidades, que teve como objetivo iniciar o processo de coleta de contribuições para o caderno, envolvendo representantes das escolas estaduais, municipais, de movimentos sociais e fóruns.

No mês de maio de 2022, a SEED lança o Caderno Complementar da Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, um documento com 540 páginas divididas entre as duas modalidades, sendo que este traz elementos aprofundados sobre a EJA, como mostram as figuras abaixo:

Figura 02: Capa do Caderno Complementar de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial



Fonte: Material em formato PDF, disponibilizado pela Secretarias de Educação do Estado de Sergipe as Diretorias Regionais

Figura 03: Sumário do Caderno Complementar de Educação de Jovens, p. 11

			CADERNO COMPLEMENTAR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, E EDUCAÇÃO ESPECIAL
Sumário			
MODALIDADE: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS			16
PREFÁCIO			16
INTRODUÇÃO			18
1. PERFIL DO ESTUDANTE DA EJA			24
2. CAMPOS DE ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA			35
2.1 EJA REGULAR EM SERGIPE			35
2.2 EDUCAÇÃO PRISIONAL E SOCIOEDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL			37
2.3 PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO			41
2.4 ENSINO PROFISSIONALIZANTE NA EJA			43
3. MARCO LEGAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E EM SERGIPE – EJA			47
4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA E O CURRÍCULO DE SERGIPE			58
5. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: POLÍTICA PÚBLICA			72
5.1 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA EJA			72
5.2 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EJA			78
6. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - PPP DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA			86
			11
			EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Fonte: Material em formato PDF, disponibilizado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe às Diretorias Regionais.

Figura 04: Sumário do Caderno Complementar de Educação de Jovens, p. 12

			CADERNO COMPLEMENTAR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, E EDUCAÇÃO ESPECIAL
6.1 PPP DA EJA EM SERGIPE			86
6.2 METODOLOGIAS E AVALIAÇÃO A PARTIR DO PPP DA EJA			94
7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA EJA NO BRASIL E EM SERGIPE			100
7.1 FUNÇÕES DA EJA			100
7.2 AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E A EJA			108
8. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E PROCESSUAL PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA			128
8.1 AVALIAÇÕES A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM			128
8.2 INSTRUMENTOS E MODOS DE AVALIAÇÃO			132
8.3 AVALIAÇÃO NA EJA NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA E SÓCIO INTERACIONISTA			135
9. METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA			138
9.1 ALUNOS COMO PROTAGONISTAS DO PROCESSO			138
9.1.1 PEDAGOGIA DE PROJETOS NA EJA			149
9.1.2 PEDAGOGIA DA PRESENÇA NA EJA			161
10. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EXITOSAS NA EJA EM SERGIPE			168
TRAJETÓRIAS DE VIDA NO LUGAR ONDE VIVO			180
SEVERINO SEM BARREIRAS: UM ESPAÇO INCLUSIVO			193
DROGAS, UM MAL QUE NOS CERCA			201
			12
			EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Fonte: Material em formato PDF, disponibilizado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe às Diretorias Regionais e Secretarias Municipais.

As imagens acima têm por finalidade apresentar o mais novo documento norteador curricular para a EJA no estado e os elementos que este traz através de

seu sumário. Tal documento foi publicado em períodos de conclusão desta pesquisa e uma análise requer aprofundamento. Destacamos aqui um elemento interessante. O caderno traz as duas categorias desta pesquisa e formação continuada no Capítulo 5 e o currículo vivido com o relato de experiências exitosas na EJA no Capítulo 10. Porém, somente pelo enunciado não é possível afirmar as perspectivas apontadas pelos cadernos estão no viés na perspectiva da pesquisa, para tal é necessário outro estudo mais específico.

Após visitar o currículo sergipano, sendo ele documento aceito pelas redes públicas municipais como documento prescrito para sua educação, seguiremos agora para a cidade dos buscapés e da batucada.

4.2 A EJA NA CIDADE CAPITAL DO BARCO DE FOGO

*Estância, aê, Estância ah,
Quem nunca te viu de perto,
Precisa lhe visitar,
Pra conhecer nossa cultura popular
Estância tem o melhor São João para se brincar
É em dezembro a tirada do bambu
De acordo com a lua
Pro fogo não dá xabu.
Tem o pisa- pólvora que é feito no pilão
E hasteamento da bandeira
Na salva de São João
Toda cidade se veste de colorido
Os fogos de artifício fazem
Aquele estambido.
Tem pistolete, tem espadas
Para se ver
Pitus, Chuvinhas e bombas
Que fazem estremecer
Tem o peralta busca-pé para se soltar
E um lindo barco de fogo
Que faz a gente deslumbrar
Trecho da Música: Estância- Samba de Coco.*

(Raimunda Andrelina)

Iniciamos este tópico no ritmo da Batucada estanciana, através da composição de Raimunda Andrelina¹², um verdadeiro convite cantado para conhecer a cidade de Estância, Sergipe.

¹² Graduada em educação pela UFS, como instrumentista é a primeira mulher a fazer parte do quadro de músicos da banda de música Lira Carlos Gomes, possui músicas gravadas pelo Trio Nordestino, Flavio José, Rogério e por outros cantores sergipanos.

Estância ocupa uma área de 649, 6 km² e está localizada na região Sul do estado de Sergipe. Limita-se ao Norte com Itaporanga D’Ajuda, ao Sul com Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, a Leste com o Oceano Atlântico, a oeste com Salgado, Boquim e Arauá. Sua sede municipal dista 68 km da capital Aracaju (IBGE, 2021).

No seu aspecto histórico, há uma indefinição em sua data precisa, porém há escritos trazendo em fins do século XVI ou princípios do XVII.

Permanece ainda ignorada a data exata em que se verificou a primeira penetração no território que hoje constitui o município de Estância. Supõe-se que isto se haja verificado em fins do século XVI ou princípios do XVII. A própria identidade de Pedro Homem da Costa, apontado como fundador da cidade, tem provocado controvérsias entre os historiadores. Enquanto uns o consideram cidadão de origem mexicana, vítima de naufrágio ocorrido nas proximidades da foz do rio Real, outros admitem ter ele sido parente de Garcia d’Avila, senhor da lendária Casa da Torre, em Tatuapora, na Bahia, que o teria incumbido de fundar uma estância. Para alguns estudiosos, Pedro Homem da Costa, após longos anos de peregrinações pelo interior sergipano, chegou à região onde se radicou, fascinado pelas condições naturais do local. Mais tarde, teria erguido nessas terras uma capela, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe (IBGE, 2021).

A cidade que tem como Padroeira Nossa Senhora de Guadalupe, tem dois sobrenomes que evidencia sua singularidade. “Estância Cidade Jardim de Sergipe” por causa de suas palmeiras imperiais, esse título é reafirmando em seu hino, mais uma composição de Raimunda Andreлина,

Estância, jardim de Sergipe!
Rainha dos Abais!
Estância, ô terra querida,
Gentil guarida,
Rincão feliz. (Hino de Estância)

E a Estância a Capital Oficial do Barco de Fogo, por causa do seu patrimônio, que ao lado dos buscapés clareiam as noites frias de junho.

Figura 05: Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, centro de Estância, SE



Fonte: <https://www.cnbne3.org.br/catedral-de-estancia-se-eleita-como-uma-das-maravilhas-do-municipio/>. Acesso em: 23 dez. 2021

Nesta imagem temos a foto do centro da cidade, umas das Sete Maravilhas de Estância¹³, a Catedral Diocesana Nossa Senhora de Guadalupe, ao lado a Praça Barão do Rio Branco. Trazemos a imagem desta praça, por sua significância na identidade estanciana, pois é neste espaço que todos os anos no dia trinta e um de maio é realizada a “Bênção da Fogueira”¹⁴, ato que marca a abertura dos festejos juninos, como também é o local onde o fio de aço é esticado nas noites durante o mês de junho para dar a passagem ao Barco de Fogo.

Através da Lei Estadual nº147/2017, Estância recebe título “Capital Sergipana do Barco de Fogo”, é por esta ser a única cidade por possuir um artefato construindo por um munícipe, fruto de sua relação com o trabalho e a cultura local. Este título é apresentado no Plano municipal de Educação como elemento identitário do município: “O Barco de fogo é a majestade dos festejos juninos da cidade de Estância. De maneira apoteótica, movido a fogo de pólvora, que voa por meio de um arame é personagem principal das noites de junho e sua criação é fruto de um estanciano” (Plano Municipal de Educação de Estância, 2017, p.37). De acordo com Gomes,

Segundo relatos recorrentes, o barco de fogo foi criado por Antônio Francisco da Silva Cardoso, conhecido popularmente como Chico Surdo. A princípio, ele fez o barco deslizar em um arame estendido sobre o Rio Piauitinga no

¹³ Concurso realizado pelo poder executivo municipal com homologação do legislativo para escolha de 07 patrimônios estancianos com o objetivo de valorizar o patrimônio histórico-cultural da cidade.

¹⁴ Gomes (2017) Os festejos juninos iniciam-se em 31 de maio e terminam no final do mês de junho, com a festa de São Pedro... A abertura do festejo junino de Estância ocorre com um costume conhecido como “salva”, que se caracteriza pela bênção da fogueira por um padre sempre em frente à Catedral. Em seguida, acontece o hasteamento de três bandeiras dos Santos homenageados: Santo Antônio, São João e São Pedro (Gomes, 2017, p.99)

bairro Porto D'Areia. Posteriormente, com a difusão dos saberes na comunidade, a denominada "corrida de barco de fogo", criada na década de 1930 (GOMES, 2017, p.8)

Figura 06: O Barco de Fogo



Fonte: <https://al.se.leg.br/lei-estancia-capital-sergipana-do-barco-de-fogo/>. Acesso em: 23 dez. 2021

O Majestoso Barco de Fogo construído por Francisco da Silva Cardoso, nascido em 11 de junho de 1907, mais conhecido como Chico Surdo é desde 2003 considerado Patrimônio Imaterial de Sergipe, através da Lei Estadual de Nº 7.690/2003. Em comemoração ao nascimento de Chico Surdo, todos os anos na noite de seu aniversário 11 barcos são expostos e iluminam o céu estanciano.

Estância também é a cidade da Batucada, do Pisa Pólvora, das quadrilhas juninas, do Clube dos Poetas Estancianos (CPE), da Academia Estanciana de Letras, da Lira Carlos Gomes, dos sobrados e azulejos e entre outros aspectos, tudo isso constituem o jeito estanciano de ser.

Partindo dessa identidade estanciana, seguiremos sobre a educação municipal, sobre a EJA. O processo histórico e legal da EJA em Estância carece de registros e de arquivos. Apesar de localizado uma página na *internet* do Fórum Permanente de Educação de Jovens e Adultos do Estado de Sergipe (FPEJASE), até o período desta pesquisa não disponibiliza material acerca do processo histórico da EJA no estado.

Partiremos como referência de análise o Plano Municipal de Educação- PME, com vigência de dez anos, entre 2015 e 2025. Na seção diagnóstico ele traz:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem seu nascituro em Estância datado do ano de 1999. A princípio, esta modalidade surgiu apenas com turmas para alfabetização, onde o público-alvo era os trabalhadores rurais e industriais. A modalidade foi implantada em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e do Desporto-SEED. O principal Objetivo era o de resgatar o direito do cidadão à escolaridade formal (Plano Municipal de Educação de Estância, p.143).

Ainda na seção diagnóstica, afirma-se que ao passo do desenvolvimento do programa de alfabetização houve um significativo aumento de matrícula, exigindo ao município tomada de decisões como a ampliação, a manutenção e progressão das turmas. Em 2012, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) através da Resolução/CD/FNDE nº 48, de 2 de outubro de 2012, onde trata de recursos para a EJA e turmas não contempladas no Fundo Nacional da Educação Básica (FUNDEB), marcou a realidade enfrentada por Estância na época, pois a EJA organizada em fases com matrícula semestral, o que para declaração no censo muitas turmas e estudantes não eram contabilizados.

Após a seção diagnóstica, o PME de Estância apresenta doze diretrizes específicas para EJA, sendo elas:

Levantar dados da população analfabeta [...],
 Assegurar recursos financeiros para a EJA [...]
 Garantir o atendimento da demanda em todo território (rural e urbano) [...]
 Viabilizar a garantia da oferta da EJA-Ensino Médio [...]
 Assegurar o fornecimento de material didático-pedagógico [...],
 Viabilizar o acesso a informática educacional [...],
 Garantir a oferta da merenda escolar aos educandos[...],
 Assegurar o atendimento especializado, na EJA, para alunos com necessidades especiais [...],
 Viabilizar a continuidade dos projetos desenvolvidos em parceria com Estado e o IFS, para que os estudantes concluintes da EJA tenham acesso aos cursos profissionalizantes, [...],
 Acompanhar a oferta da EJA, por meio de avaliações e diagnósticos [...]
 (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTÂNCIA, p.138-139)

Destacamos aqui duas diretrizes que tratam de formação de professores, são elas:

Articular junto as instituições de Ensino Superior do município, para que insiram em seus currículos temáticos voltados para EJA, de modo a contribuir para a formação inicial e aproveitamento dos professores
 Implantar a formação continuada dos professores e da equipe técnico-pedagógico da Rede Municipal de ensino atuantes na EJA
 (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTÂNCIA, p.147).

Percebemos que nas diretrizes não há menção de construção de uma proposta curricular própria. No entanto, há duas diretrizes em formação de professores, pensar na formação para o ato da docência é pensar em currículo.

Na seção metas, o plano apresenta três metas direcionadas a EJA, são as Metas 8,9,10:

Meta 8 - Elevar a escolaridade média da população residente em Estância de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar no mínimo, doze anos de estudo no último ano de vigência deste PME, para as populações no campo, das regiões de menor escolaridade no município e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres e igualara a escolaridade média entre negros e não negros declarados a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE

Meta 9 - Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou maior para 93,5% até o final da vigência deste PME, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

Meta10 - Oferecer no mínimo, 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos, nos Ensino Fundamental e Médio, na forma integrada a Educação Profissional (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTÂNCIA, p.139-140-141)

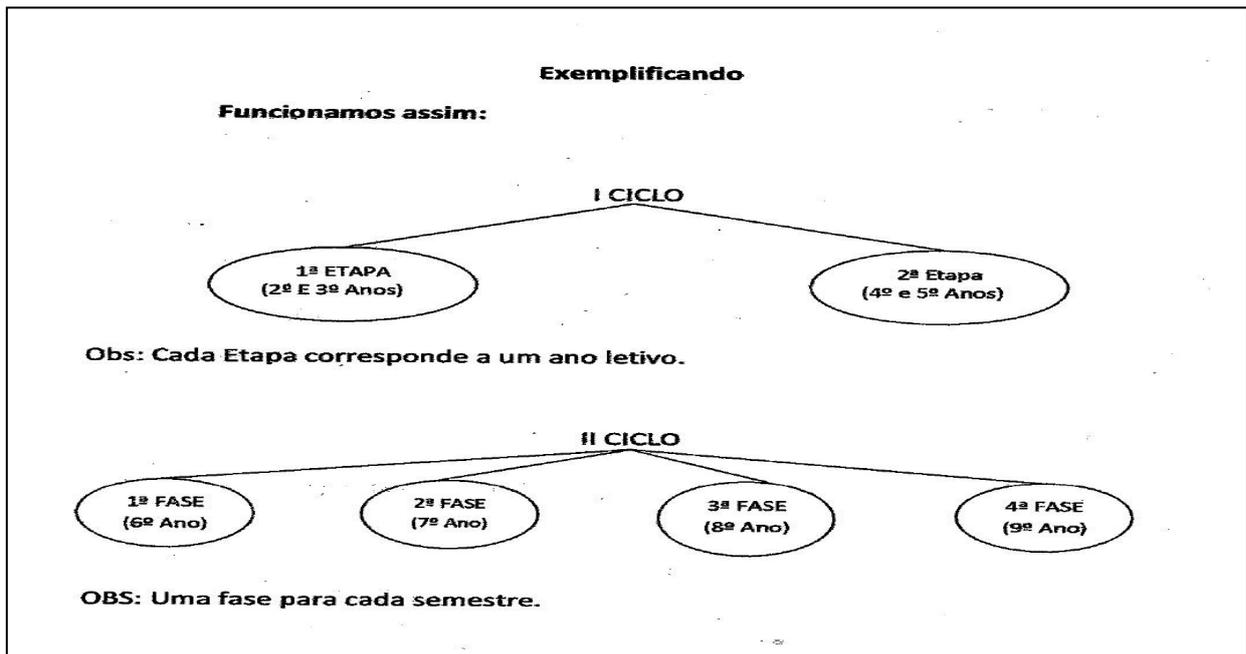
Entretanto a meta dez é específica para a EJA e a integração a Educação Profissional. Apesar de três metas e quarenta e cinco estratégias para a EJA, somente na meta dez, na estratégia 16 temos a presença do currículo:

Estratégia 10.16- adaptar e diversificar o currículo da Educação de Jovens e Adultos e Idoso, articulando a formação à preparação para o mundo do trabalho e estabelecendo inter-relação entre teoria e prática, nos eixos da ciência, do trabalho, da tecnologia, da cultura, das diversidades e cidadania, organizando o tempo e o espaço pedagógicos adequados às características desses estudantes (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTÂNCIA, p.144).

Nesta estratégia traz como principal abordagem adaptar e diversificar o currículo da EJA, enfatizando a inter-relação entre teoria e prática e a articulação para o mundo do trabalho. Como esta é direcionada a Educação Profissional a sua centralidade acaba por ser o mercado de trabalho. Assim o PME carece especificar para a EJA um currículo com ênfase na diversidade e emancipação humana.

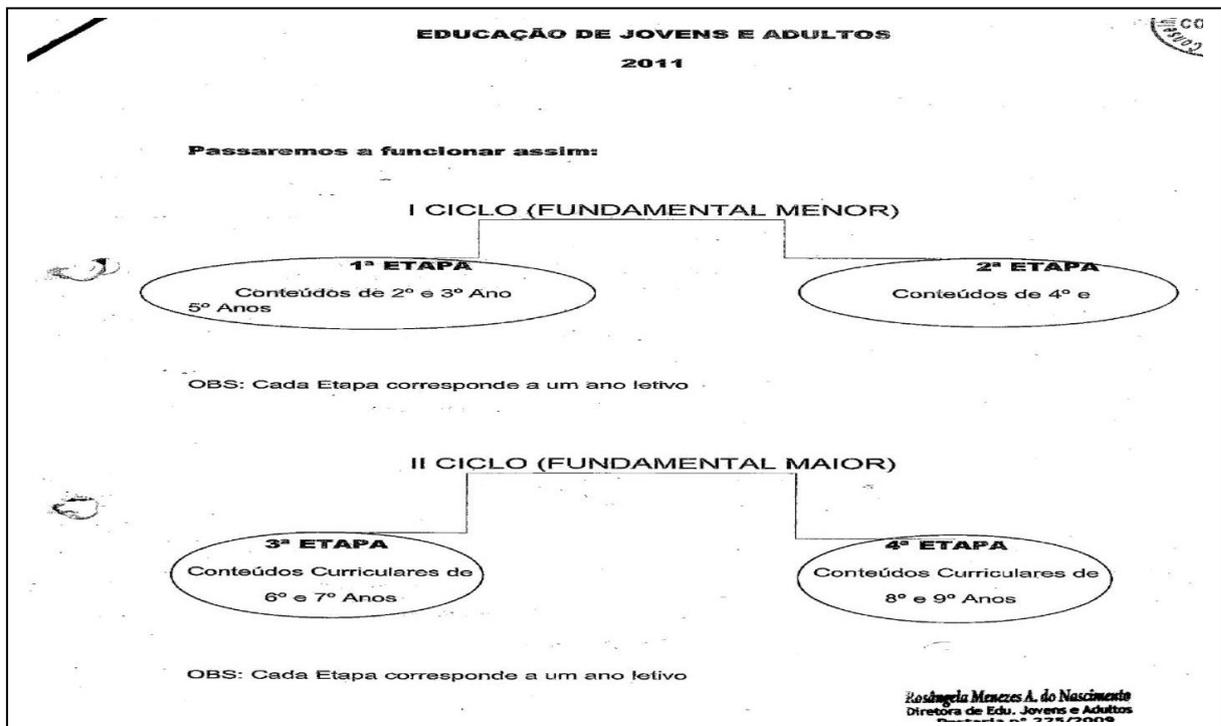
No ano de 2010, com a Resolução Municipal nº 0131, foi estabelecido as diretrizes para funcionamento da EJA, na rede. Nessa proposta a EJA era dividida em etapas, porém as etapas correspondentes aos anos iniciais a matrícula era anual e dos anos finais do fundamental era semestral. Veja as figuras abaixo:

Figura 07: Organização da EJA antes da resolução Municipal nº 0131



Fonte: Conselho Municipal de Educação de Estância, Sergipe

Figura 08: Organização da EJA pós da resolução Municipal nº 0131



Fonte: Conselho Municipal de Educação de Estância, Sergipe

Em 2014, através da Resolução nº 003/2014 de 14 de novembro, foi concedida a autorização para a instituição da Matriz Curricular da EJA. Esta traz uma mudança acerca da matrícula e detalha a estrutura e funcionamento específico dos componentes curriculares, tais como: organização de turma/etapa, carga horária de aula e componentes curriculares, como o anexo 02.

Tabela 04: Organização das Etapas na EJA em Estância, Sergipe

ETAPA	FASE (1 semestre)	ANO
I Etapa	1ª Fase	2º Ano
	2ª Fase	3º Ano
II Etapa	1ª Fase	4º Ano
	2ª Fase	5º Ano
III Etapa	1ª Fase	6º Ano
	2ª Fase	7º Ano
IV Etapa	1ª Fase	8º Ano
	2ª Fase	9º Ano

Fonte: Conselho Municipal de Educação de Estância, Sergipe.

Elaboração: Ivoneide Cardeal da Silva

Analisando as duas estruturas, percebemos que a mais recente por sua vez, permiti a matrícula semestral para todas as etapas, desobrigando ao estudante ter que cursar um ano letivo para obter certificação de conclusão do ensino fundamental.

Sabemos que o sujeito da EJA tem suas particularidades entre elas as entradas e saídas da escola; nesta resolução tem-se também a organização agora não mais por “disciplina”, mas sim por áreas de conhecimento e componente curricular.

De posse do material “colhido” durante a pesquisa, seguiremos para o momento de análise dos dados, no capítulo seguinte, versaremos sobre os “achados” nas duas categorias apresentadas Chão da Escola e Casa do Professor.

5 A ANÁLISE DOS DADOS: DO CHÃO DA ESCOLA A CASA DO PROFESSOR-DO PRESCRITO AO VIVIDO.

Encher a taboca de pólvora pensando no brilho da festa, essa é a quinta etapa da produção do buscapé. Nesse momento, enche-se de “brilho os corações

estancianos” vislumbrando a magnitude do Barco de Fogo e os busca-pés sob o céu estanciano no mês de junho.

Com a certeza de que este trajeto até aqui construído, tenha sido significativo para a produção deste trabalho, caminharemos nesse capítulo buscando analisar os dados, vislumbrando a significância da conclusão para a comunidade.

A pesquisa de campo foi escolhida por esta possibilitar a observação, coleta e interpretação dos fatos que ocorrem em um espaço de vivências, nesse sentido, Lakatos e Marconi (2003) afirmam, que a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisar.

Outro ponto importante a ser destacado na pesquisa de campo é a relação entre pesquisador e os atores pesquisados, para isso Minayo (2003) traz outra articulação necessária, a qual se refere à interação entre os pesquisadores e os atores sociais envolvidos no trabalho. Dessa forma, um dos desafios da pesquisa foi manter o rigor científico sem perder e afetar os laços de vivências outrora constituídos.

Iniciaremos a nossa análise, partindo dos achados na pesquisa documental acerca da educação municipal que estão direta e indiretamente relacionados a EJA. Como nosso recorte temporal dar-se-á a partir de 2017 ano das discussões da BNCC, nos atentaremos aos documentos mais recentes.

No ano de 2018 o município de Estância iniciou discussões sobre a formação continuada do professor da rede e a necessidade de um espaço específico. Para este processo, inicia-se a materialização da Casa do Professor, sendo esta compreendida além de uma mera estrutura física, foi apresentada como um espaço de construção de identidade docente com vista ao debruçar na construção do seu referencial curricular e de sua proposta pedagógica.

A Casa do professor faz parte das discussões iniciadas em 2017, quando a rede deu seus primeiros passos para a construção e implantação de uma proposta pedagógica. Após reuniões mensais com representantes das unidades de ensino, dos níveis, dos componentes curriculares, com o departamento pedagógico, com o SINTESE, a categoria optou pela implementação da Pedagogia Histórico Crítica a PHC de Demerval Saviani.

Através da Casa do Professor, iniciou-se a organização de Grupos de Trabalhos-GTs com professores, com representatividade de cada componente

curricular. Entre 2017 e 2018, foram realizados encontros, para estudo e fomento da proposta. 2019 iniciou e com ele veio a Pandemia do COVID, as atividades presenciais foram suspensas, além de um longo período de isolamento social. Por conta disso, as atividades da Casa do Professor e dos GTs deram lugar à urgência de se pensar como fazer educação em tempos de pandemia.

Neste cenário, através da Resolução Nº 15 de 12 de novembro de 2021, foi expedida a regulamentação que trata da aplicabilidade da teoria pedagógica histórico-crítica como diretriz pedagógica que norteia as atividades educacionais nas escolas públicas municipais de Estância.

Pensada inicialmente por Demerval Saviani na década de 70, a PHC é uma Teoria Pedagógica que tem posicionamento contrário às teorias críticas e crítico-productivistas. Sua perspectiva é uma educação que garanta as camadas populares através da escola, acesso à produção humana, como ele afirma:

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente (SAVIANI, 2009, p.62).

Esta teoria tem como centralidade a educação escolar, valorizando o acesso dos trabalhadores aos espaços institucionalizados e aos conteúdos produzidos cientificamente pela humanidade, cabendo ao professor o fazer pedagógico docente.

O fazer docente pedagógico na PHC, dar-se-á em cinco passos, iniciando prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final, apresentadas a seguir:

prática social, que é comum aos alunos e ao professor...

problematização, que diz respeito às questões postas pela prática social inicial...

instrumentalização é o terceiro passo, e considera a produção do saber social de forma elaborada

catarse, pois é o momento culminante do processo educativo, quando o estudante aprende o fenômeno de forma mais complexa e a aprendizagem se efetiva

O ponto de chegada se caracteriza pelo quinto ponto, chamado de **prática social final (modificada)**, aqui o estudante tendo adquirido e sintetizado o conhecimento, tem entendimento e senso crítico (CHYCZY FORTUNATO, 2013, p,5932).

Percebemos neste processo, o direcionar do trabalho em sala de aula na transformação do conhecimento científico no saber escolar.

Ainda sobre a regulamentação dispões de quatro capítulos assim organizados: capítulo I- Das Disposições Introdutórias, capítulo II- Dos Objetivos da PHC, capítulo III Da reflexão da Ação Educativa e Capítulo IV Das Disposições Finais.

Como nossa pesquisa trata do prescrito ao vivido, aqui faremos o recorte em dois artigos do capítulo III. Iniciaremos com o artigo sexto, que traz:

Artigo VI- Os princípios da pedagogia histórico-crítica conduzirão a organização dos trabalhos pedagógicos desde a seleção dos conteúdos curriculares, planejamento do ensino, ambientação pedagógica em sala de aula, didática de ensino acompanhamento, e avaliação reflexiva do processo de aprendizagem dos estudantes.

Neste artigo, entre vários elementos do fazer docente, tem-se a seleção de conteúdos curriculares à luz da PHC, podendo ser entendido como o que é ensinar.

No entanto, o artigo nono que explicita a especificidade da EJA, diz: "Artigo IX- O trabalho com as modalidades de ensino Educação Inclusiva EJA e Educação no Campo acompanham as respectivas diretrizes legais.

Neste sentido, os trabalhos com EJA podem e têm seu percurso ainda balizados pelas diretrizes nacionais. Memoramos aqui, as funções da EJA explicitam nas DCNS e sua proximidade com a educação libertadora de Freire.

Para Freire a educação libertadora tem como centralidade o saber do povo, a história que sujeitos da camada popular, trazem em suas experiências de vida e sua relação com a existência humana. Problematizando para enfrentamento a dominação, ele afirma que,

A educação como prática da Liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica A negação do homem abstrato isolado, solto, desligado do mundo, assim também A negação do mundo como a realidade ausente dos homens (FREIRE, 2019, p.98).

Entendemos que não há como pensar uma educação libertadora, olhando para esses sujeitos como seres deslocados da realidade. A pedagogia libertadora de Freire apresenta os círculos de cultura como espaço coletivo e a relação educando e educador. Com elementos presentes na construção de saberes. E esta construção dar-se-á em três momentos, são eles:

1º momento-Investigação Temática – Pesquisa Sociológica: investigação do universo vocabular e estudo dos modos de vida na localidade (Estudo da Realidade)

2º Momento: Tematização: seleção dos temas geradores e palavras geradoras...

3º Momento: Problematização: busca da superação da primeira visão ingênua por uma visão crítica, capaz de transformar o contexto vivido. "A problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos que sabem pouco a próprio respeito (FEITOSA, 1999).

Desse modo, a educação libertadora se move trazendo o sujeito, para o centro do processo. No que tange a regulamentação da Casa do Professor, esta encontra-se em trâmite. No conselho Municipal de Educação de Estância, consta ata e frequência de reuniões dos Grupos de Estudos, nas discussões do ponto de vista de organização de estrutura física e finalidade pedagógica. Destarte, o processo em curso indica uma organização de um espaço coletivo.

Em 2019, com a Resolução nº79/19 através do CONMEE, foi aprovada a Matriz Curricular para EJA diurna, com o objetivo de ofertar a EJA no turno vespertino com foco nos jovens que mesmo sendo sujeito da modalidade não conseguem frequentar o turno noturno.

Ofertar um EJA no ensino diurno, sem dúvida alguma é uma ação que demonstra compreensão dos diversos sujeitos nela inseridos. No entanto, na regulamentação não menciona elementos de uma proposta curricular.

Até o ano letivo de 2021 a EJA de Estância funcionava com turmas na zona urbana e rural, distribuídos nas escolas como descritas na figura abaixo:

Figura 09: Números de educandos e educadores da EJA em Estância no 1º semestre de 2021

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO
NUCLEO DE AVALIAÇÃO PESQUISA E ESTATÍSTICA/ NAPE
MATRICULA -2021

Tabela 1: Número de alunos matriculados nas escolas municipais/2021 – Matrícula Parcial 30/06/2021

Nº	ESCOLA	EJA						TOTAL De ESTUDANTES	Total de Professores por escola	
		I ETAPA 2º e 3º ANO	II ETAPA I FASE 4º ANO	II ETAPA II FASE 5º ANO	III ETAPA I FASE 6º ANO	III ETAPA II FASE 7º ANO	IV ETAPA I FASE 8º ANO			IV ETAPA II FASE 9º ANO
1	E. M. Dom Bezerra Coutinho	0	0	0	35	35	50	48	168	09 professores
2	E. M. Profª. Eleonora Leite Pereira	20	0	0	0	0	0	0	20	01 pedagoga
3	E. M. Laura Cardoso Costa	23	21	20	40	53	72	70	299	11 professores
4	E. M. Profª. Joaquina de Sousa	0	0	0	22	16	21	24	83	12 professores
5	E. M. Senador Júlio César Leite	20	25	20	52	44	70	60	291	15 professores
TOTAL		63	46	40	149	148	213	202	861	48 professores

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Estância- SEME 2021

Nesta tabela, percebemos um quantitativo expressivo de estudantes matriculados, apesar que, se comparado ao porte do município e a quantidade de munícipes, este quantitativo poderia ser mais expressivo

Continuando nossa análise documental, desembocamos nos documentos da escola. Em relação a EJA no PPP da escola, esta é abordado no tópico 9 do documento. Neste tópico é feito uma contextualização do aspecto histórico e legais da EJA, porém carece de profundidade. Em seguida, tem-se com brevidade uma análise do perfil dos estudantes da escola, no entanto as diversas especificidades econômicas, culturais, religiosas e demais não são explicitados no texto.

Mais à frente nos documentos têm-se pontuado os projetos que envolvem todos os sujeitos dos três turnos. Como é demonstrado no quadro abaixo:

Tabela 05: Ações/projetos desenvolvidos na escola – PPP

Nº	Projeto	Objetivo	Público Alvo	Período de Execução
01	PATRIMÔNIO PÚBLICO: "MINHA ESCOLA, MINHA SEGUNDA CASA: Seu filho, meu aluno, nosso cidadão!	Projeto que envolve toda a comunidade escolar, fomentando ações voltadas à preservação da estrutura física, dos bens materiais e imateriais da escola e assim transformando o ambiente escolar com ideias criativas e sustentáveis	Toda a comunidade escolar.	Anual com práticas diárias
02	PROJETO PENSO, LOGO RESPEITO	Projeto de intervenção psicopedagógico, que tem como objetivo trabalhar as relações interpessoais e intrapessoal, construindo as relações e fortalecendo os laços afetivos.	Turmas que apresentam altos índices de situações de conflitos (violência)	1º primeiro trimestre letivo
03	PROJETO RESPEITO, PAZ E DIGNIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS	Trabalhar o respeito nas relações humanas e assim provocar a construção de um ambiente escolar mais fraternal.	Alunos da EJA do turno noturno.	1º semestre letivo

04	PROJETO CONSCIÊNCIA NEGRA: EDUCAÇÃO NÃO TEM COR, TEM CONSCIÊNCIA.	Trabalhar o protagonismo do negro e a influência do continente africano na construção da sociedade brasileira. Fomentando momento e ações para apresentações culturais e artísticas.	Público alvo: Toda a comunidade escolar.	2º semestre letivo
05	PROJETO DE LEITURA: " LER E IMAGINAR É SÓ COMEÇAR"	Fomentar o gosto pela leitura desde as séries iniciais do ensino fundamental até as séries finais, onde o professor é o mediador entre a criança e o livro, fazendo com que a leitura tenha sentido e esta seja contextualizada, o gênero textual lido, interpretando-o e atribuindo-lhe algum significado.	Estudantes do Ensino Fundamental I e II	Anualmente com prática diária.
06	Forrofiando no Júlio. De São João a gente entende.	Trabalhar a cultura junina estanciana em seus aspectos políticos, econômicos, culturais e religiosos, todas ações. A carroceata faz a abertura das atividades que serão expostas a comunidade ao logo do mês junino.	Toda a comunidade	1º semestre letivo

FONTE: Extraído do Projeto Político Pedagógico da Escola Júlio César Leite
AUTOR: Ivoneide Cardeal da Silva (pesquisadora)

Neste quadro temos seis ações que são marcas registradas da escola, todos os projetos tem forte relevância para a escola e a comunidade. Mas para nosso objeto de estudo nos debruçaremos em dois, um que é específico para EJA e o outro relacionado à identidade estanciana.

O projeto: Respeito, Paz e Dignidade nas Relações Humanas, consta em seu registro que tem seu público alvo a EJA, tendo como objetivo principal, trabalhar o respeito nas relações humanas e assim provocar a construção de um ambiente escolar mais fraternal.

Compreendendo que a diversidade humana que povoam fortemente as turmas de EJA, são grupos heterogêneos em idade, sexo, conhecimentos, necessidades, interesses e objetivos. Segundo ARROYO (2006, p. 22), esses

educandos “são jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia”. Uma prática que faça da escola um ambiente mais fraternal e com relações humanas é necessário.

Entendendo que as relações ali constituídas perpassam por desafios de identidade, quando a escola traz “relações humanas” e “ambiente escolar mais fraternal”, antes de tudo deve-se perguntar de qual fraternidade e para qual perspectiva de relação humana essa ação atende. Isso só terá sentido com práticas dialógicas que supere o silenciamento individual em constituição de uma existência humana coletiva.

Nesse sentido Freire (2019 p. 108), a resistência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tão pouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo, para assim superar a visão ingênua de fraternidade como aceitação e obediência em detrimento de uma visão humana e transformadora.

Nesse tocante, seguimos para o projeto: Forrofiando no Júlio: De São João a gente entende, este tem como objetivo, trabalhar a cultura junina estanciana em seus aspectos políticos, econômicos, culturais e religiosos.

Nesta ação, tem-se presente a busca por trazer para a o chão da escola a identidade do povo estanciano, e sua construção cultural. Essa identidade tão particular é evidenciada quando fala “de São João a gente entende”, não por menos a cidade é a Capital Nacional do Barco de Fogo.

A culminância dessa ação é a Carroceata, educando e educadores organizam e saem pelas ruas da cidade, uma espécie de cortejo onde é aberta a toda comunidade. Selecionamos algumas imagens retiradas da rede social *Facebook* no perfil da escola. Por serem fotos de anos anteriores à pesquisa e mesmo estando relacionadas com o lócus, buscamos fotos que preservassem e não expusessem os sujeitos.

A imagem a seguir representa a participação de estudantes da EJA noturna em atividade que outrora era reservada para estudantes de outras modalidades e níveis. A carroça enfeitada pelos estudantes do 7º Ano é datada do ano de 2018, onde o tema estava relacionado à Copa do Mundo no município de Estância. Como vemos nas imagens a seguir:

Figura 10: Carroça de uma turma da EJA em 2018



Fonte: Perfil da rede social facebook da escola (2018).

Ao modo que a escola mobilizava e incentivava a participação dos educandos da EJA, ao mesmo tempo mobilizava a comunidade externa com a participação de carroceiros sendo estes trabalhadores, que neste dia participam de atividades da escola e ganham mais um dia de serviço, pois os educandos e educadores reúnem-se e mobilizam para arrecadarem fundos para contribuições simbólicas aos carroceiros.

Figura 11: Carroça com os Santos Juninos, organizada por uma turma da EJA.



Fonte: Perfil da rede social facebook da escola. (2018)

Na segunda imagem, temos uma carroça trazendo as figuras dos três santos juninos, Santo Antônio, São João e São Pedro. Esta também foi organizada pelos estudantes da EJA, desta vez o 8º ano. Ao lado da carroça tem um estudante vestido de padre, personagem presente no tradicional Casamento Caipira.

As demais personagens do casamento estão distribuídas nas diversas carroças e caminhando entre a população.

Figura 12: Cortejo pelas ruas e a presença da comunidade.



Fonte: Perfil da rede social facebook da escola (2019).

Buscamos nesta imagem trazer o registro momento que a carroceata atravessa umas das principais ruas da cidade, saindo da Avenida Getúlio Vargas popularmente conhecida por “Rua Nova” passando pela Rua Capitão Salomão. É possível ver nos registros que estão no perfil da escola, a movimentação dos trabalhadores do comércio para prestigiar o cortejo, e emanando o sentimento junino nas saudações aos educandos.

Em se tratar de comunidade, há registros nas atividades da participação de parentes de educandos que já estudaram na EJA em anos anteriores. Continuaremos a referência feita na escrita com os pesquisados, os quais foram denominados de

elementos dos festejos, o chamaremos de Taboca¹⁵. Ele através de uma personagem, participa puxando a carroceata na linha de frente ao som do trio pé de serra. A figura icônica, denominada por ele de Samarica, é uma personagem montada em um burrinho.

Figura 13: Taboca com a personagem Samarica.



Fonte: Perfil da rede social facebook da escola. (2019)

Através desta ação, a escola possibilitada que o mundo dos educandos, educandas e educadores convergem o que chamamos de vivência dentro e fora da sala. Nesse aspecto, trazer para escola o universo que os sujeitos estão imersos é um caminho para a construção de práticas vívidas para realidades concretas, dando-lhe significado, neste sentido Arroyo (2007, p.7), afirma “educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”.

Quando iniciamos a escrita, trouxemos como “linha para nossa costura, a produção do buscapé”, elemento presente no Barco de Fogo, ambos relacionados aos festejos juninos. Importante aqui salientar, a cadeia produtiva através da culinária, danças, turismo, produções e vendas de artefatos juninos que é desenvolvida no município através deste movimento, para isso Gomes (2017, p.19) afirma “[...] uma

¹⁵ Este por ser parentes de educandos da EJA que estudaram na escola JCL e sobrinhos que ainda estudam lá, “Taboca” tem um sentimento de pertencimento muito forte com a escola. Pois segundo relatos da direção da escola, ele reside no estado de São Paulo, porém faz questão de participar da carroceata trajado de Samarica.

vez que o município apresenta os festejos juninos como potencialidade turística e que a produção de fogos que envolvem grupos familiares durante todo o ano.”

Neste sentido, as questões presentes nesta ação, provoca a escola a ir além dos conteúdos programáticos, é falar com os sujeitos sobre o mundo que estão inseridos. Neste sentido, Freire (2019, p.120) afirma que temos de estar convencidos de sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, e reflete a sua situação no mundo, em que se constitui.

Através da entrevista percebemos a relação sujeitos e o objeto pesquisado em seu campo, pois segundo Minayo, (2009) O informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.

No segundo momento da pesquisa tivemos a entrevista através de documento impresso, na qual constaram perguntas objetivas para traçar o perfil dos sujeitos e perguntas subjetivas para expressão de opiniões ou falas de vivências. Como resultado da coleta, apresentamos o perfil dos entrevistados, através dos quadros abaixo, que serão referenciados pelos elementos culturais locais para reservar e conservar suas identidades.

Quadro 01 - Identificação dos educadores quanto ao sexo, pertencimento racial e formação acadêmica.

Educador e ou educadora	Gênero	Pertencimento racial	Grau de escolaridade
Bambu	Masculino	Preto	Especialização
Mangaba,	Feminino	Branca	Graduação
Barco de Fogo	Feminino	Indígena	Graduação
Buscapé,	Masculino	Pardo	Especialização

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 02 - Identificação dos educadores pesquisados quanto a formação e atuação na EJA.

Educador e ou educadora	Tempo de atuação na EJA	Segmento que atua	Área de atuação	Formação específica para EJA
Bambu	6 a 10 anos	Ensino Fundamental II	Ciências da Natureza	Sim
Mangaba,	6 a 10 anos	Ensino Fundamental II	Linguagem-Português	Não
Barco de Fogo	11 a 15 anos	Ensino Fundamental I	Pedagoga	Não
Buscapé,	11 a 15 anos	Ensino Fundamental II	Matemática	Não

Fonte: Elaborado pela autora

Os quadros acima apresentam o perfil dos pesquisados nos quesitos identidade de gênero, pertencimento racial, formação e área de atuação, aqui destacamos que apesar de todos possuírem graduação, apenas 02 possuem nível de especialização, neste caso os dois que se identificam como masculino.

Nosso estudo não tem como foco a formação do educador e as questões de gêneros especificamente, mas esta informação deve ser considerada ao pensar o produto final. Assim, como o pertencimento racial, considerando uma amostra de entrevistado, tivemos quatro grupos de pertencimento distinto.

Destacamos aqui a questão de tempo de atuação, todos possuem experiência superior há 5 anos em EJA, destacamos aqui um caminhar expressivo em vivências com a Educação de Jovens e Adultos.

Apesar de dois professores possuírem formação no nível especialização, apenas um entrevistado, aqui denominado de professor, declarou possuir especialização específica para a EJA.

O olhar para análise das narrativas apresentadas pelos entrevistados, através das duas perguntas discursivas disponibilizadas na entrevista semiestruturada, terá como a análise de conteúdo de Bardin (1977); ela afirma a escolha de metodologia de análise já permite uma inferência sobre a pesquisa em si: seja de forma objetiva, mais ligada à semântica ou aos sinais gráficos, presente na Análise de Conteúdo

Porém nosso recorte será a análise temática, alicerçada no princípio de pertinência, ainda segundo Bardin, (1977, p. 120), uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido.

Neste sentido, faremos a análise das narrativas docente através da escrita na entrevista, iniciamos com a análise da temática Chão da escola, aquilo que é vivido, serão destacadas nas falas as categorias que apresentam pertinência a identidade.

a) O Chão da Escola

Iniciaremos o tratamento com a primeira pergunta aberta: Sobre sua escola:

Quadro 03- Primeira pergunta aberta aos entrevistados.

Pergunta 01 Há distância entre o prescrito e o vivido? O que você/sua escola desenvolve que é particular, diferente, que não está necessariamente nos documentos?	
Entrevistados	Respostas

Professora Bambu	<i>Sim. muitas das orientações ficam no papel, a escola dentro do possível busca colocar o estudante como centro do processo, acolhendo escutando compartilhando seus mais diversos sentimentos, promovendo atividades coletivas onde os mesmos aprimorem e adquiram novas habilidades</i>
Professor Buscapé	<i>Certamente. Porém o fato de manter minimamente as condições objetivas para o regresso do aluno à escola e estes e estas darem continuidade aos seus estudos, é por parte da nossa rede (SEME) e em particular, nossa escola abraçar a EJA, contribui para afirmação e garantia no que tange direito destes estudantes de retomar a sua trajetória cidadã no contexto sociocultural e produtivo.</i>
Professora Barco de Fogo	<i>Sim. Os nossos alunos tem um relacionamento aberto junto aos professores e a direção da escola. A escola consegue reconhecer seus alunos no ensino-aprendizagem e também uma parte do seu interior de sua vida no dia a dia.</i>
Professora Mangaba	<i>Nossa escola interage com aluno através do diálogo e das ações levando esse aluno os melhores sentimentos vividos dentro e fora do âmbito escolar, atenção dedicação abrange todos os funcionários desse estabelecimento é por isso que sempre dá certo.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Destacamos as categorias que mais se expressaram com pertinência nas narrativas acima elencadas.

Interessante perceber que, tanto o professor Bambu como a professora Mangaba trouxeram em comum a categoria “sentimento” em suas falas. O primeiro professor destaca o “trazer o estudante para o centro do processo”. Percebemos presente a questão da subjetividade, a constituição interior dos sujeitos que povoam a EJA e que é resultante de processos ao longo de uma vida, que devem ser considerados durante o ato educativo, sobre isso Freire traz:

Desta forma, os participantes do “círculo de investigação temática” vão extrojetando, pela força catártica da metodologia, uma série de sentimentos, de opiniões, de si, do mundo e dos outros, que possivelmente não extrojetariam em circunstâncias diferentes (FREIRE 2019, p.157).

Neste sentido, permitir e respeitar que os sentimentos desses sujeitos possam ser manifestados é ir para além do que está prescrito, é garantir espaço de pertencimento.

A percepção acerca de sentimento abarca também o educador. Nessa relação, Arroyo (2000), diz: é importante trabalhar a humanização do educando e não estagnar o aluno como depósito de informação, trabalhar nele a afetividade, a amizade, o social e principalmente o amor, entendendo o aluno e a sua necessidade cotidiana.

Falar de sentimentos no chão da escola no viés de identidade e multiculturalidade na perspectiva pós crítica, é falar de dores e trajetórias de sujeitos

e seus coletivos, é falar do caminhar dos povos tradicionais e ribeirinhos e os impactos sofridos com o crescimento nocivo do agronegócio, da luta da juventude negra diária para sobreviver frente à violência urbana, de mulheres que diariamente enfrentam os efeitos de uma sociedade centrada no patriarcado, da população LGBTQI+ que lutam para sobreviver aos crime de ódio, e as demais expressividade que esses coletivos carregam e vivenciam numa ação dialógica.

Freire reflete que, essa percepção do docente acerca dessa realidade apresentada, quando questionada incomoda e estremece a organização vigente, ele afirma,

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia (FREIRE, 2019, p, 17).

Nesse sentido, falar do currículo vivido em Estância é falar da catadora da mangaba e como ela faz do extrativismo da mangaba, o fruto local, seu alimento diário e sustento para criar seus descendentes, como o fogueteiro, e todo processo na produção dos fogos e do barco, o repentista e tocadores da batucada, e demais trabalhadores e fazedores de cultura que bravamente constroem a história da cidade, a cadeia produtiva que está por trás de seu trabalho, quem ganha e quem perde, o lugar de cada um e o seus nesse movimento.

Com base nas reflexões de Arroyo e Freire, compreendemos que quando a escola cria uma ação denominada “Forrofiando no Júlio de São João a gente entende”, ela busca trazer para o chão da escola o conhecimento sério produzido pelos sujeitos que fazem a EJA, e colocar esses conhecimentos em um espaço legítimo de sistematização, pois ambos, educando e educadores tem laços com sua comunidade, uma vez que ambos os sujeitos citados estão emersos nesse contexto.

Neste momento, trazemos aqui, as narrativas do Professor Buscapé e a Professora Barco de Fogo, e destacamos como pertinências: “trajetória cidadã e a vida no dia a dia”. Nesse aspecto, a trajetória da cidadania no contexto sociocultural produtivo, relaciona-se fortemente com os sujeitos emersos no seu mundo e suas acepções na necessidade de sobrevivência em cada espaço que passa.

“Trajetória cidadã e a vida no dia a dia” estão entrelaçados com “sentimento” e o “trazer o estudante para o centro do processo”, quando olhamos pela ótica de

currículo vivido, seu nome já traz a “vida”, estamos falando de andanças, de multiplicidade de vivências. A perspectiva aqui estudada, não nos permite olhar para o sujeito de forma a subdividir, a compartimentar hierarquicamente saberes.

De posse desta compreensão seguiremos para a pergunta dois, que está no eixo Caso professor no aspecto formação continuada.

b) A Casa do Professor

A Casa do professor é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, para garantir um espaço para a oferta da formação continuada da rede pública municipal. Do ponto de vista legal e estrutural ela ainda se encontra em processo de adequação e legitimação. No entanto, do ponto de vista de existência pedagógica, essa por sua vez vem sendo personificada através dos Grupos de Trabalhos, organizados por componente curricular. Cada GT tem um professor com vínculo efetivo como articulador, habilitado academicamente em sua área de atuação. Como objetivo de garantir que a atuação do articulador não perca sua identidade docente e torne-se uma função meramente técnica, sendo que este tem a distribuição de sua carga horária entre a sala de aula e o GT.

Com encontros quinzenais e desenvolvendo atividades de reflexão docente, o GT da Casa do Professor vem se constituindo como um coletivo docente, uma vez que compartilhar de suas vivências encontra espaço seguro de diálogo, tendo estes coletivos papel importante nos processos da escola. Neste sentido, Arroyo (2007, p,109) traz coletivos docentes assumem que é função da escola, dos currículos, da docência trabalhar essas experiências e significados do trabalho.

No contexto, trazemos Arroyo (2000) no sentido de ressaltar o papel do coletivo como espaço de decisão que reverberam na escola. Desse modo, essas decisões não deixam de ser fundantes para que a escola consiga acolher as questões levantadas pelos entrevistados na pergunta anterior (Há distância entre o prescrito e o vivido? O que você/sua escola desenvolve que é particular, diferente, que não está necessariamente nos documentos)

No entanto, um coletivo nessa perspectiva, necessita que seus pares compreendam o ato político que há no ato de ensinar e que estes estejam imersos em uma criticidade, que os façam perceber como sujeitos inacabados, sujeitos que

aprendem com outros sujeitos, como afirma Freire (1997, p. 21). O ser humano jamais para de educar-se.

Essa criticidade só é alcançada, com o ato de ler, não ler em demasiadamente quantidade, mas ler a palavra, ler o mundo, como diz Freire,

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo (FREIRE,2019, p15).

Essa reflexão de Freire fomenta ao coletivo docente a importância de se perceber como espaço de criticidade, espaço de afirmação da construção identitária. Nesse sentido, a pergunta aos entrevistados buscou ouvir deles o que é necessário para constituir uma formação continuada para educadores em EJA na perspectiva de tema gerador. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 04: Segunda pergunta aberta aos entrevistados

Pergunta 02- Na perspectiva de currículo vivido proponha um tema gerador que você considera necessário para construir uma proposta de formação docente voltada para EJA em Estância, Sergipe	
Entrevistados	Respostas
Professor Bambu	1- <i>Responsabilidade e Cidadania,</i> 2- <i>Sustentabilidade,</i>
Professor Buscapé	1- <i>Desenvolvimento sustentável e geração de renda.</i> 2- <i>Matrizes religiosas,</i> 3- <i>Sexualidade e Inclusão,</i>
Professora Barco de Fogo	1 <i>As nossas crenças</i>
Professora Mangaba	1 <i>Educação Inclusiva</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A análise parte da compreensão de olhar do sujeito. O nosso ato de educar ele só existe por causa da existência do outro, do humano. Assim, compreender essas temáticas como objeto de estudo na formação continuada, antes de qualquer coisa é necessário relacionar qual sociedade estamos e qual ser humano estamos.

O enunciado da pergunta traz a provocação que seja citada um tema gerador, porém os entrevistados sentiram-se à vontade para citar mais de uma, como mostra o quadro acima.

Na primeira leitura, percebemos facilmente as similaridades nos temas sugeridos. Podemos assim organizá-los, para melhor compreensão: movimento 01- (desenvolvimento sustentável e geração de renda, sustentabilidade e responsabilidade e cidadania) e no movimento 02 (matrizes religiosas, sexualidade e inclusão, as nossas crenças, educação Inclusiva).

Mesmo cada um dos temas acima elencados pelos entrevistados, possuem em dado momento objetos de estudos específicos, quando nos referimos ao seu escopo esses estão interligados na relação com homem - mundo.

Pensar em desenvolvimento sustentável e geração de renda, sustentabilidade e responsabilidade e cidadania, na perspectiva pós-crítica é partir das inquietações acerca do crescimento do agronegócio, das políticas de liberação de insumos tóxicos, é pensar no homem do campo, comunidades ribeirinhas, comunidades quilombolas, povos tradicionais, e todas questões que os impactam.

No mesmo sentido pensar em matrizes religiosas, sexualidade e inclusão, as nossas crenças, educação Inclusiva, é pensar na diversidade humana e suas manifestações em seus vários aspectos, as inquietações agora são acerca da não aceitação do outro, da intolerância, da violência da negação do direito de ser humano na dignidade humana.

Logo, nosso olhar para esses temas, precisa ser constituído no movimento de circularidade, não há um valor em demasia sobre algum, a proposta que todos sejam compreendidos como essenciais.

Salientamos aqui a imbricação dos temas com o mundo trabalho, fazendo a este possuir um caráter educativo. Há de se considerar a relevância de uma formação continuada, como um espaço onde o trabalho também seja compreendido também com ato educativo, como afirma Arroyo:

Se toda a história não é senão a produção do ser humano pelo trabalho humano, como profissionais da educação, da formação humana somos obrigados a entender as potencialidades do trabalho como princípio educativo e a explorar em nossas práticas e didáticas as potencialidades formadoras que levamos às escolas como educadores-trabalhadores e que os educandos atrelados às vivências de trabalho levam às salas de aula (ARROYO, 2007, PKK).

Sendo o ser humano, um sujeito histórico, sua produção construída historicamente deve ser elemento fundante na prática em sala. Por conseguinte, compreender que currículo vivo é vida, que este pode ser revelador, ao ponto que

através dos elementos vividos é possível explicitar as carências que emerge da e na escola quando se trata da prática docente.

Neste sentido, foi desenvolvida uma roda de conversa, através de um roteiro com o tema: O que me identifica? Esse roteiro foi dividido em três momentos. O primeiro momento foi a acolhida, os participante foram recebidos com a canção das mangabeiras do material (Quero ver rodar... com as griôs na restinga sergipana¹⁶), em seguida, a pesquisadora deu as boas-vindas com o fragmento do livro *À sombra da Mangabeira* de Paulo Freire (2015, p,19).

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento.”

Em seguida foi explicado o significado de cada um dos elementos no centro do círculo, assim organizados: Livros da EJA (a ciência), a bandeira (a escola), as laranjas (o percurso formativo da pesquisadora) as mangabas (a representatividade do fruto com o município), uma foto do Barco de Fogo (o patrimônio cultural estanciano) e a palavra EJA (os sujeitos educadores e educandos).

Seguimos para o segundo momento. Foram iniciadas as rodadas de perguntas, onde em movimento circular cada participante expressou num pedaço de papel as seguintes provocações: 01 palavra que identificam a EJA na cidade de Estância e na segunda rodada 01 palavra que identifica sua escola.

As palavras apresentadas pelos participantes estão distribuídas no quadro abaixo, destacamos que só traremos as palavras dos pesquisados que participaram da aplicação do questionário:

Quadro 05: Perguntas nas rodas de conversas.

Entrevistados	01 palavras que identifica a EJA na cidade de Estância	01 palavra que identifica sua escola.
	<i>Respostas</i>	<i>Respostas</i>

¹⁶ Segundo disco realizado pelo Projeto das Catadoras de Mangaba, gerando renda e tecendo vida em Sergipe. Entre adeuses e coqueiros, um canto de guriatá se anuncia. São as Mangabeiras. Catadoras de sonhos; cantantes e estrelas que despertam nas areias da restinga. Disponível em: <https://soundcloud.com/catadoras-de-mangaba/sets/catadoras-de-mangaba-querer-rodar-com-as-griôs-na-restinga-sergipanna>. Acesso em: 18 maio. 2022.

Professor Bambu	<i>Alunos carentes</i>	<i>Esforço e Recomeço</i>
Professor Buscapé	<i>Luta</i>	<i>Caminho e Objetivo</i>
Professora Barco de Fogo	<i>Futuro Próspero</i>	<i>Oportunidade e Parceria</i>
Professora Mangaba	<i>Persistência e Identidade</i>	<i>Resistência e Oportunidade</i>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Os elementos presentes no quadro são resultados de escritas espontâneas dos participantes da roda de conversa. As respostas apesar de trazerem categorias distintas, se entrelaçam, pois ao analisarmos os sujeitos que fazem a EJA entre educadores e educandos, são estes (os alunos carentes) e aqui nos remetemos aos sujeitos e suas necessidades básicas negadas. Tratam-se dos mesmos sujeitos que através da escola das salas de EJA buscam oportunidades, através de esforços em seus constantes recomeços, buscam futuro próspero, e aqui nos remetemos as experiências dos laranjais, ‘os sonhos’.

Para encerrar o desenvolvimento da roda de conversa, o terceiro momento foi o agradecimento, onde a pesquisadora trouxe como mensagem para reflexão final, destacando o gesto concreto de pensar a EJA partindo de cada palavra que foi apresentada com a frase de Arroyo 2007 “Uma educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas.”.

Figura 14: Elementos inspiradores no centro da roda de conversa.



Fonte: A autora: Ivoneide Cardeal da Silva, 2022.

Nesta semana, em dias anteriores, ocorreu uma oficina de pinturas em tapetes realizadas pelas educadoras e seus educandos em sala, e estas pediram que estes

fossem para colocados no centro. Um gesto muito representativo, pois através destes foi registrada simbolicamente a presença dos educandos

Figura 15: Roda de conversa apresentando a pesquisa



Fonte: A autora: Ivoneide Cardeal da Silva, 2022.

Neste dia participaram da roda de conversa, educadores, funcionários da equipe de apoio, direção, técnica da sala de leitura, apesar dos sujeitos da pesquisa serem os educadores, os demais manifestaram interesse em saber sobre a pesquisa e participar do momento.

Na sequência como exigência do programa mestrado profissional, apresento o produto da pesquisa explorado, mais o produto, nossas crenças, cultura local, de Estância e esse poderia ser trabalhado no currículo local da EJA.

Percebemos com a roda de conversa e com o questionário que os educadores manifestam em suas falas preocupações com o futuro, com o caminhar posterior dos educandos partindo das superações das necessidades do presente. Nesse sentido, uma formação continuada de educadores deve ter em seus sua construção o saber de onde estamos e por onde, queremos caminhar. Neste sentido, apresentamos como produto final desta pesquisa, uma proposta de formação continuada de professores com temas geradores extraídos das falas dos entrevistados, em formato de ciclos formativos.

A proposta para Ciclos Formativos é o diálogo na perspectiva freiriana. Desta forma, compreenderemos que os conhecimentos e saberes se mantêm em um movimento linear, e através dos ciclos sistematizaremos o saber advindo do educando e os saberes ofertados pela escola.

Os ciclos serão desenvolvidos na Casa do Professor, com os GTs. A proposta está organizada em dois ciclos, um para cada categoria estudada, assim organizados: o Ciclo Formativo- O Chão da Escola: O currículo vivido e o Ciclo Formativo- A Casa do Professor: Formação Continuada, com duração de um semestre cada, tendo uma temática, com duração total de 20 horas por ciclo, perfazendo um total de 40 horas.

Os ciclos serão realizados com momentos diversos, entre rodas de conversas e oficinas. As rodas de conversas são importantes instrumentos na formação, por estas possibilitar aos sujeitos experienciarem saberes e reflexividade sobre vivências, através da validação de suas narrativas individuais e coletivas. As temáticas serão abordadas por duas perspectivas: a ciência através das pesquisas e produções científicas e a vivência através de sujeitos educando e educadores da EJA.

Partindo das expressividades apresentadas na entrevista e tendo como aporte teórico a educação libertadora de Freire, compreendemos essas temáticas entrelaçadas como temas geradores assim pensados:

O Ciclo formativo – O Chão da Escola: O currículo vivido terá como tema gerador: **Sentimentos e Trajetória Cidadã na EJA.**

A primeira roda de conversa tem a temática: **“O direito a EJA como premissa para a construção da trajetória cidadã de homens e mulheres”**, e tem como ponto de partida as inquietações: Qual EJA? Quais sujeitos? Qual escola? Qual cidadania? Quais trajetórias?

A temática seguinte é: **“O diálogo e amorosidade na EJA: A construção dos saberes no chão da escola”**. Quais saberes? Os saberes dos educandos e educadores? Quais sentimentos? Qual diálogo? Qual amorosidade? Quais práticas?

Para este ciclo a terceira roda de conversa terá como temática: **“A EJA na Cidade Capital do Barco de Fogo.”**, partindo destas Quem somos? O que fazemos? Onde estamos? Onde queremos chegar? Qual caminho percorreremos?

Ciclo Formativo- A Casa do Professor: Formação Continuada terá como tema gerador: **Nossas crenças e geração de renda: A EJA e o mundo do trabalho.**

Para este ciclo a primeira roda de conversa proposta é: **“A formação de educadores da EJA: prática docente na educação da classe trabalhadora”**, o ponto de partida desta são: Qual formação? Quais pressupostos? Qual mundo do trabalho? Quais trabalhadores?

Em seguida as duas últimas temáticas abordadas são: “**A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda, a doçura da mangaba**” e “**A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda, o brilho dos fogos**”. Cada uma abordando um movimento econômico local. O primeiro através da Cooperativa de Catadoras de Mangabas e a outra através das Associações de Fogueteiros de Estância, ambas terão como ponto de partida: Trabalhadores ou agentes culturais? Quais fontes de renda? Qual a cadeia produtiva? Qual organização? (coletividade) Quais conhecimentos imbricados nestas práticas? Como estes conhecimentos podem ser reconhecidos na EJA em Estância?

Neste sentido, os ciclos formativos serão um espaço de diálogos, mesmo estes estando direcionados ao educador através da formação continuada, a proposta dos ciclos é que os demais sujeitos da EJA também tenham espaços para diálogos e contribuam para a construção e registro desta no município. Abaixo apresentamos a proposta dos ciclos, através dos quadros.

QUADRO DOS CICLOS FORMATIVOS

Quadro 06 – Organização dos ciclos formativos, Chão da Escola.

Ciclo Formativo- Chão da Escola: o Currículo Vivido				
Tema gerador	Ações	Duração 01 Semestre C. H	Pontos de partida.	Referências Bibliográficas.
Sentimentos e trajetórias cidadã na EJA.	Roda de conversa (presencial ou online) Temática: O direito a EJA como premissa para a construção da trajetória cidadã de homens e mulheres.	3 h 00 min	Qual EJA? Quais sujeitos? Qual escola? Qual cidadania? Quais trajetórias?	ARROYO, Miguel. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Org.). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 13-37.
	Roda de conversa (presencial ou online) Temática:	3 h 00 min	Quais saberes? Os saberes dos educandos. Os saberes dos Educadores. Quais sentimentos?	FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.

	O diálogo e amorosidade na EJA: A construção dos saberes no chão da escola.		Qual diálogo? Qual amorosidade? Quais práticas?	25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. ARROYO, Miguel. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias . 2 ed. Petrópolis: Vozes 2014
	Roda de conversa (presencial ou online) Temática: A EJA na Cidade Capital do Barco de Fogo.	3 h 30 min	Quem somos? O que fazemos? Onde estamos? Onde queremos chegar? Qual caminho percorreremos?	Propomos Como Tema Para Essa Roda, A Pesquisa Que Propôs Este Ciclo Formativo “ Do Chão da Escola à Casa do Professor ”: Um estudo entre o Currículo Prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA, na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe Estudos De Documentos da Secretaria Municipal de Educação Sobre a EJA, no período do Desenvolvimento dos Ciclos.
	Oficina 01 O Almanaque da EJA em Estância.	3h 30 min	Registro sobre práticas e vivências na EJA em Estância. Minha escola. O que fazemos? Nossa identidade?	Essa etapa, caracteriza-se pelo momento de produções e manifestações das percepções durante os ciclos, através de um processo dialógico, os participantes terão espaço para suas expressões.
	Oficina 02 O Almanaque da EJA em Estância.	3h 30 min	Registro sobre práticas e vivências na EJA em Estância.	Essa etapa, caracteriza-se pelo momento de produções e manifestações das percepções durante os ciclos, através de um processo dialógico, os participantes terão espaço para suas expressões
	Roda de Conversa: Temática: Vivencias dos sujeitos da EJA em Estância.	3h 30 min <hr/> Total 20 horas	Exposição para a comunidade, do material produzido (Almanaque), durante o ciclo formativo.	Este momento é destinado à exposição das produções para a comunidade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022.

Quadro 07 – Organização dos ciclos formativos: Casa do Professor.

Ciclo Formativo- Casa do Professor: Formação Continuada em EJA				
Tema gerador	Ações	Duração 01 Semestre C. H	Pontos de partida.	Referências Bibliográficas
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;"> Nossas crenças e geração de renda: A EJA e o mundo do trabalho. </div>	Roda de conversa (presencial ou online) Temática: A formação de educadores da EJA: prática docente na educação da classe trabalhadora.	3 h 00 min	Qual formação? Quais pressupostos? Qual mundo do trabalho? Quais trabalhadores?	Aqui sobre formação FREIRE, Paulo. Educação Como Prática de Liberdade . 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa . 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
	Roda de conversa (presencial ou online) Temática: A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda., o doce da mangaba.	3 h 00 min	Trabalhadores ou agentes culturais? Quais fontes de renda? Qual a cadeia produtiva? Qual organização? (coletividade) Quais conhecimentos imbricados nestas práticas? Como estes conhecimentos podem pode ser reconhecidos na EJA em Estanciana?	Quero ver rodar com os grãos da restinga sergipana. DORIA, D, Vídeo (38 min 23 seg). Catadoras de Mangaba -Quero ver rodar. Publicado pelo canal Dami Doria, álbum disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jZl-dMNKIT0&t=51s . Acessado em 06 de julho de 2022 FERREIRA, G. Conceição. O (en)canto e o encontro no mangue: o ritual da captura do aratu em Porto do Mato/SE . Dissertação de Mestrado PPGA/UFS. Universidade Federal de Sergipe-UFS. São Cristóvão, 2019.
	Roda de conversa (presencial ou online) Temática: A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda, o brilho dos fogos.	3h 30 min	Trabalhadores ou agentes culturais? Quais fontes de renda? Qual a cadeia produtiva? Qual organização? (coletividade) Quais conhecimentos imbricados nestas práticas? Como estes conhecimentos	Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e ressignificação em Estância/SE GOMES. Robertta de Jesus. Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e ressignificação em Estância/SE /– São Cristóvão, SE 2017. SeCult-SE , Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, (Estância – Barco de Fogo), ipatrimônio . Patrimônioculturalbrasileiro(beta). Disponível em: http://www.ipatrimonio.org/estancia-barco-de-fogo#!/map=38329&loc=-11.273582205774193,-

			podem pode ser reconhecidos na EJA em Estanciana?	37.44042456150055,17, acessado em 19 de julho de 2022. Documentários sobre Estância.
	Oficina 01 O Almanaque da EJA em Estância.	3h 30 min	Registro sobre práticas e vivências na EJA em Estância.	Essa etapa, caracteriza-se pelo momento de produções e manifestações das percepções durante os ciclos, através de um processo dialógico, os participantes terão espaço para suas expressões.
	Oficina 02 O Almanaque da EJA em Estância.	3 h 00 min	Registro sobre práticas e vivências na EJA em Estância.	Essa etapa, caracteriza-se pelo momento de produções e manifestações das percepções durante os ciclos, através de um processo dialógico, os participantes terão espaço para suas expressões
	Roda de conversa (presencial) Temática: Vivencias dos sujeitos da EJA em Estância.	3 h 00 min	Exposição para a comunidade, do material produzido (Almanaque), durante o ciclo formativo.	Este momento é destinado à exposição das produções para a comunidade.
		Total 20 horas		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora,2022

Para possibilitar aos participantes dos ciclos espaços de registros das suas expressões e contribuições, propomos ao término dos ciclos a construção de um almanaque intitulado: A EJA na Cidade Capital do Baco de Fogo.

Serão desenvolvidas duas oficinas a cada ciclo, onde os educadores e participantes serão mobilizados e provocados a registrarem suas percepções acerca do ciclo e suas vivências na EJA, podendo esses registros tornarem-se material e memória da EJA e quiçá elemento de referência para posteriores estudos e pesquisas sobre a EJA em Estância.

A proposta do almanaque ao final do ciclo se deu por este permitir a manifestação de diversas expressões e linguagens sobre várias temáticas. Este será um documento coletivo, e será organizado por seções, algumas já indicadas pela pesquisa e outras construídas acrescentadas durante os ciclos. Desse modo, apresentamos a proposta para a construção da seções:

Seção “Somos nós os sujeitos da EJA” – espaço dedicado às biografias e autobiografias individuais ou coletivas dos sujeitos que fazem a EJA no município.

Seção: “Chão da Escola” - neste espaço estarão as práticas desenvolvidas nas escolas e seus alcances.

Seção “Casa do professor” esta seção é dedicada para os registros sobre a formação continuada dos educadores e o coletivo.

Seção “Fogo no beco, que o beco está escuro” - este espaço é destinado para curiosidades sobre Estância, EJA e algo irreverente sobre esse território.

Abaixo, apresentamos uma primeira versão do almanaque, produzida partindo dos elementos encontrados durante a pesquisa, trazendo os seguintes elementos: acerca da EJA, do lócus da pesquisa, sobre a pesquisadora, o símbolo cultural do município de Estância, as produções de fogueteiros, de marisqueiros e marisqueiras. Essa primeira versão, traz estes elementos em várias linguagens, como citação de dissertação, letras e composições musicais sobre o município, uma pequena biografia de um educando da EJA, tempestade de palavras. As figuras apresentadas a seguir, estão dispostas na sequência numérica, qual foi organizado o primeiro almanaqu

6. FIGURA 16 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.01

AGOSTO DE 2022 VOLUME 01

A EJA NA CAPITAL BRASILEIRA DO BARCO DE FOGO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA (UNEB)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (MPEJA)
ORIENTADORA: PROFA. DRA. EDITE MARIA DA SILVA DE FARIA
ORIENTANDA: IVONEIDE CARDEAL DA SILVA




O BARCO DE FOGO

Nome atribuído: Barco de Fogo de Estância
Localização: Estância-SE
Processo de Registro: Processo nº 031/2013 /CEC
Resolução de Registro: Lei nº 7.69,0 de 23 de julho de 2013
Descrição: O barco de fogo é uma alegoria pirotécnica ligada ao ciclo junino dos festejos populares com ocorrência exclusiva na cidade de Estância. A confecção do barco de fogo se dá nos barracões dos fogueteiros onde iniciou do processo. Está associado a uma mistura de carpintaria, engenharia, artesanato, sensibilidade e criatividade englobando a construção de uma estrutura em madeira cortadas em pedaços milimetricamente marcados para encaixes e apreogamentos. Preferencialmente se utiliza como matéria prima uma madeira denominada Paraíba, por possuir um peso relativamente leve e ter boa resistência.
Fonte: SeCult-SE, Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe
Disponível em:
<http://www.ipatrimonio.org/estancia-barco-de-fogo/#/map=38329&loc=-11.181601544774844,-37.74258613586426.11>

A PESQUISADORA

POR: IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

Mulher negra, filha de lavradora, mãe de um jovem negro, professora da (EJA), na rede Pública Municipal de Indiaroba, Sergipe, atuou como Coordenadora da Busca Ativa, no Conselho Municipal da Assistência Social (CMAS), Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres de Estância (CMDE) na Prefeitura Municipal de Estância, Sergipe, Pedagoga, Assistente Social, Mestranda no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos-(MPEJA), pela Universidade Estadual da Bahia-(UNEB), na Área de Concentração 2 – Formação de Professores e Políticas Públicas, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPAL/Bahia). Desenvolveu a pesquisa: "DO CHÃO DA ESCOLA À CASA DO PROFESSOR: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe."

**"FOGO NO BEGO,
QUE O BECO ESTA ESCURO"**

Expressão tipicamente estanciana, muito utilizada na noite de Santo Antônio, na tradicional festa da Rua Nova, para "provocar" os fogueteiros e estes lançarem os buscapés na avenida.

Por: Ivoneide Cardeal da Silva

PÁGINA 1

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2022

FIGURA 17 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.02

AGOSTO DE 2022 VOLUME 01

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM ESTÂNCIA, SE.
POR IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

**JOVENS , PISA PÓLVORA, IDOSOS, GÊNERO, TRADIÇÃO, ABAÍŠ
EDUCADORES ARATU, POLÍTICA PÚBLICA, MANGABA , BARCO
DE FOGO, BUSCAPÊ, FÊ , AS 7 MARAVILHAS , CASARÕES
COLONIAIS, ASSENTAMENTOS,**

EJA ESTÂNCIA

**BATUCADA, FOGUETEIROS, TRABALHO, ESPADA, LICORES,
DIREITO, EDUCANDO, QUADRLHA JUNINA, ADULTOS, CASA
DO PROFESSOR, CARANGUEIJO, PORTO DO MATO, IDOSOS,
ECONOMIA, FESTA JUNINA, ASSOCIAÇÕES, APRENDIZAGEM**

AS CATADORAS DE MANGABA



FAIXA 02 Cabocla

**Soubesse quem tu era ò dilin,
Quem tu havera de ser mas ò dilin
Não dava meu coração, mais ó de mim
Para eu hoje padecer, mais ó de mim**

**Cabocla balança o pé, de linlindilô
Torne balançar nos braços do meu amor
Cabocla balança os brincos de lindlô
Torne balançar nos braços do meu amor**

**Eu cair no poço fundo ô dilim
Letra A me deu a mão mas ô de lim
Letra B me deu os braços mas ô de lim
Letra C o coração, mas ô dilin...**

Álbum disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jZI-dMNKlTo&t=51s>

O segundo disco *Quero ver rodar com as griôs da restinga sergipana* conta com a participação das Catadoras Alicia, presidente da Associação das Catadoras de Mangaba e Indiaroba (ASCAMAI), Dona Evangelista, do município de Itaporanga, Dona Maria, da Barra dos Coqueiros, Dona Marizete, de Indiaroba, Maria, de Japaratuba e Dona Santinha e Valdice, do município de Estância. Os arranjos ficam por conta dos músicos consagrados Dami Doria (violonista), o maestro e pesquisador Pedrinho Mendonça, Guga Montalvão da banda de jazz Café Pequeno, Rodrigo Besteti do projeto Jazz na Calçada e o gaitista Júlio Rego. Já a gravação e produção do disco é de Dudu Prudente.

Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/catadoras-de-mangaba-lancam-novo-cd-no-dia-26/>

PÁGINA 2

FIGURA 18 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.03

"O CHÃO DA ESCOLA"

POR IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

Há saberes das diversas áreas dos conhecimentos em cada ofício e atividade aqui até então expressada, tais como: a matemática por trás de cada medida, quantidade de pólvora, peso na produção do buscapé e do Barco de Fogo, a física ao esticar o arame e controlar a velocidade do barco, a química para socar a pólvora, a ciência, a biologia e a geografia para adentrar nas regiões para retirada do bambu, a língua portuguesa nas canções e composições das batucadas, a educação física nos movimentos, ritmos das canções e do corpo durante as danças e a batida dos chinelos de madeira, a história e o ensino religioso dos povos e suas ancestralidades na constituição de Estância, a relação homem mundo através da coparticipação com comunidade estabelecida por estes movimentos, evidenciamos aqui a infinitude de saberes por trás de cada um deles e sua relação com as ciências. (2022, pág. 100)

Colocar nos corredores e pátio da escola, o buscapé, o barco de fogo, os quitutes de mangaba, as delícias do aratu e saborear isso ao som dos chinelos de madeira no ritmo da batucada, evidencia que para além do conteúdo programático a escola se faz de gente, do povo e com o povo. (Ivoneide Cardeal da Silva, (2022, pág. 104)

**Somos nós,
os sujeitos da EJA.**



A Câmara Municipal de Estância homenageou o cantor estanciano Jorge Maravilha dos Passos Nascimento, por meio do Projeto de Decreto Legislativo Nº 10/2019. A propositura é da lavra do vereador Raimundo Ascindino (DODE), do Partido Solidariedade. A distinção se deu na sessão ordinária de quarta-feira (30), à tarde. Jorge Maravilha é cantor e compositor e as suas obras têm focalizado a cultura dos festejos juninos. O barco de fogo, o busca pé, a pisa de pólvora, o samba de coco, entre outras, estão nas páginas da sua arte e criação pop.

Fonte: <https://camaradeestancia.se.gov.br/2019/10/31/projeto-do-vereador-dode-homenageia-o-cantor-estanciano-jorge-maravilha/>

No segundo semestre do ano de 2022, Jorge Maravilha, educando do 9º Ano da EJA da Escola Municipal Senador Júlio César Leite, foi garoto propaganda para a campanha de matrícula da rede municipal, para EJA.

Fonte, rede social da Secretaria Municipal de Educação de Estância. <https://www.instagram.com/p/ChADO1HLji-/>

Uma prosa com Freire

"Ninguém chega a parte alguma só, muito menos ao exílio. Nem mesmo os que chegam desacompanhados de sua família, de sua mulher, de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos. Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco.

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nitida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse.

Uma palavra portanto tempo ensaiada e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco.

(Freire, 2019, p. 45)

FIGURA 19 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.04

"A CASA DO PROFESSOR"

POR IVONEIDE CARDEAL DA SILVA

Outro elemento no achado da pesquisa é o processo de organização e regulamentação da Casa do Professor. Os registros específicos, apontam para reuniões e uma construção em andamento. Sendo a Casa do Professor, para além de espaço físico e formalidade institucional. Sua proposta apresenta-se como potencial de tornar-se um coletivo com notórias contribuições para a educação estanciana.

A Casa do Professor está personificada através dos encontros dos Grupos de Trabalhos (GTs.) organizados por componentes curricular e mediado por professores das respectivas áreas de atuação. (2022, pág 105)

A imagem ao lado: Xilogravura de José Francisco Borges, utilizamos para representar o processo de 'construção' e "implantação" da Casa do Professor.



Imagem disponível em:

<https://lojavirtual.lojapaiol.com.br/xilo-gravura-pedreiroj-p-j-borges-pe>

ESTÂNCIA

POR: AMARGOSA

ACORDA FOGUETEIRO, PISA PÓLVORA NO AR,
BUSCAPÉ, BARCO DE FOGO O FORRÓ VAI COMEÇAR (2X)

GUADALUPE PADROEIRA DESTA TERRA,
ABENÇOOU O PIAUÍ E PIAUITINGA,
ÉS O JARDIM DE TALENTO QUE ME CURVO,
DOS SEUS FILHOS NÃO FALEI AINDA.

GILBERTO AMADO, ZÉ DE DONI E
GUMERCINDO BESSA,
GRACHO CARDOSO, JUDITE VIEIRA NETO,
CONSTÂNCIO, JORGE LEITE E CAMERINO,
E ATÉ ROGÉRIO CANTANDO AQUI PERTO.

ESTÂNCIA O BERÇO DE HISTÓRIAS,
DE ESTRANGEIROS QUE POR ALI PASSARAM,
SEGUNDA GUERRA REGISTROU EM SUAS
PRAIAS,
POVO SIMPLES COM AMOR AJUDARAM.

ABAÍ PORTO DO MATO EU TE ACHEI,
SACO DO RIO REAL O PARAÍSO,
NA LAGOA EU JÁ BEIJEI O MEU AMOR,
MERGULHEI NA PAISAGEM DO SEU RISO.

AÍ POR TI ESTÂNCIA,
TUA GRANDEZA NINGUÉM PODE LHE TIRAR,
ARRANCA DESSA ALMA O TEU PODER,
FAZ A SEMENTE NA TERRA GERMINAR,

ESTÂNCIA VERDES PASTOS,
NOS CORETOS DAS PRAÇAS ME DELEITO,
LIRA CARLOS GOMES COM SEU TOQUE
TOCA FUNDO A MORADA DO MEU PEITO.

REFRÃO

DÍSPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCHV=QNRS88WGOHW](https://www.youtube.com/watch?v=QNRS88WGOHW)
[HTTPS://WWW.LETRAS.COM.BR/ANTONIA-AMOROSA](https://www.lettras.com.br/antonia-amorosa)

CICLOS FORMATIVOS

O CHÃO DA ESCOLA:
O CURRÍCULO VIVIDO

Tema Gerador:: Sentimentos e trajetórias cidadã na EJA.

Temáticas:

- O direito a EJA como premissa para a construção da trajetória cidadã de homens e mulheres.
- O diálogo e amorosidade na EJA: A construção dos saberes no chão da escola.
- A EJA na Cidade Capital do Barco de Fogo.
- Vivências dos sujeitos da EJA em Estância.
- O Almanaque da EJA

Ivoneide Cardeal da Silva, 2022

CASA DO PROFESSOR:
A FORMAÇÃO CONTINUADA

Tem Gerador: Crenças e geração de renda: A EJA e o mundo do trabalho

Temáticas:

- A formação de educadores da EJA: prática docente na educação da classe trabalhadora.
- A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda. O (en)canto e o encontro no mangue: o ritual da captura do aratu em Porto do Mato/SE
- A EJA e a identidade Estanciana: Cultura e geração de renda, Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e resignificação em Estância/SE
- Vivências dos sujeitos da EJA.
- O Almanaque da EJA.

PÁGINA 4

FIGURA 20 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.05

OS FOGUETEIROS E A INVENÇÃO DA MÁQUINA PISA PÓLVORA

A produção de fogos: passado e presente

Segundo os fogueteiros, o modo de trabalho, ou seja, a maneira de trabalhar “o passo a passo” do processo de produção pouco se alterou com o tempo. O que mudou foi a questão do investimento financeiro, que atualmente é elevado em comparação há décadas anteriores, bem como as normativas de fiscalização que se intensificaram devido ao histórico de acidentes conforme é evidenciado na fala abaixo:

Não tem muita diferença do trabalho, mas para trabalhar hoje, se não tiver dinheiro não trabalha, tem que entrar para a Associação. Hoje só pode trabalhar maior, e antigamente era mais gente, era dentro de casa, com mulher e filhos. Hoje a gente trabalha assim no meio dos matos... (V.S.N, 2016)

Outra diferença foi o surgimento de equipamentos no processo de produção, como a máquina de pisar pólvora e a máquina de furar fogos, conforme relatos do fogueteiro que produz fogos há 30 anos no Bairro Alecrim:

Hoje já facilita mais, antigamente não tinha máquina para pisar a pólvora, hoje em um dia eu piso 140 kg de pólvora por dia, e na mão era 80 kg por dia. Essa máquina foi invenção minha e de Albérico (presidente da UNIFOGOS) foi a primeira máquina de pisa pólvora de Estância, todos os anos a gente tentava, e só conseguimos no 4º ano, criamos em 2013. Hoje já tem um rapaz que fabrica, uma máquina dessa é 8 mil à 10 mil reais, mas vale a pena pela produção

mas a nossa nós fizemos, gastamos muito, tem motor, redutor, esse motor é de 5 cavalos (5hp), madeira, tem um redutor, ferro, é fácil manusear a “trocagem” de pólvora, você tem que levantar elas e trancar, e mexer as mãos dela para cima e para baixo, verificar que todos os ferros tem que rodar sincronizados, quando um ferro, está para cima, outro está para baixo para pisar a pólvora corretamente. Alberico também já inventou uma pólvora agora para furar o fogo. Hoje a produção é maior, dobrou, por conta das máquinas, acelerou o processo, eu piso 4 sacos no dia. (P. S, 2016) (Gomes. 2017, pág. 63 e 64

O (en)canto e o encontro no mangue: o ritual da captura do aratu em Porto do Mato/SE

O COMPORTAMENTO DAS MULHERES MARISQUEIRAS (CATADORAS DE ARATU) ESTÁ ASSOCIADO AO APRENDIZADO ADQUIRIDO EMPIRICAMENTE, NA IMERSÃO DO CORPO NO AMBIENTE E O SEU HISTÓRICO DE RELAÇÕES, SEGUINDO O CONHECIMENTO E A INTERPRETAÇÃO LOCAL. EMBORA O CANTO SEJA ENTENDIDO, CONCEITUALMENTE, COMO FORMA DISTINTA PARA CONSIDERAR OS TERMOS NATUREZA E CULTURA, AS CATADORAS NÃO TEM DÚVIDAS DE QUE O FAZEM PARA ESTABELEÇER UMA RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO, E ASSIM, ATINGIR O PROPÓSITO QUE LHE GARANTE O SUCESSO NA ATIVIDADE DE CAPTURA DO ARATU. FERREIRA, 2019, PÁG 65.)

Figuras 7, 8, 9, 10 - Máquina de Pisa-pólvora criada por Fogueteiros



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

Gomes. 2017, pág. 65

FIGURA 21 (PROPOSTA DO ALMANAQUE) p.06

REFERÊNCIAS

AMOROSA, A. Vídeo (03 min 06 seg). **ESTÂNCIA**. Publicado pelo canal Antônia Amorosa Oficial, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QNRSS8WGOhw>, acessado em 06 de julho de 2022.

Câmara Municipal de Estância, Disponível em: <https://camaradeestancia.se.gov.br/2019/10/31/projeto-do-vereador-dode-homenageia-o-cantor-estanciano-jorge-maravilha/>, acessado em 26 de julho de 2022.

DORIA, D, Vídeo (38 min 23 seg). **Catadoras de Mangaba –Quero ver rodar**. Publicado pelo canal Damí Doria, álbum disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jZl-dMNkITo&t=51s> 7. Acessado em 06 de julho de 2022

FERREIRA, G. Conceição. **O (en)canto e o encontro no mangue: o ritual da captura do aratu em Porto do Mato/SE**. Dissertação de Mestrado PPGA/UFS. Universidade Federal de Sergipe-UFS. São Cristóvão, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Robertta de Jesus. **Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e ressignificação em Estância/SE** /- São Cristóvão, SE 2017.

INFONETE, O que é notícia em Sergipe. **Catadoras de Mangaba lançam novo CD no dia 26**. Infonete, disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/catadoras-de-mangaba-lancam-novo-cd-no-dia-26/>

SeCult-SE, Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, **(Estância – Barco de Fogo)**, ipatrimônio. Patrimônioculturalbrasileiro(beta). Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/estancia-barco-de-fogo/#!/map=38329&loc=-11.273582205774193,-37.44042456150055,17>, acessado em 19 de julho de 2022.

SEME, Secretaria Municipal de Educação de Estância. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChADO1HLji-/> acessado em 11 de agosto de 2022.

PAIOL, Disponível em: <https://lojavirtual.lojapaiol.com.br/xilogravura-pedreiro-l-p-j-borges-pe>, acessado em 18 de agosto de 2022.

Propomos essas seções como provocativas, para as produções iniciais. No sentido da produção do buscapé, seguimos. Após todas as etapas da produção deste artefato, ele fica pronto. Sua função agora é abrilhantar o céu estanciano, é hora da festa, é o momento mais aguardado por todos, pela sua bela exuberância. E na magnitude do festejo junino em Estância, trazemos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O “ESPETÁCULO DO ESTALAR DA FAÍSCA”.

Vem pra Estância,

*Ao passar do sul norte eu ei de ver,
Esse encontro tão raro, tão lindo, tão claro que existe em você,
Com essa beleza de natureza,
Me fez refletir e aí veio a certeza, dessa vez eu vou ficar.*

*Daí resolvi te conhecer um pouco mais,
E a cada olhar me sentia folheando
um livro de cartão postais*

*Foi assim dessa maneira,
que cheguei nessa terra de gente hospitaleira
e daqui não saio mais*

*Conheci o Alto do Cristo Redentor,
e de lá avistei bem no pé da ladeira
o trabalho do pescador.*

*Que arrumou a sua rede e sua canoa,
saiu para pescar numa boa,
comigo ele vai navegar,
Lá no centro eu vi casarões coloniais,
a Centenária Lira Carlos Gomes,
tocando dobrados geniais.*

*No litoral eu fui à praia do Abaís,
no saco eu fui tão feliz,
É aqui que eu vou ficar.*

*Em Estância daqui não saio mais,
Vem para Estância, ô cidade linda demais
Estância do barco de fogo
do melhor São João do nosso país,
Cidade Jardim de Sergipe
Quem vive nessa terra é muito feliz*

(Fabinho do Acordeom¹⁷)

¹⁷ Músico, natural de Estância Sergipe, começou com 8 anos de idade tocando bateria, depois disso ganhou um piano de 15 notas. Desde 2009 canta e toca na Banda Forró da Folha, banda estanciana além do trabalho solo que dura já 13 anos.

Após as etapas na confecção do buscapé, chega-se ao momento apoteótico, o “estalar da faísca nas noites juninas”, e assim chegamos às considerações finais. Imbuídos nessa “explosão de brilho e cores” apresentaremos aqui os resultados da pesquisa, para nós percebido também como as “belezas da composição poética”, por trazer a ciência e a vivência.

A pesquisa descortinou a relação do trabalho no campo da pesquisadora nos laranjais rio-realenses com o fazer docente na cidade de mulheres catadoras de mangaba, sendo a atuação da pesquisadora geograficamente em região urbana na cidade de Estância e o extrativismo da mangaba ser na região litorânea. Foi através da relação afetiva do povo estanciano com o fruto, o fazer cultural por trás da colheita e seus derivados que a pesquisadora uniu dois polos de sua andança: o começo e o até aqui.

E este “até aqui”, além dos frutos doces, é emoldurado pelo brilho e pelo fogo dos buscapés que fazem o céu de Estância ainda mais bonito, cenário perfeito para o desfile daquele que deu a cidade o nome Capital Brasileira do Barco de Fogo. E foi partindo das vivências no percurso formativo e a relação do povo estanciano com estes elementos que a pesquisa sobre a EJA surgiu, tendo como perguntas norteadoras: como pensar um currículo local da EJA que considere a identidade cultural estanciana? Quais as principais construções curriculares para EJA estão presentes na rede municipal de Estância? Como pensar uma formação continuada para educadores da EJA em Estância considerando a cultura e a identidade local?

Partindo das perguntas, a pesquisa identificou na BNCC a ausência da concepção dos sujeitos da EJA em suas especificidades: educandos trabalhadores, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres trabalhadores com relações no mundo e para o mundo como sujeitos.

As habilidades e competências apresentadas são interligadas e segue uma ordem crescente de apropriação, sendo estas pensadas em sujeitos que terão sua trajetória escolar em consonância a seu desenvolvimento cronológico de forma ininterrupta. Pensa-se em um sujeito que enquanto criança adentra a educação infantil e prossegue para o ensino fundamental e conclui ensino médio sem nenhuma interrupção. Um sujeito que inicia sua trajetória escolar aos 4 anos de idade e finaliza com 17.

O mesmo ocorre com o Currículo de Sergipe, sendo este construído sobre as orientações e normatizações da BNCC. Este currículo estadual apresenta em sua introdução a mesma percepção de sujeitos. No tocante às habilidades e objetos de conhecimento, este foi acrescentado alguns que buscam atender o regionalismo, em muitos momentos atendendo um caráter apenas histórico.

A BNCC e o Currículo de Sergipe trazem a ideia de competências, elencando através de codificação por série/ano, quais os sujeitos na educação básica desenvolverão ao longo do seu percurso formativo. Em ambos os documentos, apesar da presença de termos relacionados às concepções de formação de sujeito, estes não deixam claro quais pressupostos teóricos os fundamentam.

A ausência do entendimento dos sujeitos trabalhadores e seus percursos formativos nestes documentos acabam por promover uma escola com práticas pedagógicas distantes da comunidade, a qual está inserida, tornando esta, um ambiente dicotômico entre o que se ensina e o que se vive. Aprendemos com Freire e reforçado por Arroyo que uma educação que transforma perpassa práticas pedagógicas que além da preocupação do aprender, manifeste o cuidado em que homens e mulheres expressem-se enquanto sujeitos antropológicos, sujeitos que trazem a “belezura” do desenvolvimento físico, material e cultural, fisiológico, psicológico, características raciais, costumes sociais, crenças.

Com a publicação do Caderno Complementar para EJA, as discussões acerca do currículo e a da formação de professores da EJA em Estância, podem ter este como ponto de partida, para compreendermos a EJA que temos e a que queremos.

Neste sentido, pensar um currículo local para EJA em Estância, precisa ter como ponto partida o reconhecimento e legitimidade dos trabalhadores e fazedores culturais e seus saberes, que por gerações e gerações construíram a história da cidade, como os (fogueteiros, as catadoras de mangabas, os tocadores, rimadores e dançarinos das Batucadas, do Pisa Pólvora, as cozinheiras e cozinheiros dos quitutes juninos, os produtores de licor, os poetas, os músicos, as costureiras, os artesãos), e todos os sujeitos fazem Estância ser anunciada por muitos como o “ Berço da Cultura Sergipana”¹⁸.

¹⁸ Pronunciamento do então, Governador Déda (*in memoriam*), "Estância é uma das mais importantes joias e referências na história do nosso Estado, berço da cultura e intelectualidade sergipana, cidade pioneira no desenvolvimento econômico e político do Estado, palco do nascimento da imprensa sergipana e cenário de belezas naturais", em solenidade de aniversário de 160 anos de Estância, em Segunda-Feira, 28 de abril de 2008.

Há saberes das diversas áreas dos conhecimentos em cada ofício e atividade aqui até então expressada, tais como: a matemática por trás de cada medida, quantidade de pólvora, peso na produção do buscapé e do Barco de Fogo, a física ao esticar o arame e controlar a velocidade do barco e do buscapé, a química para socar a pólvora, a ciência, a biologia e a geografia para adentrar nas regiões para retirada do bambu, a língua portuguesa nas canções e composições das batucadas, a educação física nos movimentos ritmos das canções e do corpo durante as danças e a batida dos chinelos de madeira, a história e o ensino religioso dos povos e suas ancestralidades na constituição de Estância, a relação homem mundo através da relação de coparticipação com comunidade estabelecida por estes movimentos, evidenciamos aqui a infinitude de saberes por trás de cada um deles e sua relação com as ciências.

Através da pesquisa, entendemos currículo vivido como “vida”, aquilo que de fato está sendo praticado na vida real da escola, ainda da fonte de Freire, aprendemos que a educação é um processo humano, e ao relacionar humano e vida, percebemos a intensidade das práticas docentes no chão da escola.

Neste sentido, considerar as vivências do chão da escola como currículo vivido, é perpassada pela compreensão da dimensão deste chão enquanto espaço coletivo e as relações ali constituídas. A escola pública da educação básica é a escola da classe trabalhadora, e dessa forma, o currículo vivido está diretamente ligado com o ser desses sujeitos, aquele ser que será constituído no processo de escolarização.

Traremos como exemplo a perspectiva de educação e diversidade, apesar das orientações do ponto de vista prescrito. A prática real da escola será delineada pelo universo no qual os sujeitos estão inseridos e todos, sendo que estes se relacionam com os fatores que os acometem diariamente.

Por se tratar da temática as Diretrizes Curriculares da EJA, as práticas pedagógicas construídas na escola e formação continuada, no viés entre o que está prescrito e o que está sendo vivido, nosso objetivo geral foi identificar as possibilidades de construção de um uma formação continuada para educadores da EJA em Estância na perspectiva de currículo vivido e identidade cultural estanciana

Neste sentido, o primeiro passo foi um estudo documental a nível nacional através das diretrizes curriculares, a atual base, a nível estadual o currículo de Sergipe

e em seguida um estudo local com os documentos legitimado pelo Conselho Municipal de Educação.

Sobre as diretrizes, encontramos que estas descrevem o perfil de estudantes presentes em sala de EJA e suas características sociais, econômicas e cognitivas, destacam com afinco as funções e expressam as particularidades do educando, e a singularidade da prática pedagógica em consonância com características fundamentais e necessárias do docente que atuam em EJA.

Identificamos que, a BNCC já iniciou seu processo com vários questionamentos acerca das concepções que envolvem a educação, citamos, por exemplo, se a base traz em sua centralidade o conceito de direito a aprendizagem, seria viável em um país onde o direito à educação e às camadas mais pobres é de fato garantido.

O seu período de construção deu-se em um processo político conflituoso, onde movimentos em defesa de uma “educação tradicional”, uma “escola sem partido”, “uma educação sem ideologia militante”, sem “ideologia de gênero”, ganhou força. O resultado foi uma BASE fundamentada na “neutralidade política”. E a “andança” da pesquisa nos mostra que não há educação neutra.

Não há como falar da arte de fazer fogos em Estância, sem adentrar nas questões das políticas públicas, nas questões de segurança, geração de renda, empregabilidade, cadeia produtiva, a relação de poder entre quem produz e quem lucra e todas as nuances que o sistema econômico e político opera sobre os sujeitos.

Neste ponto, sobre o estudo dos documentos locais, iniciamos no PME, nele encontramos uma pequena seção com apenas cinco páginas sobre a EJA, distribuídas de forma breve o contexto histórico, o diagnóstico e as diretrizes, no que se trata das metas da EJA essas são apresentadas de forma tímida na seção do ensino fundamental.

Nos documentos locais, localizamos que as últimas alterações de que trata a EJA no município são de cunho sobre oferta e funcionamento dos estabelecimentos de ensino e da modalidade. Com a Resolução Municipal nº 0131/2010 foi estabelecido as diretrizes para funcionamento e a Resolução nº 003/2014 de 14 de novembro, foi concedida a autorização para a instituição da Matriz Curricular da EJA, a partir desta a EJA divide-se etapa por semestre com matrícula a cada etapa. Entendemos que, a oferta da modalidade em matrícula única em ano letivo, é nocivo para o itinerário

formativos dos sujeitos, esta condiciona os sujeitos nos casos de interrupções, só retornar aos estudos no próximo ano letivo.

A mudança do funcionamento no sentido as divisões por etapa, pode ser entendida como um caráter inclusivo, pois oferecem maior condição e oportunidade de acesso e permanência aos educandos ao longo do ano letivo.

O primeiro objetivo específico foi apontar os documentos locais prescritos que tratem da EJA em Estância, Sergipe, pós BNCC. Assim, após levantamento documental, foi identificada uma iniciativa da rede em ofertar uma educação pública voltada para a classe trabalhadora fundamentada numa pedagogia crítica.

Em meio às discussões nacionais acerca dos currículos, o município de Estância inicia a mobilização para a implantação da PHC como linha pedagógica e a Casa do Professor como espaço coletivo para formação continuada. Discussões e mobilização iniciadas em 2017, é através da Resolução nº 15 de 12 de novembro de 2021 que a PHC é regulamentada como linha pedagógica na rede.

A Casa do Professor nível de estrutura ainda em trâmite de regulamentação e estruturação, já sua “personificação” é através do GTs, com estes realizando momentos de discussões e formação com professores, é hoje o coletivo docente estanciano.

Ao passo do registro das considerações finais desta pesquisa, por vezes os olhos enchem-se de brilho, o “brilho” que só uma escrita envolta do agregar e pertencer que só à docência permite experienciar. Remontamo-nos ao Barco de Fogo que ao ser disparado na avenida, este é envolto das faíscas dos busca-pés e enche de brilho os olhos dos admiradores.

O segundo objetivo foi destacar práticas pedagógicas reais vivenciadas no chão da escola- o currículo vivido. Entre outros achados da pesquisa, temos os esforços da escola, através de seus projetos em trazer a realidade vivida pelos educandos e os elementos que os define como espaço de construção de identidade.

Ao adentrarmos a escola, iniciamos nosso estudo no Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Senador Júlio César, encontramos duas ações, uma direcionada específica e a outra para toda a escola com forte participação dos educandos da EJA.

A primeira a ação é Respeito, Paz e Dignidade nas Relações Humanas, percebemos que a escola de certo modo anuncia a necessidade de uma política

pacificadora na sociedade, que supere uma visão romântica da paz, limitada a atos simbólicos que não atenuam os números da violência para uma política que garanta que sujeitos da EJA, jovens negros, mulheres, pessoas de religiões de matrizes africanas, população LGBTQI+, ribeirinhos, povos tradicionais não sejam vistos como números das estatísticas de morte violenta por crimes de ódio.

A segunda ação é Forrofiando no Júlio: De São João a Gente Entende, que por sua vez afirma a identidade cultural estanciana. Saber sua história é antes de tudo saber a história do seu povo, e através dessa proposta a escola consegue legitimar a presença de homens e mulheres que fazem a história da cidade no ambiente institucionalizado. Nesta ação, durante dois meses a escola utiliza diversas estratégias para abordar os festejos juninos enquanto identidade estanciana.

A pesquisa mostrou que ação é pontual, uma iniciativa da escola através de um projeto bimestral, considerando válido os esforços e o movimento ocorrido na escola e mesmo este por vezes centralizar nas expressões culturais sem relacionar com afincos questões elencadas pelos entrevistados tais como cidadania, geração de renda, ainda assim aponta a expansão desta ação relacionadas ao mundo do trabalho como estratégia de oferta de uma EJA que pensa seus conteúdos com a história de seus sujeitos.

Colocar nos corredores e pátio da escola, o buscapé, o barco de fogo, os quitutes de mangaba, as delícias do aratu e saborear isso ao som dos chinelos de madeira no ritmo da batucada, evidencia que para além do conteúdo programático a escola se faz de gente, do povo e com o povo.

Buscamos trazer na pesquisa o diálogo entre Freire e Arroyo, por estes entrelaçarem suas narrativas de forma tão próximas. Freire traz uma docência marcada pela amorosidade humana, sendo ela também um ato de rebeldia, pois só amando o ser humano é possível, indignar-se, rebelar-se contra os processos de desumanização. Arroyo traz a pluralidade como condição para uma educação integral para os sujeitos, essa pluralidade do ser e do existir, numa relação única entre educando e educador; ele coloca ambos no centro do processo da educação.

Sendo o nosso estudo em uma escola da educação básica, com a oferta da EJA no noturno e outras modalidades no diurno, possibilitou perceber a busca por integrar a EJA às demais ações da escola, um passo importante para a permanência do funcionamento da EJA, se considerarmos os históricos de distanciamento nas

atividades desenvolvidas no ensino diurno. Detalhes como estes fizeram da Escola Municipal Senador Júlio César Leite, espaço de significância para a pesquisa.

Nosso terceiro objetivo específico foi elencar elementos para a formação continuada de professores para a Casa do Professor, neste sentido, buscamos através da entrevista entender como os educadores percebem o currículo vivido, na pesquisa categorizada como Chão da Escola e a formação continuada categorizada como Casa do Professor.

A análise dos registros da entrevista, na categoria Chão da Escola, manifestou a relação dos sujeitos com a subjetividade humana, quando os entrevistados manifestaram que o diferencial de sua escola estava em acolher os sentimentos dos educandos, emergindo daí a amorosidade de Freire e a humanidade de Arroyo, no processo educativo, sem perder o ato político, uma vez que esta acolhida é uma manifestação para a permanência desses sujeitos, e permanecer nas salas de EJA, é, sobretudo, direito.

Outro aspecto elencado nessa categoria foi a “trajetória cidadã e sua vida no dia a dia”, esse elemento traz à tona as questões dos direitos. A cidadania é materializada quando os sujeitos têm acesso a bens e serviços que garantam sua integridade humana, para que essa trajetória não seja por diversas vezes interrompida. Quando os entrevistados trazem a vida no dia a dia, questões do sujeito e suas relações com o seu meio foram destacadas.

Na categoria Casa do Professor, os entrevistados propuseram temas que eles compreendem como necessários para uma formação, sendo eles: responsabilidade e cidadania, agricultura familiar e geração de renda, as nossas crenças, educação inclusiva.

Também através da pesquisa foram evidenciados dois outros elementos importantes. De um lado a carência de formação continuada para docentes, do outro educadores com mais de cinco anos de vivências. Tem-se então sujeitos sem uma formação para EJA, porém com laços fortes de pertencimento.

Outro elemento no achado da pesquisa é o processo de organização e regulamentação da Casa do Professor. Os registros específicos apontam para reuniões e iniciais e uma construção em andamento, sendo a Casa do Professor, para além de espaço físico e formalidade institucional. Sua proposta apresenta-se como

potencial de tornar-se um coletivo com notórias contribuições para a educação estanciana.

Mesmo a Casa do Professor hoje, estando personificada através dos encontros dos GTs, apontamos aqui a necessidade da celeridade para sua institucionalização, através de uma minuta de resolução.

A pesquisa teve como seu recorte principal currículo vivido, pensar em como acolher esse currículo, como construir esse currículo de vida, como considerar que a vivência desse sujeito educando da EJA seja considerado no ambiente escolar é pensar em formação docente.

Uma formação que ultrapasse os limites da institucionalização e mera instrumentalização do fazer docente, uma formação que amplie e possibilite que a educação abra caminhos para que educadores e educandos, do fogueteiro a catadora de mangaba e demais trabalhadores, encontrem seu espaço e sintam-se pertencentes.

Como resultado da pesquisa, na perspectiva de uma educação contra-hegemônica e inspirados no diálogo entre Arroyo e Freire, propomos como produto final, uma proposta de formação continuada, através de ciclos formativos, com os temas que contemple as manifestações expressadas pelos entrevistados que será apresentado ao “Coletivo Casa do Professor”.

Compreendendo ciclo formativo, como espaço de tempo que se inicia e finda num movimento circular de aprendizagem, onde se experiencia troca de saberes, e ancorados nos princípios freirianos, a criticidade, a reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, apreensão da realidade propomos a proposta de ciclos formativos

Chegamos aqui com a certeza que a pesquisa não finda, que a ciência se movimenta em torno das perguntas e com o registro desse estudo, anunciamos, a partir deste estudo, que o currículo prescrito, ainda que seja pensado e desenhado dentro de elementos de uma sociedade democrática, se este não tiver o protagonismo dos sujeitos este está fadado a tornar-se mera obrigatoriedade burocrática.

Manifestamos desejos que esta pesquisa possa suscitar outros estudos sobre a temática, currículo vivido, práticas pedagógicas e a formação de professores em EJA. Compreendemos como salutar, uma formação continuada, construída a partir da

escuta sensível dos sujeitos que com suas práticas ainda mantêm a EJA “pulsante”, e reintegramos a concepção de currículo vivido ao currículo de vida.

O ciclo junino vai se aproximando do fim, as bandeirolas vão sendo retiradas, os trajes guardados, pelas ruas só as tabocas queimadas, as cinzas da fogueira e o sentimento no peito do estanciano de ter feito mais um capítulo da história dessa cidade, um misto de sentido divide-se entre: os registros do que viveu e o pensamento no que ainda virá. Portanto, finalizamos a escrita através da composição de Amorosa¹⁹: “Acorda fogueteiro, pisa pólvora no ar, buscapé, Barco de Fogo o Forró vai começa.”

¹⁹ Cantora, compositora, jornalista, autora de 3 livros, vencedora de vários prêmios como cantora, destacando o Festival Canta Nordeste e Festa da Música Brasileira. Sua voz foi ouvida em mais de 80% dos Estados Brasileiros, além dos países da Alemanha e da Áustria. Gravou 6 cd's solos, sendo eles: Iluminada, brejeira, tributo, aldeia, mulher nordestina, um canto a Sergipe. Biografia disponível em: <https://www.youtube.com/watchv=QNRSS8WGOhw>
Música disponível em: <https://www.letras.com.br/antonia-amorosa/biografia>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, A. SANTOS FILHO, A.P. VIÑAL JÚNIOR. J, V. **O Ensino de Língua Inglesa e os Sujeitos da EJA: Um Olhar sobre o Livro Didático de Inglês.** Revista X, v.15, n.7, p. 308-330, 2020.

APLLE, Michel. W. **Ideologia e currículo.** Tradução de Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1982.

ARROYO, M. **Currículo, território em disputa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel González. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos.** *In:* Seminário Nacional sobre formação do Educador de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARROYO, Miguel. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** *In:* SOARES, Leôncio; GIOVAN ETTI, Maria Amélia;

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens.** 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** 2 ed. Petrópolis: Vozes 2014.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, G. Miguel. **Ofício de mestre: Imagens e autoimagens.** Petrópolis: Vozes, 2000

BAHIA. **TOPA: Todos Pela Alfabetização: Bahia 2007-2014.** Organizadores: Francisca Elenir Alves e Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. **Constituição.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2015.

CENTRAL do Brasil. Direção de Walter Salles. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 1998. 1 DVD (113 min.).

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. Conselho Nacional de Educação. (CNE). Câmara de Educação Básica. Parecer n.º 11, de 10 de maio de 2000. Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação De Jovens E Adultos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 09 de jun. 2000 a.

DE ALMEIDA SILVA, Fernanda Mirelle; DE ALBUQUERQUE AQUINO, Mirian. **O olhar multicultural de Paulo Freire como uma prática de cidadania na educação: busca e recuperação.** Disponível em> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-mirian-silva-fernanda-olhar-multicultural.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

DECRETO. Disponível em:
<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390773#:~:text=Dispõe%20sobre%20a%20decretação%20de,06%20de%20fevereiro%20de%202020>. Acesso: 05 jan. 2022.

DE OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; DOS SANTOS, Tânia Regina Lobato. **Paulo Freire e os estudos curriculares na América Latina e nos Estados Unidos.** Educação Online, v. 13, n. 29, p. 130-145, 2018.

DIÁRIO DO AVOANTE. Disponível em:
<https://diariodoavoante.wordpress.com/2013/12/10/indiaroba-a-terra-do-divino/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

EYNG, Ana Maria. **Currículo e avaliação:** duas faces da mesma moeda na garantia do direito à educação de qualidade social, Revista Diálogo Educacional, v. 15, n. 44, Champagnat, Curitiba, 2015.

EYNG, Ana Maria. **Educação em Direitos humanos no currículo escolar:** o projeto político pedagógico como espaço de garantia ou violação de direitos. In: Ana Maria Eyng. (Org). Direitos humanos e violências nas escolas: desafios e questões em diálogo. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, v. 1, p. 29-58.

EUGÊNIO, B. G. **O currículo na educação de jovens e adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em belo horizonte**, 2004. Disponível em:
http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_EugenioBG_1.pdf. Acesso em: 04 abr. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANÇA, Vera Lúcia; GRAÇA, Rogério Freire. **Vamos conhecer Estância.** Estância: Prefeitura Municipal, 2000. 119 p.

FARIA, E. M. da S. de. (2009). **O percurso formativo dos professores/pesquisadores da EJA na contemporaneidade**. Práxis Educacional, 5(7), 151-164. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/607>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3.ed.Porto Alegre: Artemed, 2009.

FERNANDES, Lyerka Kallyane Ramos. **Método De Pesquisa Qualitativa: Usos e Possibilidades** [online]. Psicologado, (2014) FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx2106200706.htm>. Acesso em: 06 jan. 2022

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GEOGRAFIA NORDESTE. Disponível em: <https://geografianordeste.wordpress.com/2017/06/07/repente-e-embolada/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO REPÓRTER. Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-6004-2-99624,00.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogo na educação de jovens e Adultos**. 4. ed. Autêntica: Belo horizonte, 2011.

GOMES. Robertta de Jesus. **Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e ressignificação em Estância/SE** /– São Cristóvão, SE 2017.

HADDAD, Sérgio e PIERRO, Maria Clara Di. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p.108-130, mai-ago. 2000.

HADDAD, Sérgio e PIERRO, Maria Clara Di. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 maio 2019.

IMBENÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IPATRIMONIO. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/estancia-barco-de-fogo/#/map=38329&loc=-11.27265000000013,-37.429732000000016,17>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MACEDO, Lino de. Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica. *In*: **BRASIL**. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica. Brasília, 2005a. p. 13-28. Disponível em: <http://www.nota10serie.com.br/wpcontent/uploads/FundamentoTeoricoMetodologico1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

MACEDO, R. S. Chrysallís. **Currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multireferencial e o currículo contemporâneo**. Salvador, Edufba, 2002.

MINAYO, M.C. de S. (2010). **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. Capítulo 3: Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed. Vozes: Petrópolis, 2009.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 15-38, 2002.

PAIXÃO, J. C. DA; PEREIRA, F. M.; PAIXÃO, C. S. DE S. **Formação continuada de professores e as questões étnico-raciais no contexto da educação de jovens e adultos**. *Revista Ensin@ UFMS*, v. 1, n. 5, p. 31-50, 29 dez. 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões**. *In*: PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (orgs.) Educação de jovens e Adultos, Petrópolis: DP et al 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. PAIVA, Jane. PASSOS, Mailsa Carla Pinto. **Currículo em EJA: práticas culturais, direito de aprender por toda vida e ecologia de saberes**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 54, n. 42, p. 113-134, set./dez. 2016

PACHECO, Eduardo Felipe Hennerich. **Aspectos Históricos da Teorias de Currículo.** In: **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação,** Curitiba. 2019. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23349_11677.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular.** Educação popular e educação adultos. São Paulo: Loyola, 6 ed. 2003.

PARANHOS, Ranulfo. et al. **Uma introdução aos métodos mistos.** Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº42, P. 384-411, mai/ago 2016.

PROEX. Disponível em: <http://proex.uefs.br/arquivos/File/JORNALFUXICO50.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2022.

REIS DOS SANTOS, J. J. (2010). **Especificidades dos saberes para a docência na educação de pessoas jovens e adultas.** *Práxis Educacional*, 6(8), 157-176. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/623>. Acesso em: 23 fev. 2021.

REIS DOS SANTOS, J. J. Saberes necessários para docência da educação de jovens e adultos 2011 tese. UFRN, Natal, 2011

REIS DOS SANTOS, J. J BENEDITO Eugenio. NUNES, Cleiton Santos. **Práticas Curriculares de Docentes da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas.** Revista Humanidades e Inovação v.7, n.7.7 – 2020

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 15 ed. São Paulo: Autores Associados, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 9 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** São Paulo: Autores Associados, 2007.

SANTOS, J.; PEREIRA, M. **Educação de Jovens E Adultos: Um Currículo Que Demanda Mais Atenção.** Educere, XIII Congresso Nacional de Educação

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, L.J.G. **Processos de inclusão e exclusão na educação de jovens e adultos. Presença Pedagógica.** Belo Horizonte, Editora Dimensão, v.6,n.30, nov./dez. 1999.

SOUNDCLOUD. Disponível em: <https://soundcloud.com/catadoras-de-mangaba/sets/catadoras-de-mangaba-querer-rodar-com-as-griots-na-restinga-sergipana> . Acesso em: 16 nov. 2021.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. nº13. Jan/Fev/Mar. 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4 ed. Rio de Janeiro:Vozes,2002.

VERA MATTOS. Disponível em::

<http://verammattos.blogspot.com/2012/08/capinzinho-teimoso.html> . Acesso em: 12 nov. 2021.

VIÑAL JUNIOR, José Veiga. **O componente curricular da EJA no projeto dos cursos de língua estrangeira da UNEB**: uma perspectiva para a emancipação – UNEB, Salvador, 2015.

VISITE O BRASIL.

<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/sergipe/folclore/conheca/batucada> . Acesso em 21 nov.2021.

ANEXOS

1. Matriz Curricular da EJA em Estância, Sergipe.

PREFEITURA DE ESTÂNCIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MATRIZ CURRICULAR EJA – ENSINO FUNDAMENTAL I E II

Aprovado pelo Conselho Municipal de Educação do Município de Estância/SE em: 13/11/2014

Janis dos Santos

Presidente do CONMEE
Decreto nº 5061/2014

Semanas – 40
Dias letivos anuais – 200
Dias letivos semestrais – 100
Dias letivos semanais – 05
Número de aula semanal – 20 aulas
Carga horária anual – 800 horas

I ETAPA – equivale ao 2º e 3º ano;
II ETAPA – equivale ao 4º e 5º ano;
III ETAPA – equivale ao 6º e 7º ano;
IV ETAPA – equivale ao 8º e 9º ano.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DAS 18h30min ÀS 22h40min.

ÁREAS	DISCIPLINA	FUNDAMENTAL I																C.H.	
		I ETAPA				II ETAPA				FUNDAMENTAL II									
		AS1	AS2	AS1	AS2	AS1	AS2	AS1	AS2	III ETAPA				IV ETAPA					C.H.
I. Língua, Códigos e suas Tecnologias.	Língua Portuguesa	05	100	05	100	05	100	05	100	400	05	100	05	100	05	100	05	100	400
	Artes	02	40	02	40	02	40	02	40	160	01	20	01	20	01	20	01	20	80
II. Ciências da Natureza.	Educação Física	01	20	01	20	01	20	01	20	80	01	20	01	20	01	20	01	20	80
	Ciências	02	40	02	40	02	40	02	40	160	02	40	02	40	02	40	02	40	160
III. Matemática e suas Tecnologias.	Matemática	05	100	05	100	05	100	05	100	400	05	100	05	100	05	100	05	100	400
	Geografia	02	40	02	40	02	40	02	40	160	02	40	02	40	02	40	02	40	160
IV. Ciências Humanas e suas Tecnologias.	História	02	40	02	40	02	40	02	40	160	02	40	02	40	02	40	02	40	160
	Ensino Religioso	01	20	01	20	01	20	01	20	80	01	20	01	20	01	20	01	20	80
TOTAL DE AULAS		20	400	20	400	20	400	20	400	1600	19	380	19	380	19	380	19	380	1520
ERSIFICADA		20	400	20	400	20	400	20	400	1600	20	400	20	400	20	400	20	400	1600
TOTAL GERAL DE AULAS		20	400	20	400	20	400	20	400	1600	20	400	20	400	20	400	20	400	1600
TOTAL GERAL DE CARGA HORÁRIA		20	400	20	400	20	400	20	400	1600	20	400	20	400	20	400	20	400	1600

AS1 – equivale as aulas semanais;
AS2 – equivale as aulas semestrais.
Cada etapa corresponde a duas fases, sendo que cada fase corresponde a um semestre.

As aulas terão a duração de 60 minutos, com intervalo de 10 minutos;
Os temas transversais devem ser trabalhados em todas as disciplinas;
História e Geografia de Sergipe serão destacadas nos conteúdos programáticos de História e Geografia;
Os conteúdos de História e Cultura Afro Brasileira e indígena serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Artes e História. E o conteúdo música em Artes.

Fonte: Conselho Municipal de Educação de Estância, Sergipe

2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA EDUCADORES

Este formulário é uma entrevista semiestruturada destinado à escuta sensível dos educadores da Educação de Jovens e Adultos-EJA da Escola Municipal Senador Júlio César Leite. O objetivo é identificar seus conhecimentos acerca do currículo prescrito e o currículo vivido no chão da escola nas práticas docentes diárias. Este dispositivo faz parte do percurso metodológico da pesquisa: **“Do chão da escola à casa do professor DA ESCOLA À CASA DO PROFESSOR**: um estudo entre o currículo prescrito e o vivido para a Prática Pedagógica da EJA na Escola Municipal Senador Júlio César Leite em Estância- Sergipe”, da mestranda Ivoneide Cardeal da Silva através do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos /MPEJA da Universidade Estadual da Bahia sobre orientação da Professora Dr^a Edite Maria da Silva Faria.

*Obrigatório

Nome(opcional)

E-mail *

Assinale o pertencimento étnico-racial o qual você se identifica *

- () Preto
- () Branco
- () Pardo
- () Indígena
- () Amarelo
- () Não sei identificar.
- () Outro:

Assinale o gênero com o qual você se identifica: *

- () Feminino
- () Masculino
- () Não-Binário
- () Transgênero
- () Cisgênero
- () Prefiro não responder
- () Outro:

Nível de formação profissional

Identifique o seu grau de escolaridade: *

- () Graduação Completa
- () Graduação incompleta
- () Especialista
- () Mestrando(a)
- () Mestre(a)
- () Doutorando(a)
- () Doutor (a)
- () Demais formações.

Tempo de atuação na EJA: *

- () Até um ano
 () 2 a 5 anos
 () 6 a 10 anos
 () 11 a 15 anos
 () mais de 15 anos

Identifique em qual segmento você ATUA na Educação de Jovens e Adultos: *

- () Anos Iniciais - Ensino Fundamental I
 () Anos Finais – Ensino fundamental II

Assinale sua área de atuação na Educação de Jovens e Adultos-EJA: *

- () Pedagogia (Anos Iniciais)
 () Linguagem (Artes e Atividades Laborais, Língua Portuguesa, Redação, Língua Estrangeira)
 () Matemática
 () Humanas (História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Ensino Religioso)
 () Ciências da Natureza (Ciências, Biologia, Química, Física)

Você possui alguma formação direcionada (específica) à Educação de Jovens e Adultos? *

- () Sim
 () Não

Se sua resposta foi "sim" a questão anterior, qual a formação? *

Há distância entre o prescrito e o vivido? O que você/sua escola consegue fazer que é particular, diferente, que não está necessariamente nos documentos?

Na perspectiva de currículo vivido, proponha um tema gerador que você considera necessário para construir uma proposta de formação docente voltada para EJA em Estância, Sergipe.

***Os dados inseridos aqui serão utilizados para pesquisa em EJA e poderão ser utilizados em publicações de artigos ou semelhantes, desde que de forma anônima – os dados pessoais NÃO SERÃO DIVULGADOS. ***

- () Estou ciente.

3 ROTEIRO DA RODA CONVERSA

DA RODA CONVERSA: O QUE ME IDENTIFICA?

1º momento (Acolhida)

Os participante serão recebidos com a canção das mangabeiras.

Acolhida: Exibição da música das Mangabeiras

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=jZI-dMNKIT0&t=49s>

Em seguida, a pesquisadora dará as boas vindas com o fragmento do livro À sombra da Mangabeira de Paulo Freire:

“As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento.” (Paulo Freire, 2015)

E fará uma breve apresentação sobre o material:

Quero ver rodar... com as griôs na restinga sergipana

Segundo disco realizado pelo Projeto das Catadoras de Mangaba, gerando renda e tecendo vida em Sergipe. Entre adeuses e coqueiros, um canto de guriatá se anuncia. São as Mangabeiras. Catadoras de sonhos; cantantes e estrelas que despertam nas areias da restinga. São mulheres que sabem que quem parte leva saudade, e quem fica também chora. Mulheres que elevam o canto à memória do tempo. E fazem nascer o vigor da música como uma flor. Quando o dia clareia, Clareou. Besouros voam por terras férteis. O verso, a prosa, a letra, tudo se desfaz e revoa traçando uma linha que é infinita entrando pelo ouvido e fazendo lembrar afetos. Mulheres movidas pela delicadeza da força de não serem frágeis. Na corrente de mãos fortes que semeiam a terra e os amores. Ah, o amor. O ciclo de todos os amores colhidos de tarde. São sonhos inexplicáveis, feiticeiros. Chapéu alto, copa fina, fita verde, fivelão! São pequenos cantos em gratidão à vida, mesmo que desafiadoramente árida. O vento que balança a saia. O verso doce das catadoras. Cantadoras. Encantadoras mulheres mangabeiras. No fim são todas rodantes num grande, florido e fabuloso rodete de poesia e (en)cantos. (<https://soundcloud.com/deadwhisper/quilario>

Posteriormente, explicará o significado dos elementos no centro do círculo.

Livros da EJA: A ciência

A bandeira: A escola

As laranjas e as mangabas: o percurso formativo da pesquisadora e a relação a representatividade do fruto com o município.

Uma replica do barco de fogo: O patrimônio cultural estanciano.

A palavra EJA: Os sujeitos educadores e educandos.

2º momento: Em movimento circular cada participante expressará num pedaço de papel as seguintes provocações:

1ª rodada- 01 palavra que identifica a EJA na cidade de Estância.

2ª rodada- 01 palavra que identifica sua escola.

A mediadora conduzirá a organização do tempo para cada participante, sempre respeitando o a organização e conclusão das ideias dos participantes presentes. Durante esse momento, terá como fundo musical o material das Catadoras de Mangabas utilizado no acolhimento.

3º momento:

Encerramento e agradecimento, destacando o gesto concreto de pensar a EJA partindo de cada palavra que será apresentada, com a frase de Miguel Arroyo: “Uma educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. Arroyo (2007, p.7),

Recursos

- ✓ Notebook,
- ✓ Caixa de som,
- ✓ Data show,
- ✓ Vídeo previamente baixado:
No centro do círculo tem:
- ✓ Tiras de papel coloridos,
- ✓ Canetinhas coloridas,
- ✓ Um pouco de mangaba e de laranja em pratos.
- ✓ A palavra EJA (E.V.A)
- ✓ O escudo da escola ou bandeira,
- ✓ Livros de Freire e Arroyo,
- ✓ Livros da EJA,
- ✓ Cadeiras organizadas previamente em círculo,
- ✓ Elementos no centro,
- ✓ Uma replica do barco de

